

O insucesso escolar na escola do 1º ciclo Nossa Senhora da Sabedoria – Lobito/Benguela-Angola

Francisco Belo

Dissertação de Mestrado em Administração e Gestão da Educação

Orientação: Professor Doutor João Carlos Machado de Sousa

Setembro, 2017



UNIVERSIDADE PORTUGALENSE

Francisco Belo

**O insucesso escolar na escola do 1º ciclo Nossa Senhora da Sabedoria –
Lobito/Benguela-Angola**

Dissertação apresentada na Universidade Portucalense Infante D. Henrique para
obtenção do grau de Mestre em Administração e Gestão da Educação, sob a
orientação do Professor Doutor João Carlos Machado de Sousa

Departamento de Psicologia e Educação

Setembro 2017



UNIVERSIDADE PORTUCALENSE

PENSAMENTO

*O melhor deve ser aplicado para
melhorar ou superar o que não está
bem*

(Anónimo)

DEDICATÓRIA

Dedico esta obra a Deus, para que seja inspirada de modo a servir de apoio aos outros investigadores, assim como a nova geração.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus, que me deu a vida e as faculdades mentais para exercer atividades valiosas.

Agradeço a minha esposa e filhos, que aceitaram conformarem-se com a crise económica, priorizando financeiramente a formação do marido e pai respetivamente em tempo determinado.

Agradeço aos meus Professores do Curso de Especialização, que me capacitaram até ao grau de conseguir fazer este trabalho.

Agradeço muito à Professora Doutora Isabel V. Freitas, que me encorajou, logo no início, a prosseguir sem desistir na investigação do tema em referência.

Agradeço ao coletivo da Escola do I Ciclo Nossa Senhora da Sabedoria-Lobito, em especial o Diretor Dr. Angelino Januário, que foram sempre abertos e dispostos a facilitar a aplicação do Inquérito na Escola, seria ingratidão esquecer os alunos que forneceram dados que tanto valeram na investigação desse trabalho.

Aos anónimos que, direta ou indiretamente, me apoiaram, o meu obrigado!

Por último, agradeço muito ao meu grande amigo, carinhoso e paciente Professor Doutor João Carlos Machado de Sousa, que soube guiar-me até ao acabamento dessa valiosa obra; o meu muitíssimo obrigado!

RESUMO

O Insucesso Escolar vem sendo objeto de várias investigações no decorrer do tempo, pelo facto da sua importância para a vida profissional, pessoal, social e emocional do indivíduo.

Esta investigação visou relacionar o insucesso escolar dos alunos da 9ª Classe na Escola do 1º Ciclo Nossa Senhora da Sabedoria – Lobito, nos anos 2013/2014, através de um estudo, fundamentalmente, descritivo. Em simultâneo, pretendemos saber qual a perceção dos professores correlação o insucesso escolar, para tentar aproximar-nos da realidade dos factos; formulou-se, algumas hipóteses de investigação que nos revelaram alguns fatores que estão na base do insucesso escolar, registado em dois anos letivos escolares, como por exemplo: falta de acompanhamento dos pais/encarregados de educação, as condições socioeconómicas, a distância, a falta de competência dos professores, problemas de saúde, falta de motivação dos alunos, falta de tempo para os estudos, a dificuldade de compreender as explicações dos professores e a indisciplina na sala de aula.

Numa primeira análise dos dados fizeram-nos crer e perceber que existem alguns fatores influentes que precisamente devem ser bem contornados. Por esta razão, com a presente investigação concluímos e recomendamos aos alunos, professores, encarregados de educação e a todas forças vivas que direta ou indiretamente envolvem-se no Processo de Ensino Aprendizagem (PEA) o empenho com toda a dedicação e responsabilidade para o sucesso escolar.

Palavra-Chave: Insucesso, Escolar.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I: ENQUADRAMENTO TEÓRICO	14
Introdução	15
1.1- O Sistema Educativo Angolano	15
1.1.1 - A educação pré-escolar	16
1.1.2 - Subsistema de Ensino Geral	17
1.1.3 - Ensino técnico profissional	18
1.1.4 - Ensino Superior	18
1.1.5 - Educação Especial.....	18
1.1.6 - Educação extra-escolar.....	19
1.1.7 - A Formação de Professores.....	20
1.2 - O (in)sucesso Escolar	20
1.2.1- Possíveis origens e conceitualizações do Insucesso Escolar.....	21
1.2.2 - Teorias explicativas do insucesso escolar	25
1.2.2.1 - Teoria dos dotes individuais.....	26
1.2.2.2 - Teoria do handicap sociocultural	26
1.2.2.3 - Teoria socioinstitucional	27
1.2.2.4 - Teoria Ecológica	28
1.2.3 - Fatores influentes no (in)sucesso escolar	29
1.2.3.1 - Fatores pessoais.....	30
1.2.3.2 - Fatores Escolares.....	34
1.2.3.3 - Fatores Familiares	40
1.2.3.4 - Fatores socioculturais e estrutura familiar	43
1.2.4 - Consequências do insucesso escolar nos alunos	47
1.3 - A administração e gestão da escola: o diretor e outros órgãos de gestão.....	48
1.3.1 - Órgãos de Direção.....	48
1.3.2 - Órgãos executivos	49
1.3.3 - A organização da escola: recursos pedagógicos, metodologias de ensino.....	50
1.4 - Organização e gestão curricular	51
1.4.1 - Intervenientes na gestão curricular e pedagógica.....	53
1.5 - Caracterização da escola e da comunidade educativa.....	54
1.5.1.- População discente e docente/2013 e 2014.....	56
CAPÍTULO II - METODOLOGIA	58
Introdução.....	59
2.1 - População e Amostra.....	60

CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	62
Introdução	63
3.1 - Instrumentos de análise	63
3.2 - Procedimentos usados	63
3.3 - Questionário Multifatorial do Insucesso Escolar (QMIE)	68
3.3.1 - Apresentação dos Resultados obtidos a partir do questionário Multifatorial do Insucesso Escolar aplicado aos alunos.	69
3.3.2 - Apresentação dos Resultados obtidos a partir do questionário Multifatorial do Insucesso Escolar aplicado aos professores.....	78
3.3.3 - Apresentação dos Resultados obtidos a partir do questionário Multifatorial do Insucesso Escolar aplicado aos P/EE.....	83
CAPÍTULO IV – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	90
Introdução	91
4.1- As causas do insucesso escolar e eventuais sugestões para o seu combate	93
4.1.1 - Falta de acompanhamento dos pais/Encarregados de Educação:	96
4.1.2 - As condições socioeconómicas:	97
4.1.3 - Distância a percorrer para ir à escola:	98
4.1.4 - A (in) competência dos professores:	99
4.1.5 - Problemas de Saúde:	99
4.1.6 - A (des)motivação dos alunos:	100
4.1.7 - Pouco tempo para estudar:	101
4.1.8 - Dificuldades em compreender as explicações dos professores:.....	101
4.1.9 - A indisciplina na sala de aula:.....	102
CONCLUSÕES.....	105
RECOMENDAÇÕES.....	108
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	109
ANEXOS	115
Anexo 1: Programação	113
Anexo 2: Inquérito por questionário.....	114
Anexo nº 3: BASE DE DADOS	118

Índice de Figuras

Figura 1 - Organograma do Sistema Educativo Angolano.....	16
Figura 2 - Organograma da escola	50

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Modelos de interpretação das finalidades da educação.....	25
Tabela 2 - Plano de Estudos	52
Tabela 3 - Descrição da estrutura física da escola.....	55
Tabela 4 - Caracterização do corpo discente por classe, turno e género e do corpo docente /2013 ..	57
Tabela 5 - Caracterização do corpo discente por classe, turno e género e do corpo docente por /2014	57
Tabela 6 - Caracterização da Amostra 2013 e 2014.....	60
Tabela 7 - Género dos Pais/Encarregados de Educação (GP/EE).....	64
Tabela 8 - Idade dos Pais/Encarregados de Educação (IP/EE)	65
Tabela 9 - Profissão dos Pais/Encarregados de Educação (PP/EE)	66
Tabela 10 - Habilitações Literárias dos Pais/Encarregados de Educação (HLP/EE).....	67
Tabela 11 - Agregado familiar dos alunos	68
Tabela 12 - Vezes de reprovações.....	69
Tabela 13 - Motivos das reprovações.....	70
Tabela 14 - Frequência de estudos depois das aulas	71
Tabela 15 - Local onde costumam estudar.....	72
Tabela 16 - Pedido de ajuda	73
Tabela 17 - Disciplina que os alunos possuem maiores dificuldades	74
Tabela 18 - Fatores que estão na base do insucesso escolar	75
Tabela 19 - Consequências do insucesso escolar	76
Tabela 20 - Estratégias sugeridas para o combate ao insucesso escolar	77
Tabela 21 - Motivos das reprovações.....	78
Tabela 22 - Disciplina que os alunos possuem maiores dificuldades	79
Tabela 23 - Fatores que estão na base do insucesso escolar	80
Tabela 24 - Consequências do insucesso escolar	81
Tabela 25 - Estratégias utilizadas para combate ao insucesso escolar	82
Tabela 26 - Vezes de reprovações.....	83
Tabela 27 - Motivos das reprovações.....	84
Tabela 28 - Disciplina que os filhos possuem maiores dificuldades.....	85
Tabela 29 - Fatores que estão na base do insucesso escolar	86
Tabela 30 - Consequências do insucesso escolar	87
Tabela 31 - Estratégias sugeridas para o combate ao insucesso escolar	88

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Agregações pedagógicas do quadro docente	55
Gráfico 2 - Género	64
Gráfico 3 - Idades dos pais	65
Gráfico 4 - Profissão dos pais	66
Gráfico 5 - Habilitações Literária dos pais.....	67
Gráfico 6 - Grau parentesco	68
Gráfico 7 - Vezes de reprovações	69
Gráfico 8 - Motivações de Reprovações	70
Gráfico 9 - Frequência de estudo	71
Gráfico 10 - Lugar de estudos	72
Gráfico 11 - Pedido de ajuda.....	73
Gráfico 12 - Disciplina que os alunos possuem maiores dificuldades	74
Gráfico 13 - Fatores que estão na base do insucesso escolar	75
Gráfico 14 - Consequências do Insucesso escolar.....	76
Gráfico 15 - Estratégias utilizadas para combate ao insucesso escolar.....	77
Gráfico 16 - Motivações das reprovações	78
Gráfico 17 - Disciplina que os alunos possuem maiores dificuldades	79
Gráfico 18 - Fatores que estão na base do insucesso escolar	80
Gráfico 19 - Consequências do insucesso escolar.....	81
Gráfico 20 - Estratégias utilizadas para combate ao insucesso escolar.....	82
Gráfico 21 - Vezes de reprovações	83
Gráfico 22 - Gráficos de reprovações	84
Gráfico 23 - Disciplina que os filhos possuem maiores dificuldades	85
Gráfico 24 - Fatores que estão na base do insucesso escolar	87
Gráfico 25 - Consequências do insucesso escolar.....	88
Gráfico 26 - Estratégias sugeridas para o combate ao insucesso escolar	89

Índice de Abreviaturas

- BG – Benguela
- B° – Bairro
- Ed. F. – Educação Física
- Ed. L. – Educação Laboral
- EE – Encarregados de Educação
- EMC – Educação Moral e Cívica
- EVP – Educação Visual e Plástica
- GP/EE – Género dos Pais/Encarregados de Educação
- HLP/EE – Habilitações Literárias dos Pais/Encarregados de Educação
- INIDE - Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento de Educação
- IP/EE – Idade dos Pais/Encarregados de Educação
- L.P – Língua Portuguesa
- LBSEA – Lei de Bases do Sistema de Educação em Angola
- OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico
- PEA – Processo de Ensino-Aprendizagem
- P/EE – Pais/Encarregados de Educação
- PP/EE – Profissão dos Pais/Encarregados de Educação
- QMIE – Questionário Multifatorial do Insucesso Escolar
- REEG – Regulamento das Escolas do Ensino Geral
- PD – Portadores de Deficiências
- ENSS - Escola Nossa Senhora da Sabedoria

INTRODUÇÃO

Este trabalho intitulado *O insucesso escolar na Escola do 1º Ciclo Nossa Senhora da Sabedoria* pretende apresentar antídotos de formas a combater esta *praga* existente em algumas instituições educativas e, ao mesmo tempo, inverter a situação mostrando alguns fatores que possam contribuir para o seu combate, bem como conhecer os principais agentes que intervêm no processo, assim como a responsabilidade partilhada por cada um destes e, em última instância, identificar as variações desses mesmos fatores em função da região onde habitam os alunos.

O problema que se pôs durante muitos anos foi que se considerava como igualdade de aprendizagem somente a igualdade de acesso, menosprezando-se a igualdade de sucesso (Sil, 2004).

O insucesso escolar é visível, por exemplo, na incapacidade manifestada por uma criança, em corresponder positivamente aos objetivos escolares estipulados pela escola. As principais implicações deste insucesso escolar são, sobretudo, as seguintes:

- Abandono da escola antes do fim do ensino obrigatório;
- Reprovações sucessivas que dão lugar a grandes desníveis entre idade cronológica do aluno e o nível escolar;
- Passagem dos alunos para tipos de ensino menos exigentes, em termos cognitivos, que conduzem a aprendizagens profissionais imediatas.

Nessa gama de situações todas, os diversos atores: os alunos; as famílias; os professores, as escolas, cada um deles tem a sua influência no insucesso académico dos alunos.

As consequências do insucesso poderão manifestar-se de formas diferentes, mas está, normalmente, associado a uma forte desmotivação, uma baixa auto estima e um baixo auto conceito académico.

Assim, orientar-nos-á a seguinte pergunta de partida:

Quais os principais fatores subjacentes ao insucesso escolar verificado na escola do 1º ciclo Nª Senhora da Sabedoria – Lobito?

Constituindo-se como principais objetivos deste trabalho:

- Compreender os principais fatores subjacentes ao insucesso escolar verificado na escola do 1º ciclo Nª Senhora da Sabedoria – Lobito;
- Analisar os fatores associados ao insucesso verificado na escola do 1º ciclo Nª Senhora da Sabedoria – Lobito;

- Avaliar as questões mais relevantes do insucesso escolar;
- Desenvolver estratégias de “combate” ao insucesso escolar verificado na escola do 1º ciclo Nª Senhora da Sabedoria – Lobito

Nesta sequência, avançamos com algumas hipóteses explicativas, a saber:

- O insucesso escolar verificado na escola do 1º ciclo Nª Senhora da Sabedoria – Lobito está relacionado com as condições socioeconómicas das famílias e da comunidade envolvente;
- O insucesso escolar verificado na escola do 1º ciclo Nª Senhora da Sabedoria – Lobito tem a ver com as baixas habilitações académicas dos pais/encarregados de educação;
- O insucesso escolar verificado na escola do 1º ciclo Nª Senhora da Sabedoria – Lobito explica-se pelas baixas expectativas em relação à escola.

Assim, em nossa opinião, as principais preocupações do sistema educativo em Angola devem orientar-se no sentido de oferta do serviço educativo para todos, ou seja, deve haver equidade na distribuição deste bem social, para que todos os alunos tenham formal e legalmente a igualdade de oportunidades educacionais, pois a melhoria das condições socioeconómicas das famílias e da comunidade envolvente, proporcionarão a elevação das habilitações académicas dos pais/encarregados de educação e, consequentemente, em nossa opinião, atenuará o insucesso escolar na área geográfica da escola do 1º ciclo Nª Senhora da Sabedoria.

Angola em termos de ensino, no ponto de vista uno e de acordo a realidade vivenciada, ainda é um bebé que encontra-se na fase de *gatinhar*. A guerra civil contribuiu bastante para a crise intelectual que nos encontramos, mas graças o esforço do executivo que com a sua forma de liderança, tudo tem sido feito para tirar o cidadão angolano no obscurantismo e dando-lhe a oportunidade de ganhar uma nova imagem no mundo científico. Hoje em dia, uma parte da população angolana já começou a ter asas para ir até a diáspora à busca de novos horizontes, porém falar de insucesso escolar exige-nos para além de um olhar abrangente sobre o facto a que nos propusemos em abordar, buscar uma reflexão mais profunda voltada às lacunas deixadas pelos nossos ancestrais, de modo esmiuçar esta temática com certos limites tendo em conta a dimensão conceitual do problema na nossa sociedade. A dimensão que o conceito (in)sucesso ganha noutras sociedades não é a mesma com a nossa realidade, pelo simples facto de encontrar-se dividida por duas classes: uma *civilizada*– que encara o processo de ensino aprendizagem como uma prioridade e outra *não civilizada*– aquela

que contenta-se com a realidade rural e, tem como a sua favorita atividade agrícola onde a cultura é vista como algo impecável. Perante esta realidade, a palavra insucesso na sua íntegra dimensão concetual lidera apenas a metade, o que significa que outra ainda vive num mundo obscuro onde o ensino é algo insignificante. Mas no meio desta população ainda existe aqueles que consideram o processo de ensino-aprendizagem como uma maneira de imigrar na civilização. Nesta conformidade e preocupado com a situação, o governo tem implementado projetos educativos, visando expandir a rede escolar até aos mais longínquos moradores do país, com programas de alfabetização para melhorar a qualidade de vida de muitos cidadãos angolanos e ajuda-los a sair do obscurantismo.

Assim, o presente trabalho de investigação, é mais um contributo com informações mais precisas à nossa sociedade sobre o tema que tem criado desesperos principalmente aos profissionais que se sentem muita das vezes insignificantes até mesmo incompetentes por se registar elevados níveis de insucesso escolar ou diversas repetições escolares, no final de cada semestre ou ano lectivo.

No meio de tantas escolas, escolhemos uma para amostra nesta pesquisa que se denomina Escola do 1º Ciclo do Ensino Secundário Nossa Senhora da Sabedoria.

No seu valor artístico e científico pretende promover uma aproximação teórica e prático que permita alcançar a análise de um sistema de indicadores, que integre diversos fatores influenciadores do insucesso escolar, identificando-os, e mobilizando a comunidade educativa, ou seja, aqueles que estão na base, os que acompanham diariamente os alunos da 9ª classe da Escola Católica do 1º ciclo Nossa Senhora da Sabedoria, Alto-Liro. Município do Lobito, nos anos letivos, 2013e 2014, para que criem a necessidade de promover ações que visam uma maior dinâmica de participação, no sentido dos diferentes atores darem o seu contributo para a promoção do sucesso educativo dos alunos.

A sistematização de indicadores, que desde uma perspetiva multifatorial, pode constituir-se em uma ferramenta de análise que integre uma diversidade de perceções dos sujeitos participantes, em seus contextos e favorecer o estudo particularizado de grupos de fatores em correspondência com os objetivos selecionados.

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Introdução

Angola, sendo um país soberano deve reger-se por leis aprovadas por órgãos competentes de soberania. Com aprovação da Lei 13/01 de Dezembro de 2001, *o país passou a viver uma etapa de transição do antigo Modelo de sistema de Educação implementado a partir de 1978, para o novo Modelo de sistema de Educação* (Vieira, 2007, p. 106).

Sobre a carência de estruturas físicas, resumia o ex-Ministro da Educação, Burity da Silva Neto em 1991 citado por Laurindo Vieira, (2007: 147), dizia que *Angola precisa de construir, no mínimo, mil salas de aulas por ano*. Atualmente a política educativa desenvolve-se num clima de tensão e desejo de inclusão do maior número possível de jovens no sistema, visando a obtenção de um número elevado de trabalhadores altamente qualificado.

Tendo em conta as mudanças profundas do sistema socioeconómico, nomeadamente a transição da economia de orientação socialista para uma economia de mercado, surge uma readaptação do Sistema Educativo com vista a responder às novas exigências da formação de recursos humanos, da sociedade angolana. (Preâmbulo da Lei 13/01)

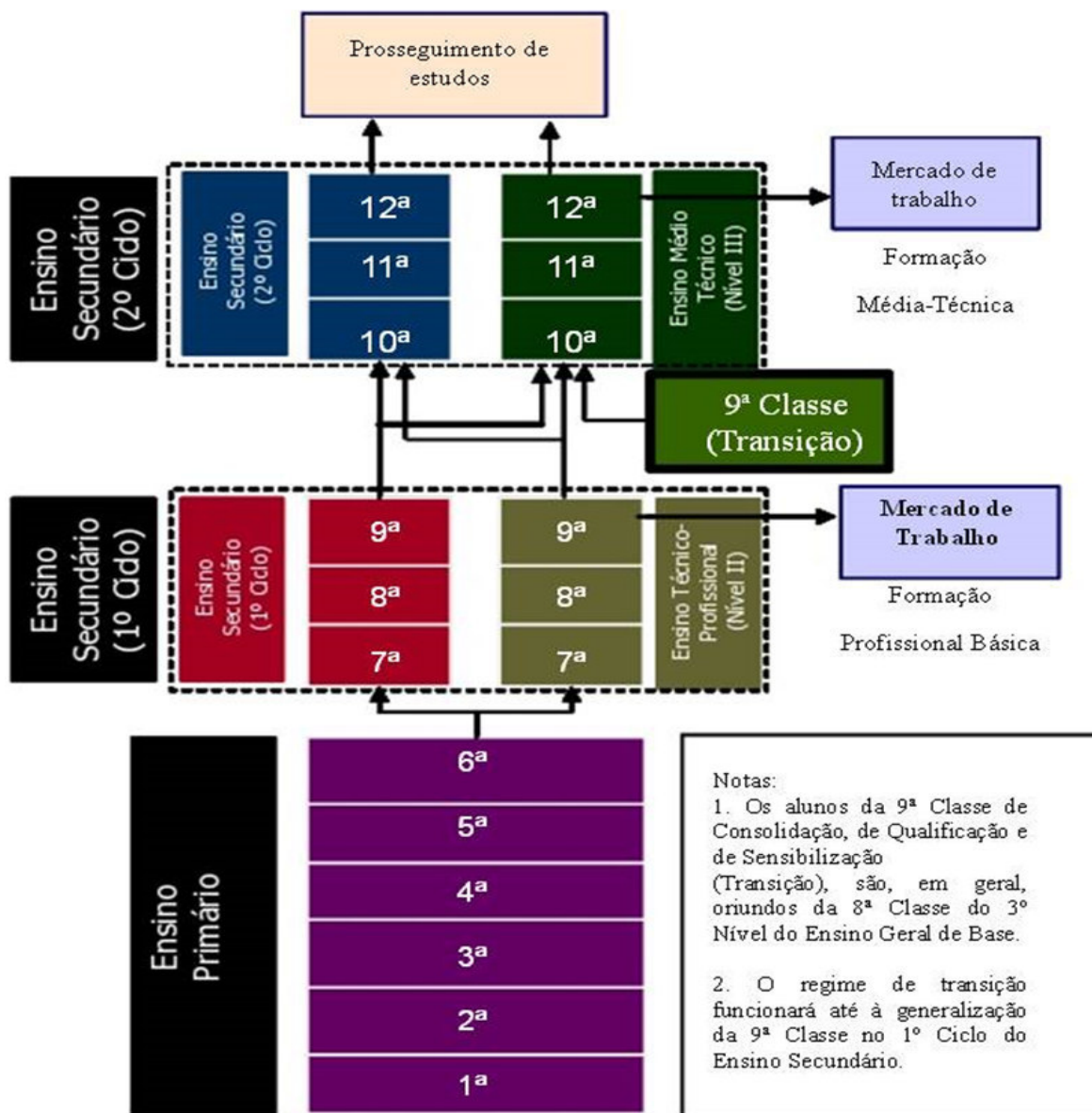
As iniciativas de educação podem pertencer ao poder central e local do Estado ou outras pessoas singulares ou coletivas, públicas ou privadas competindo ao Ministério da Educação e Cultura a definição das normas gerais de educação nomeadamente nos seus aspetos pedagógicos e andragógicos técnicos de apoio e fiscalização do seu cumprimento e aplicação. (Ponto 3, artigo 2º da Lei 13/01).

1.1- O Sistema Educativo Angolano

A Lei de Bases do Sistema de Educação em Angola (LBSEA) consagra, a vontade de realizar a escolarização de todas as crianças em idade escolar, de reduzir o analfabetismo de jovens e adultos, de aumentar a eficácia do sistema educativo sugeriu uma readaptação do Sistema Educativo, com vista a responder às novas exigências da formação de recursos humanos, necessários ao processo socioeconómico angolano

A educação constitui um processo que tem por objetivo preparar o indivíduo para as exigências da vida política, económica e social do país e que se desenvolve no seio das comunidades em círculos reduzidos como as comunidades de trabalho, religiosas, culturais, familiares e ainda mais.

Figura 1 - Organograma do Sistema Educativo Angolano



Fonte: INIDE¹

1.1.1 - A educação pré-escolar

Este subsistema de educação pré-escolar é a base da educação, cuidando da primeira infância que começa com creche (3 anos), jardim-de-infância (1-2 anos) e iniciação (1 ano), passando para o ensino primário com 6 anos que é o ensino de carácter obrigatório, nesta etapa da vida, que se deve realizar as ações de condicionamento e de desenvolvimento psico-motor. Tem também, por objetivo, promover o desenvolvimento

¹INIDE (2001) e Ministério da Educação em Angola, Estrutura Curricular

intelectual, físico, moral, estético e afetivo da criança, garantindo-lhe um estado sadio, de forma a facilitar a sua entrada no subsistema de ensino geral.

1.1.2 - Subsistema de Ensino Geral

O subsistema de ensino geral constitui o fundamento do sistema de educação para conferir uma formação integral, harmoniosa e uma base sólida e necessária à continuação de estudos em subsistemas subsequentes. Este subsistema está estruturado em ensino primário e ensino secundário.

O **ensino primário** unificado com seis anos de duração, começa com os seis anos de idade, constitui a base do ensino geral e é de carácter obrigatório, tanto para a educação regular como para a educação de adultos e é o ponto de partida para os estudos a nível secundário.

O Ensino secundário, tanto para a educação de jovens como para educação de adultos, e para a educação especial, sucede ao ensino primário e compreende dois ciclos:

- O ensino secundário do 1º ciclo que compreende a 7ª, 8ª e 9ª classe;
- O ensino secundário do 2º ciclo, organizado em áreas de conhecimentos de acordo com a natureza dos cursos superiores a que dá acesso e que compreende a 10ª, 11ª e 12ª.

Tem acesso ao 1º ciclo os adolescentes, jovens e adultos que tenham concluído o ensino primário e o acesso ao 2º ciclo é feito com base os exames de admissão desde que tenha concluído o 1º ciclo. É neste nível de escolaridade onde se deve fazer a consolidação, aprofundamento e ampliação dos conhecimentos reforçando as capacidades, os hábitos, as atitudes e as habilidades adquiridas no Ensino Primário. Permitindo a aquisição de conhecimentos que permitam o procedimento dos estudos em níveis e áreas posteriores. De forma específica no 2º ciclo os alunos deverão desenvolver o pensamento lógico e abstrato assim como a capacidade de avaliar a aplicação de modelos científicos na resolução de problemas da vida prática. Este ciclo de estudos visa a preparação para o ingresso no mercado de trabalho ou no subsistema do Ensino Superior.

1.1.3 - Ensino técnico profissional

Este constitui a base da preparação técnica e profissional dos jovens e trabalhadores começando para o efeito, após o ensino primário. Tem por objetivo a formação técnica e profissional dos jovens em idade escolar, candidatos a empregos preparando-os para o exercício de uma profissão ou especialidade, de forma a responder as necessidades do país e a evolução tecnológica. A duração e o acesso deste ensino técnico profissional, varia de acordo os centros de formações profissionais e cursos ministrados.

1.1.4 - Ensino Superior

Este patamar de ensino visa a formação de quadros de alto nível para os diferentes ramos de atividade económica e social do país assegurando uma sólida preparação científica, técnica cultural e humana, num ramo ou especialidade correspondente a uma determinada área do conhecimento.

Realizar a formação em estreita ligação com a investigação científica orientada para a solução dos problemas postos em cada momento pelo desenvolvimento do país e inserida no processo dos progressos da ciência, constitui uma das grandes finalidades deste subsistema. Este subsistema está estruturado da seguinte forma: graduação (bacharelato e a Licenciatura) e pós-graduação que compreende duas categorias: pós-graduação académica com dois níveis: mestrado e doutoramento, e Pós-graduação profissional que compreende a especialização. Tem oportunidade de ingressar no ensino superior, todos os jovens que tenham concluído o 2º ciclo do ensino secundário e o acesso é feito com base às provas de admissão. Na área de influência da escola em referência existem apenas duas universidades: o Instituto Superior Politécnico Católica de Benguela e Instituto Superior Politécnico Lusíada de Angola.

O ensino superior é acessível a toda população, pese embora haja escassez de Instituições formadoras neste nível de ensino.

1.1.5- Educação Especial

É uma modalidade de ensino transversal, quer para o subsistema do ensino geral como para o subsistema da educação de adultos, destinada aos indivíduos com necessidades educativas especiais, nomeadamente deficientes motores, sensoriais, mentais, com transtornos de conduta e trata da prevenção, da recuperação e da

integração socioeducativa e socioeconómica dos mesmos e dos alunos superdotados. A sua duração reflete-se no mesmo sistema normativo do subsistema de ensino geral, visando deste modo cumprir com os objetivos padronizados².

Para se efetivar bem os objetivos estabelecidos neste subsistema deve criar-se boas condições educativas e recursos de forma especial com a característica técnico-científica de ensino e adotados (as), as características da população alvo.

1.1.6 - Educação extra-escolar

As suas atividades são realizadas pelos órgãos centrais e locais da administração do Estado e empresas em colaboração com as organizações sociais e de utilidade pública, cabendo ao Ministério da Educação e Cultura o papel reitor, ou seja a sua monitorização.

Segundo a LBSE citado por Vieira (2007:147), o subsistema de educação pré-escolar que *compreende a creche e o jardim infantil*; para melhor enquadramento no ensino; o Subsistema do ensino geral, estrutura-se em *Ensino Primário* (Básico e Obrigatório) e Ensino Secundário. Primário de 6 classes (unificado), o Secundário com dois ciclos, de três classes cada; o Subsistema do ensino técnico profissional com uma vertente de formação profissional e um *ensino médio*; o Subsistema de Educação de Adulto, com uma variante em alfabetização e outra para o *ensino recorrente de adulto* e, por necessidade passa-se a formação profissional de acordo as áreas mais críticas por serem superadas ou ativadas para benefícios do povo angolano e não só. Para se efetivar, realiza-se, através de atividades de formação vocacional de orientação escolar e profissional, da utilização racional dos espaços livres. Esta deve ser regulada por diploma próprio.

²De entre outros objetivos visa:

- *Proporcionar uma adequada formação pré-profissional e profissional visando a integração na vida ativa;*
- *Criar condições para o atendimento dos alunos superdotados;*
- *Desenvolver as potencialidades físicas e intelectuais reduzindo as limitações provocadas pelas deficiências;*
- *Apoiar a inserção familiar, escolar e social de crianças e jovens deficientes ajudando na aquisição de estabilidade emocional;*
- *Desenvolver as possibilidades de comunicação;*
- *Desenvolver a autonomia de comportamento a todos os níveis em que esta se possa processar;*

1.1.7 - A Formação de Professores

O quadro normativo compreende a formação dos docentes para a educação pré-escolar e para o ensino geral, nomeadamente a educação regular, a educação de adultos e a educação especial. Realiza-se após a 9ª Classe com duração de 3 ou 4 anos em escolas normais e, após este, em escolas e institutos superiores de ciências de educação. Pode-se intermediar a formação de professores após a 9ª e a 12ª classe com a duração de 1 a 2 anos de acordo com as seguintes finalidades:

- *Preparar professores com o perfil necessário à materialização integral dos objetivos gerais da educação;*
- *Preparar professores com sólidos conhecimentos científico - técnicos e uma profunda consciência patriótica de modo a que assumam com responsabilidade a tarefa de educar as novas gerações, (artigo 27º da LBSE 13/01).*

O acesso a esta formação é de carácter vocacional com base os exames de admissão. O ensino nas escolas é ministrado em língua portuguesa. O Estado promove e assegura as condições humanas científicas-técnicos, materiais e financeiras para a expressão e a generalização da utilização e do ensino de língua nacional ou línguas nacionais.

Caberá ao Ministério da Educação e Cultura recrutar e formar novos professores e seguidos nas suas carreiras por um complemento de formação; colocar no Ensino de Base ou Primário os docentes com formação adequada e competência de alta qualidade. Estabelecer um programa especial de formação a ser empreendido por Instituições ou Centro de Formação com vista a satisfazer as necessidades urgentes dos Professores. Dotar e capacitar os Professores com novas metodologias de ensino, internet e a informáticas.

A educação como pedra basilar de desenvolvimento de qualquer nação, através do qual o presente é edificado e o futuro é garantido.

1.2 - O (in)sucesso Escolar

A palavra *insucesso* vem do latim *insucessu* (m), o que significa malogro; mau êxito, falta de sucesso; ou ainda mau resultado, mau êxito, desastre, fracasso” Costa & Melo (1989).

O vocábulo insucesso é habitualmente referenciado por antagonismo ao termo sucesso, que advém do latim *sucessu(m)*, o qual assume, entre outros, os seguintes significados o bom êxito, conclusão ou chegada, resultado, triunfo (Machado, 1977, cit. por Santos, 2009). Não podemos pois, deixar de constatar, que os termos sucesso e insucesso detêm significados que se opõem aos conceitos de bom e mau que lhes estão subjacentes.

Em qualquer um dos momentos apresentados, a socialização do indivíduo e o ambiente que o rodeia, segundo alguns autores, é um dos aspetos determinantes para uma aprendizagem efetiva. Segundo Santos (2009:9) *a socialização é um processo dinâmico, necessário para o desenvolvimento, através do qual a criança satisfaz as suas necessidades e assimila a cultura*, este complicado processo é, segundo a autora, iniciado com o nascimento e prolonga-se até à morte.

Encontramos na literatura três tipos de socialização, a primária, a secundária e a terciária. Segundo Santos (2009), o principal agente socializador é a família, considerando que no seu seio se dá o processo inicial de socialização e assim sendo esta, em conjunto com o Jardim de Infância e o grupo de pares, correspondem, à socialização primária. Santos (2009) acrescenta que é no seio da família que a criança procura a segurança, a compreensão, o amor e a aprovação, o que transmite a esta uma primeira imagem de si própria.

Bergeret *al.* (cit. por Santos, 2009) consideram que a socialização secundária é qualquer ação que transmite novos aspetos da cultura e da própria sociedade a um indivíduo já socializado. Neste contexto surge a escola, que pretende formatar, nos indivíduos, éticas e morais características do seu meio.

A socialização terciária é efetuada por todas as restantes entidades que contribuem para a formação dos alunos, como por exemplo, a televisão, a internet, as revistas, os jornais, os livros, entre outros, que muitas vezes competem com os agentes primários e secundários na formação dos jovens, o que nem sempre se mostra vantajoso ao nível das aprendizagens.

1.2.1 - Possíveis origens e concetualizações do Insucesso Escolar

Atualmente todos os sistemas de ensino têm como que adjacente a preocupação em combater a exclusão social, oferecer a igualdade de oportunidades ao acesso e sucesso, assim como preparar os jovens para o mercado de trabalho (Machado &

Roazzi, 2011) e como tal não é de estranhar que o tema do insucesso escolar surja frequentemente relacionado a novas investigações sobre o ensino. Guimarães (2010, cit. por Rosa, 2013) considera o insucesso escolar como um fenómeno social, de realidade incontestável, divulgado nas escolas, famílias, a nível político e nos meios de comunicação social.

Os vários autores ao considerarem que este representa o *mau resultado, falta de êxito, desastre, fracasso* (Costa e Melo, cit. por Miranda, 2010:4), ou reprovações, atrasos, repetências, abandono, desadaptação, desinteresse, desmotivação e fracasso (Benavente, 1976, cit. por Rosa, 2013) remetem, consciente ou inconscientemente, a origem do insucesso escolar para a época em que surgiu o ensino, pois será lógico pensar que havendo alguém que se propõe a ensinar, existe um grupo, maior ou menor, que se propõe a ser ensinado, enquanto outros não querem, não podem, ou não conseguem sujeitar-se a essa mesma instrução. Contudo dada a tendência evolutiva do homem, a necessidade constante de formação nas diversas áreas e a massificação do ensino, o insucesso escolar começou a ser um tema inerente à própria escola.

Sem querermos entrar em questões de ordem filosófica sobre a expressão do insucesso *escolar* importa-nos referir que apesar das divergências no campo da investigação sobre a moralidade deste conceito optou-se por utilizar, neste trabalho, uma conceção do insucesso escolar à semelhança do que é defendido por Roazzi & Almeida (1988 cit. por Rosa, 2013). Assim, neste estudo o insucesso será analisado com base nas reprovações, repetências e abandonos escolares, não querendo com isto menosprezar outros indicadores.

Os autores supramencionados sugerem a existência de insucessos que podem ser considerados como parciais (ex. maus resultados numa disciplina ou área específica) ou globais (rendimento abaixo do esperado em várias áreas que pode mesmo levar à retenção do aluno no mesmo ano escolar). Roazzi & Almeida (1988, cit. por Rosa (2013) afirma ainda que o insucesso escolar pode apresentar-se com graus de gravidade bastante variados.

Assim, podemos ver o insucesso escolar como um conceito relativo que pode assumir diversas formas, ou até mesmo diferentes terminologias consoante o país e sistema educativo em causa. Desta forma, entende-se porque é que este conceito (de insucesso escolar) nem sempre reúne o consenso dentro da comunidade de investigadores e pedagogos. Por exemplo, Muñiz (1982, cit. por Rosa, 2013), utiliza o conceito de atraso escolar, que define como um nível de aquisição abaixo do exigido,

para os alunos de inteligência normal, contrapondo com o conceito de insucesso escolar, que afirma ter um caráter cumulativo que se traduz num aumento da discrepância entre o rendimento médio da turma e do aluno.³

Relativamente ao momento em que surge, o insucesso escolar pode ser considerado como um fenómeno precoce (Machado, 2007), pois na maioria das situações os sinais de que este se avizinha surgem desde os primeiros anos de escolaridade. A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico, cit. por Cruz, (2009) refere três momentos onde é possível identificar o insucesso escolar: i) no ensino obrigatório, quando o rendimento do aluno fica abaixo da média; ii) aquando da desistência do aluno, antes de completar o ensino obrigatório, e; iii) quando a falta de conhecimentos, que deviam ter ficado retidos durante a escola, afeta a integração profissional.

Por fim, devemos interiorizar que o objetivo dos estudos sobre o insucesso escolar para além de identificar os seus fatores é apontar medidas para minimizar essa realidade. Tal como, Montagner (1996, cit. por Rosa, 2013) recusa a ideia de insucesso escolar como sendo uma fatalidade inalterável, acrescentando que o aluno é perfeitamente capaz de ultrapassar esses obstáculos, mas para que tal aconteça é necessária uma reestruturação dele enquanto aprendiz, aliada à emersão de sentimentos de confiança, motivação e realização pessoal.

Assim sendo, falando do insucesso na vertente escolar, constitui hoje nas escolas de Angola um fenómeno estendido cuja natureza é determinante, parecendo ser de essência sócio-econômica. Este fenómeno conduz-nos essencialmente a dois tipos de situações: A primeira, na construção de uma concepção educacional nacional com objetivos de escolarização incluído qualidade a atingir em seu funcionamento que enfrenta-se a múltiplos fatores para alcançar sua eficácia.

A segunda, noutro aspeto visa desenvolver uma educação para a diversidade, que seja garante de uma atenção diferenciada e personalizada, como resposta as necessidades educativas de cada sujeito, grupos segundo a população, onde há condições e meios para que todos aprendam e que se desenvolvam com pertinência e

³Marchesi & Pérez (2004) chamam à atenção para que a ideia de fracasso associada ao insucesso escolar, traduz a noção de que o aluno não progrediu nada, o que raramente corresponde ao sucedido. Por outro lado Camargo (cit. por Roazzi & Almeida, 1988) sugere que um aluno em insucesso escolar, mesmo após a repetência do ano letivo, pode não atingir o nível de competências dos restantes alunos, situação que na generalidade dos casos se traduz em sentimentos de incapacidade, de baixa auto-estima e de fracasso generalizado, sendo ainda rotulado perante a escola e sociedade como aluno repetente.

igualdade, ascendendo facilmente por diferentes vias a possibilidade de atingir os objetivos mais gerais que efetivam o sistema educativo para os níveis, em que transite cada sujeito, de acordo com suas especificidades individuais.

Para a criança, aprender é a tarefa central do seu desenvolvimento e que exige todos os seus recursos, quer sejam endógenos ou exógenos, de modo a garantir uma adaptação psicossocial no maior número de circunstâncias possível (Costa *et al.*, 2011).

Na visão de Martinho (2007, p. 67), atualmente, o insucesso escolar é, sem dúvida, uma das maiores preocupações de alunos, pais, professores, psicólogos e governantes, tal como demonstram os múltiplos e diversificados debates, conferências, livros e revistas que abordam o tema. Contudo, e apesar desta unanimidade quanto à importância da questão, o modo como o insucesso escolar é perspectivado, quer em termos de causalidade, quer em termos de estratégias para o solucionar, não parece reunir consenso.

Esta perspetiva é defendida por Benavente (1999, cit. por Branco, 2012) que reuniu para esta designação vários termos como reprovações, atrasos, repetência, abandono, desperdício, desadaptação, desinteresse, desmotivação, alienação e fracasso.⁴

Conjugando todas estas perspetivas, Marchesi e Gil (2004) citam a OCDE, no seu relatório *Overcoming Failure at School*, defende que o fracasso escolar assume-se em três momentos:

⁴Por seu turno, Martins (1993, p. 10) faz a mesma associação ao referir que *qualquer entidade apresenta insucesso quando não consegue atingir os objetivos propostos ou isso não acontece no tempo previsto*. Assim, um aluno tem insucesso escolar quando não atinge as metas (fim dos ciclos) dentro dos limites temporais estabelecidos, dando origem a elevadas taxas de reprovação, repetência e abandono escolar. É desta forma que, para este autor, as taxas de insucesso escolar coincidem normalmente com as taxas de reprovação, as quais se devem à incapacidade dos estudantes de apreender o conhecimento posto à sua disposição.

É também na confluência da repetência e abandono escolar que Pires (cit. in Mendonça, 2006) se posiciona face ao insucesso escolar, ao afirmar que este assume o seu expoente máximo através do abandono escolar. Para este investigador, um aluno que reprova um ano não engrossa as fileiras do insucesso mas sim aquele que repete sucessivamente vários anos sem uma progressão e que acaba por abandonar (p. 112).

Também Martins (1993) refere esta forma diferente de insucesso escolar, associando-a à desadequação entre os conteúdos transmitidos na escola com as aspirações dos alunos e a não conjugação destes fatores com as necessidades do sistema social (político, cultural e económico). Esta forma de insucesso escolar não pode ser quantificável, nomeadamente através de taxas, uma vez que os alunos não são retidos, mas traduz-se na falta de preparação para o ingresso no ensino, no mau desempenho de funções no sistema científico, tecnológico e produtivo e na falta de compreensão dos fenómenos culturais, políticos e ideológicos do seu país ou do mundo. Neste caso, o insucesso escolar prende-se (...) com o não atingir das metas individuais e sociais de acordo com as aspirações dos indivíduos e as necessidades dos sistemas (Martins, 1993, p.11).

1. No ensino obrigatório, quando o rendimento do aluno se situa abaixo da média ou há repetência do ano de escolaridade;
2. Desistência do aluno antes de terminado o ensino obrigatório ou quando o termina mas sem um certificado;
3. Difícil integração profissional por falta de conhecimentos que deveriam ter sido adquiridos na escola.

1.2.2 - Teorias explicativas do insucesso escolar

Na tentativa de encontrar *culpados* para a realidade de muitos alunos os vários autores foram, ao longo dos anos, elaborando hipóteses e construindo teorias com o intuito de determinar a origem da ocorrência, seja ela interna ou externa ao indivíduo, ou utilizando a terminologia de Silva & Lima (2011), a aprendizagem pode ser afetada por variáveis intrínsecas e/ou extrínsecas.

No quadro seguinte podemos encontrar vários modelos de interpretação dos objetivos e finalidades da escola de acordo com o tipo de modelo e a sua corrente de estudos.

Rangel (2004) simplifica ainda mais a interpretação dos modelos, apresentando somente duas abordagens possíveis ao insucesso escolar. A abordagem culturalista centrada na família e na herança cultural da criança e a abordagem conflitualista na qual os autores desta linha de pensamento afirmam não existir modelos culturais superiores a outros e se tal acontecesse é porque o mesmo foi imposto por uma classe dominante.

Tabela 1- Modelos de interpretação das finalidades da educação

Tipos	Traços
Humanista	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Preparar para a cidadania ✓ Compreender a tradição e a história ✓ Ensinar valores, cultura e arte
Eficiência social	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Preparar para o trabalho ✓ Responder às demandas sociais ✓ Conectar a oferta de ensino com a economia
Evolutivo	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Centrar-se no aluno ✓ Desenvolver o potencial de cada aluno ✓ Impulsionar a criatividade e motivação de cada aluno
Progresso social	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Conseguir uma sociedade mais justa ✓ Escolas abertas a todos ✓ Compensar as desigualdades

(Adaptado de Marchesi, 2006)

Algumas das teorias mais sonantes nesta área têm como base a origem, intrínseca ou extrínseca, das variáveis que conduzem o aluno ao insucesso. Os autores que baseavam os seus trabalhos no indivíduo tendem a valorizar mais a componente singular da pessoa, por outro lado para os investigadores que valorizavam mais o meio, as características individuais assumiam-se como um fator de menor importância. Assim, consoante a linha de pensamento e de investigação dos autores, foram formuladas diversas teorias, que no fundo acabam por complementar-se entre si.

Porém, existem fatores de ordem intrínseca e extrínseca ao próprio aluno que podem contribuir para o agravamento deste fenómeno, apesar das suas verdadeiras causas variarem de corrente para corrente, de ideologia para ideologia.

1.2.2.1 - Teoria dos dotes individuais

No período pós-guerra, o insucesso escolar aparecia associado às capacidades intelectuais inatas dos alunos, dando origem à *teoria dos dotes individuais*. Nessa altura, o insucesso era interpretado à luz de uma só componente: o indivíduo. A Teoria dos dotes individuais retomada por Sil (2004), a responsabilidade do sucesso escolar era atribuída exclusivamente ao aluno (componente hereditária) e o insucesso à possibilidade da existência de distúrbios, falta de capacidade ou até mesmo de inteligência por parte do aluno. Por ser demasiado redutora e por não contemplar as vivências da pessoa esta teoria encontra-se à partida bastante limitada, com a agravante de que esta atribuição individual do insucesso pode contribuir para um aumento dos sentimentos de incompetência.

O (in)sucesso escolar dos alunos *é justificado pela sua pertença social, pela bagagem cultural de que dispõem à entrada na escola* (Benavente, 1990, p. 716 cit. por Branco, 2012), pressupondo a ideia de que uma criança proveniente de um meio dito desfavorecido não dispõe das bases culturais necessárias ao sucesso escolar.

1.2.2.2 - Teoria do handicap sociocultural

Ao constatar-se que os indivíduos eram, não só fruto da hereditariedade, mas influenciados pelo meio, criou-se uma nova corrente de pensamento que levou à elaboração da Teoria do *Handicap Sociocultural*. Esta, segundo Sil (2004) e Machado (2007) atribuiriam o insucesso do aluno ao meio social em que este se encontra inserido, o que significaria que uma criança proveniente de classes sociais baixas estaria de

princípio condenada ao fracasso. Rangel (2004) relembra que não se pode considerar o *Handicap Sociocultural* como hereditário. Já Mendonça (2006) refere que esta relaciona os fatores de nível socioeconómico e cultural com o insucesso escolar, chegando mesmo a afirmar que estas podem ser determinantes para o desenvolvimento intelectual e cognitivo do jovem.

Apesar desta teoria reduzir o peso da responsabilidade do insucesso sobre o sujeito continuava a transmitir a ideia de que seria, para este, um fenómeno inevitável e que à semelhança dos da teoria dos Dotes, um indivíduo proveniente de um meio socioeconómico desfavorecido nada (ou pouco) podia fazer para contrariar a situação.

1.2.2.3 - Teoria socioinstitucional

A tomada de consciência da influência que o ambiente (o meio), onde está inserida a criança, pode afetar as suas prestações escolares impeliu novas linhas de pensamento que permitiram o aparecimento de outras teorias como a socioinstitucional que já contemplava a família, o meio social, a escola e as interações entre estes na replicação ou combate do insucesso (Machado, 2007).

Segundo Sil (2004) esta teoria evidenciaria um papel mais ativo da escola em relação ao (in)sucesso dos alunos. Este manifestava-se não só derivado da qualidade das infra-estruturas, mas das estruturas administrativas e pedagógicas, da avaliação dos alunos, da colocação dos professores e estabilidade do corpo docente, da abertura da escola à comunidade e ainda podia ser resultado das políticas educativas. Por exemplo, Fonseca (1999) atribui o fenómeno à conjugação de diversos fatores, salientando a não satisfação das reais necessidades das crianças traduzidas num mau ensino, sem fundamento, sem planificação e sem individualização. Por outro lado, este autor perfilha da opinião que o desfasamento social, a violência e os traumatismos provocados pela nossa sociedade cada vez mais de consumo geram desajustamentos afetivos e privações de desenvolvimento que se refletem na maturação global da criança e na sua prontidão para a aprendizagem.⁵

Tal como Fonseca (1999), Paiva (2007) considera que o desenvolvimento das abordagens à aprendizagem está relacionado com uma multiplicidade de fatores tais

⁵Duarte (2000), referindo-se às teses de Bourdieu e Passeron, também privilegia os mecanismos do tipo cultural, ao invés de razões económicas, como fatores explicativos das desigualdades no aproveitamento dos alunos, pondo em evidência a herança cultural, considerando-a como a dimensão mais discriminatória e mais decisiva em termos de sucesso escolar.

como as habilitações dos pais e o tipo de monitorização e estimulação desenvolvido pela família face à aprendizagem, a perspetiva dos alunos sobre o significado de aprender e as experiências que os alunos vão vivenciando ao longo do seu percurso escolar.

1.2.2.4 - Teoria Ecológica

Guerreiro (1998 citado por Rosa, 2013) salienta que na formulação de modelos teóricos para a compreensão do fenómeno ensino-aprendizagem e dos fatores que nele estão presentes é crucial que se considere o meio e o ambiente social onde o indivíduo se insere. Uma das teorias que melhor esclarece a forma como o meio influencia o próprio sujeito é a Teoria Ecológica. Podemos considerar que todos os indivíduos se desenvolvem num ambiente ecológico, constituído por variadas estruturas que os afetam de acordo com a sua proximidade a este. Bertalanffy (cit. por Machado, 2007) quando concebeu a teoria dos sistemas afirmou que para a compreensão da pessoa seria necessário examinar toda a sua organização de forma global ao invés de isolar um ou outro aspeto. Neste sentido, Machado (2007) apresenta uma divisão do meio ecológico por sistemas, iniciando-se com o “Microsistema” onde as interações com o sujeito são próximas, imediatas e este pode intervir diretamente nos acontecimentos que vão surgindo.

Para as autoras supraditas o segundo nível é o *Mesossistema* que compreende a interação de vários microsistemas, a título de exemplo, supondo que um microsistema corresponde à família e um segundo microsistema ao grupo de amigos, então o mesossistema comportaria ambos os microsistemas assim como todas as relações que entre eles se estabelecessem. O mesossistema está em constante crescimento, em função dos novos contextos a que se expõe o indivíduo. Fernandes (2008, citado por Rosa 2013:81) acrescenta que para que este possa constituir uma oportunidade de desenvolvimento para a criança *é necessária a articulação e o desenvolvimento de esforços conjuntos no sentido da complementaridade entre os seus microsistemas.*

Para os professores, entender o mesossistema e a forma como os vários sistemas se articulam é um dos fatores chave no combate ao insucesso escolar, uma vez que residem neste (formado entre a família, escola e o sujeito) as principais barreiras à aprendizagem efetiva dos indivíduos. Deve ser evitado a todo o custo que o aluno sinta a escola como um *Exossistema*, onde este não é um participante ativo do desenvolvimento, no entanto é afetado por ele. Paralelismos à parte, podemos

considerar então que os exossistemas são ambientes que influenciam diretamente o sujeito, mas que este não é um participante ativo, como por exemplo o local de trabalho dos pais (Machado, 2007 e Fernandes, 2008 citado por Rosa, 2013).

Por fim, as autoras apresentam o *Macrossistema* que definem como sendo o conjunto das várias ligações que podem surgir entre o micro, meso e exossistemas. No fundo este contempla todos os fatores que atingem o sujeito, envolvendo os padrões culturais, estilos de vida e os acontecimentos imprevistos, estando também implícito na organização das instituições, no sistema político e económico. Entender os conceitos e teorias é, sem dúvida, um importante ponto de partida para qualquer trabalho, no entanto quando nos referimos ao abandono e insucesso escolar torna-se também crucial identificar os fatores que podem conduzir o aluno ao baixo rendimento escolar, pois este é o campo onde os docentes devem refletir e atuar.

1.2.3 - Fatores influentes no (in)sucesso escolar

Em educação, há muito tempo, existe uma preocupação com o grande número de alunos que não conseguem atingir os objetivos propostos pela escola. Essa dificuldade levou muitos autores a buscarem os fatores que impediam a aprendizagem eficiente e, conseqüentemente, as causas do chamado fracasso escolar.

A culpa do insucesso dos alunos é, por vezes, atribuída aos próprios alunos (Rovira, 2004), outras vezes à sociedade. Segundo Miranda (2010, p.14) o insucesso escolar pode ser entendido como *resultado de um conjunto de fatores que atuam de modo coordenado acrescentando ainda que nenhum deles toma isoladamente o conseguiria provocar*. Marchesi & Gil (2004) remetem a responsabilidade do insucesso dos alunos à escola, às famílias, ao estado, ou ao sistema económico. A mesma opinião é partilhada por Santos (2009), que agrupa os fatores de insucesso escolar em quatro conjuntos: a) fatores individuais; b) fatores familiares; c) fatores ambientais, e; d) fatores socioculturais.

Num estudo sobre as causas para o elevado insucesso na matemática Basturk & Yavuz (2010) identificaram aspetos como a discrepância entre a disciplina e o quotidiano dos alunos, a dificuldade das matérias, a existência de um preconceito formado de que a disciplina é difícil, a elevada abstração dos conceitos e ainda a elevada necessidade de memorização. Encontramos ainda na literatura alguns autores

que deixam transparecer a ideia de que o insucesso escolar se encontra associado à contemporânea massificação escolar que se tem vivido atualmente.

Outro aspeto que a tecnologia trouxe ao homem foi a redução das tarefas realizadas manualmente, traduzindo-se numa maior eficiência de produção, o que para Avanzini (1967, citado por Rosa, 2013) libertou as populações mais jovens das tarefas laborais e permitiu que estes permanecessem disponíveis durante mais tempo para a vida escolar. Por outro lado, este alargamento da escolarização contribuiu para a formação de um maior número de técnicos especializados, o que permitiu ainda mais o avanço tecnológico.

Assim, seria contraproducente afirmar que uma medida (educação para todos) que tantos benefícios veio trazer ao Homem possa, de facto, estar a contribuir para a proliferação do insucesso académico. Conseguimos afirmar no entanto, segundo Sil (2004), que a massificação do ensino transformou o insucesso, até então pouco representativo, num problema socioinstitucional de grande visibilidade.

O que apresentaremos de seguida é, no fundo, um agrupar destes fatores em três grupos, de acordo com a sua origem e com a terminologia utilizada no nosso trabalho⁶. Note-se que dentro dos fatores de origem pessoal, encontram-se somente os aspetos relacionados com o próprio sujeito, ou a forma como este percebe o meio envolvente. Já nos fatores de origem escolar podemos encontrar uma diversidade de influências, desde o professor, as características da escola, as medidas políticas da educação, o diretor da escola, etc. Quanto aos fatores de origem socioeconómica e familiar, tal como o nome indica optou-se por agrupar todos os fenómenos associados à família (situação económica, escolaridade dos progenitores, situação profissional, expectativas, etc.), o meio que envolve a habitação e o quotidiano do aluno.

1.2.3.1 - Fatores pessoais

Se considerarmos que *a criança não é um recetor passivo e toda a aquisição de conhecimentos resulta da sua própria atividade* (Lurçat, 1978, p.19 cit. por Rosa, 2013) então não podemos menosprezar a influência desta no seu próprio desenvolvimento e aprendizagem.

⁶Dada a proximidade de todos os fatores que podem contribuir para o insucesso escolar Tollefson (2000) afirma que existe a possibilidade de se entrar num ciclo vicioso de desresponsabilização, em que o aluno culpa o professor pelo seu insucesso, já o professor acusa o aluno de falta de interesse e/ou motivação, ou por outro lado, culpa o próprio sistema de ensino por não estar pronto para dar resposta a todos os alunos.

Ao nível pessoal, o insucesso escolar nem sempre está ligado à falta de vontade, falta de motivação ou preguiça do aluno, além dos fatores escolares socioeconômicos e familiares, há casos em que alguma disfunção cognitiva, sensorial ou motora, muitas vezes tardiamente detetada, desvia o aluno da performance esperada (Santos, 2009).

Machado (2007) soma à lista de indicadores de insucesso a falta de interesse pela escola, o sentimento pessoal de fracasso do aluno, a dificuldade de inserção na vida profissional, o analfabetismo e o trabalho precoce. Apesar do peso destes fatores, na maioria das situações por si só não representam um aumento das dificuldades escolares com intensidade suficiente para levar o aluno ao insucesso, casos há no entanto em que a simples aquisição de um par de óculos para a criança poderia influenciar todo o seu futuro.

McCarthy (cit. por Fonseca, 1999) alude que existem mais de cem perturbações que podem afetar o rendimento escolar, no entanto destaca dez das mais frequentes, entre estas a hiperatividade, os problemas psicomotores, habilidade emocional, desordens de atenção, impulsividade, desordens na memória e no raciocínio e dificuldades específicas na aprendizagem (dislexia, disgrafia, discalculia, etc.).

Por outro lado Miranda (2010, citado por Fonseca, 2012) acrescenta que se pode justificar o insucesso escolar somente através do baixo quociente de inteligência dos alunos é apenas uma das formas de atribuir o insucesso ao próprio aluno. O mesmo relembra que quando o insucesso é atribuído à escola não é necessariamente uma crítica ao edifício, ou instituição escolar, mas a toda uma envolvimento desde as questões com a avaliação dos alunos, até a falta de abertura entre esta e a sociedade, ou mesmo como resultado de políticas educativas menos adequadas a cada realidade.

Na atribuição do insucesso à falta de inteligência da criança essa responsabilidade acaba por recair sobre os pais, uma vez que se considera que este é um fator com forte tendência hereditária. Já quando a criança é apelidada, pelos pais e/ou professores, de preguiçosa é-lhe atribuída toda a responsabilidade do insucesso escolar, desresponsabilizando os restantes intervenientes no processo educativo (Avanzini, 1967 cit. por Rosa, 2013).

O problema neste caso é quando o aluno acredita que está destinado ao insucesso e que nada do que possa fazer contrariará essa posição. Esta situação poderá contribuir para um agravar do seu insucesso. Para Dolle & Bellano (1993, citado por Rosa, 2013) o sentimento de insucesso percebido pelo indivíduo pode originar sentimentos de rejeição, desgosto, agressividade, etc. Estas reações podem, por sua vez, representar um

aumento do próprio insucesso, o que leva o jovem a cair numa bola de neve da qual dificilmente conseguirá sair caso não lhe seja prestado o auxílio necessário.

Minuchin (cit. por Machado, 2007) relembra que *o indivíduo não é um ser isolado, mas membro de vários grupos sociais que age e reage de acordo com os estímulos e reações dos outros indivíduos*. Não cabe ao sujeito a opção de escolha do seu meio ou das condições em que vive, até certa idade (acrescentamos nós), mas ele pode optar por fazer, agir ou interagir com este. Isto remete-nos para a ideia de que não é somente o meio que molda a pessoa, mas a forma como esta conduz a sua atividade. Estamos assim perante uma interação entre as estruturas inatas e as adquiridas que não acontece de forma totalmente independente da própria vontade do sujeito.

Marchesi (2006) destaca que *aprender supõe esforço* e afirma que a aprendizagem tem como base a atividade mental do aprendiz, deve ser o mais consciente possível e inclusive deve ser feito um esforço por relacionar a nova informação com dados já existentes, atribuindo-lhes um significado válido. Para o autor, o dinamismo do processo, com avanços e recuos constantes, provoca no sujeito uma reestruturação cognitiva que leva à criação de modelos mentais ou remodelações dos existentes, característica que se apresenta como fundamental para uma recuperação posterior dessa mesma informação. É facilmente compreensível que a dificuldade em controlar e dirigir a atenção para um determinado assunto é um aspeto (pessoal) que contribui para o insucesso académico⁷.

O consumo de substâncias é apontado pelos vários autores como tendo um efeito negativo na aprendizagem. No sentido de procurar potenciais situações perturbadoras para o desempenho escolar dos alunos, Carvalho (1990, citado por Rosa, 2013) identificou o álcool como sendo a substância mais utilizada pelos adolescentes e que o seu consumo entre os 11 e os 14 anos poderá potenciar futuros problemas de alcoolismo.

O problema neste caso é que, assim como os comportamentos saudáveis, os comportamentos de risco (consumo de álcool e drogas) quando principados na adolescência, tendem a persistir na idade adulta, ou mesmo agravar-se Ferreira & Torgal,(2010, cit. por Rosa, 2013, p. 25). Com a agravante de que cada vez mais este

⁷Uma opinião semelhante é partilhada por Santos (2009) ao mencionar que as atitudes e comportamentos dos alunos podem influenciar na sua prestação escolar, acrescentando ainda que além destas causas é necessário ter em conta as capacidades cognitivas e de raciocínio lógico dos alunos, contudo estes não são os únicos fatores individuais a concorrer para o insucesso escolar do aluno. Algumas crianças não manifestam qualquer curiosidade, as tarefas escolares não lhes interessam, não possuem uma disciplina favorita e muitas vezes são desprovidas de expectativas futuras (Avanzini, 1967, cit. por Rosa, 2013).

consumo tem início em idades prematuras. Apesar do consumo de álcool ser ilegal nos jovens até aos 18 anos, de facto, este continua a ser, segundo os autores supramencionados, um problema de saúde pública⁸.

Montagner (1996, citado por Rosa, 2013) afirma que não é possível culpar sistematicamente a criança e os seus possíveis *défices cognitivos* pelas suas dificuldades de aprendizagem. O mesmo afirma que o obstáculo em aprender pode ser resultado de construções cognitivas inacabadas ou mal consolidadas, desde o nascimento, ou mesmo antes deste e que segundo Guerreiro (1998, cit. por Rosa, 2013) leva à deterioração progressiva das atitudes com o avançar da idade.

A nível da realização das tarefas escolares, se o espaço físico em que o aluno faz os deveres não é o mais adequado, a sugestão de outras alternativas, com recurso, até a grupos locais empenhados em apoiar a comunidade, uma saída para o problema.

Uma vigilância sobre a alimentação do aluno poderá contribuir para lhe proporcionar uma dieta mais diversificada e que contenha os elementos plásticos, energéticos, vitamínicos e celulósicos minimamente adequados a um desenvolvimento físico e intelectual regular.

O estabelecimento de hábitos ajustados nas horas de deitar e levantar é tarefa importante para que uma criança se desenvolva normalmente.

⁸ Alguns estudos, como o de Jonathan *et al.* (cit. por Camacho & Matos, 2006), evidenciam o facto de os jovens, que no seu grupo de pares (ou familiares próximos) se relacionam com indivíduos fumadores, estarem mais susceptíveis a adquirir também hábitos tabágicos.

Na mesma linha de pensamento Sanchez; Oliveira & Nappo (2005) e Ferreira & Torga (2010) entendem que a maior responsável pela iniciação do adolescente no consumo deste tipo de substâncias, como o álcool e tabaco, é a própria família. Esta situação sugere, na nossa opinião, que se alarguem as formações, ações e campanhas de sensibilização (por norma realizadas na escola) também aos pais e encarregados de educação dos alunos.

Formosinho (2001) considera também que o local de habitação do aluno pode influenciar a sua educação informal e por arrasto os resultados escolares. Os mesmos acrescentam ainda que a cultura escolar é mais aproximada à das cidades e não tanto à cultura das zonas rurais, o que distancia as bases pré existentes nos alunos das matérias e realidade escolar. Alguns autores vão ainda mais longe na busca pelas causas do insucesso escolar, como o caso de Barnsley & Thompson (1988) que identificaram diferenças significativas de performance entre os indivíduos nascidos nos primeiros meses do ano, quando comparados com os nascidos nos últimos meses, apesar de formalmente terem a mesma idade escolar. A maturação mais tardia dos indivíduos nascidos no segundo semestre pode afeta-lo, segundo os autores, a nível desportivo mas também na sua prestação escolar, quando colocados no mesmo grau que crianças nascidas no primeiro semestre do ano.

1.2.3.2 - Fatores Escolares

Um dos desafios da escola é conseguir um ambiente motivacional positivo para todos os estudantes, que os incentive a aprender, que promova a curiosidade e que os leve a querer melhorar e aumentar o seu conhecimento (Covington, 1996, citado por Rosa, 2013). Neste caso o objetivo não é vencer os outros, mas superar-se a si mesmo. Já Marchesi (2006) considera que o objetivo da escola é fazer com que os alunos aprendam *o que a sociedade considera necessário num determinado momento histórico*. Este acrescenta ainda que para além de instruir os alunos, a escola apresenta-se como uma refinaria onde entram produtos em bruto, são moldados, acrescentam-se aditivos e depois classificados de acordo com a sua qualidade. Porém, esta seleção natural (do melhor aluno) é segundo, o autor acima mencionado, uma espécie de objetivo oculto.

Benavente (1990, citado por Branco, 2012) lembra que as *políticas educativas, formação de professores, modelos pedagógicos, análises curriculares, dificuldades de aprendizagem, desenvolvimento cognitivo* são alguns dos fatores que influenciam os resultados escolares. Da mesma forma Pires (1991) citado por Branco (2012) apresenta seis causas do insucesso escolar: i) desfasamento entre a escola e a realidade do aluno; ii) débil cooperação da família com a escola; iii) resposta inadequada da escola aos anseios quer dos professores e alunos, quer das famílias ou sociedade; iv) deficiente preparação pedagógica do professor, o qual se identifica mais como docente que como professor/educador; v) ausência de hábitos de leitura, e; vi) ausências de métodos de estudo.

Neste subcapítulo abordam-se os aspetos relacionados com a escola que podem contribuir para o rendimento escolar dos alunos. Uma vez que englobam várias áreas dentro da escola, optou-se por criar uma divisão do mesmo por tópicos, iniciando-se com a influência do professor; da avaliação; das infra-estruturas, medidas políticas e administrativas; e por último o papel do diretor da escola.

a) A adaptação da criança à escola

A inserção na escola põe a descoberto o precário equilíbrio emocional de muitas crianças, de tal modo que as dificuldades de adaptação nos permitem a nós, adultos, tomar consciência de que esta não é fácil e de que a criança, para se ajustar ao novo ambiente, tem de enfrentar mudanças importantes e passar por várias vicissitudes. A escola antecipa uma série de exigências que o meio social pedirá à criança.

Em primeiro lugar, cria uma situação de comunicação e intercâmbio, fundamentalmente para fazer determinadas aquisições. Num meio familiar normal, embora haja pressões para que a criança realize progressos em vários campos, a comunicação tem um carácter mais pessoal, predominam as necessidades emocionais ou diferentes interesses sobre os assuntos académicos.

Por outro lado, na escola a criança tem de deslocar parte dos seus afectos dos irmãos para os companheiros, dos pais para os professores e para os líderes, tem de adaptar os seus interesses tanto às exigências dos programas como às do grupo. Evidentemente, parte dos conflitos passam da sociedade familiar para a escolar, com o conseqüente alívio para a primeira destas sociedades.

Na escola, a criança terá de aceitar restrições de todo o género. Entre elas destacamos as motrizes e as verbais.

b) Atitudes para com os professores

A aceitação da autoridade é uma característica significativa e distintiva entre os alunos. Uns sentem-na como uma intromissão intolerável que os anula, os controla, os domina. Mais que sujeitos, sentem-se objetos. Atuam compulsivamente contra normas e critérios indicados pelo professor. Do mesmo modo, o reconhecimento do saber do professor é sentido fundamentalmente como uma diminuição de si próprios. Sentem-se, pois, manipulados e diminuídos de tal maneira que o seu comportamento tende a transgredir normas e a desvalorizar qualquer mensagem ou assunto que venha do mestre. Não aguentam sentimentos de culpa e por isso não mostram atitudes reabilitadoras. Manifestam agressões disfarçadas em forma de aborrecimento, lentidão, não utilizam a informação que têm, cometem erros crassos, etc.

Ao contrário destes, outros aceitam a autoridade, as normas e regras, embora com certa ambivalência, como é natural, já que presumem restrições aos seus desejos. São capazes de admirar, de reconhecer os conhecimentos do professor sentem desejo de «ser como». Podem aceitar sentimentos de culpa, censuras e tomar atitudes reabilitadoras. Verbalizam as agressões de um modo socialmente aceitável, sob a forma de crítica e de maneira direta e responsável.

c) Atitudes para com os colegas

Como prova de maturidade e dinamismo encontramos crianças que podem admirar as qualidades dos colegas, que desejam mesmo superá-los, mas sem os querer

destruir. Aceitam as relações e os vínculos que se estabelecem entre os seus amigos sem sentirem a necessidade premente de os separar ou de os enfrentar. São capazes de estabelecer novas relações sem terem de abandonar as anteriores, ainda que, por força das circunstâncias, tal possa acontecer. Aceitam certo grau de frustração nas suas relações sociais, sem converterem essas frustrações em agressões violentas ou atitudes delituosas, como roubar ou destruir objetos pertencentes aos amigos. Participam construtivamente nas atividades do grupo, respeitam as suas leis, podendo integrar-se nos jogos e nos trabalhos. As atitudes de rivalidade e de exibicionismo são moderadas e pouco interferem na continuidade dos vínculos.

Poderíamos alongar esta lista, mas já é suficiente para abordar a ideia atrás exposta de que a escola é reveladora da personalidade da criança, em muitos aspetos.

d) O Professor

Se para uns, *dar aulas* é, em última instância, um ato de amor supremo. Porque não exige reciprocidade afetiva, não cobra dos amantes prova de fidelidade, não busca nos contornos da entrega um suspiro reconhecido, um olhar breve de cumplicidade. É um ato despojado, altivo, de uma nobreza secreta e íntima, sem letreiros nem festas, sem dúvidas. Ensinar é nascer com isso é ter vontade de ajudar, é querer formar cidadãos, é civilizar e estar seguro de que com jeito e paciência, muita dedicação e cumprimento escrupuloso do dever, se cumpre a tarefa maior de moldar e de excluir: dar seguimento à *ordem* e ser moderno quanto baste para que a democracia não se ofenda e os aprendizes sejam notados com a marca dos capatazes do saber. É, portanto, ter uma emoção própria, uniformizada nos figurinos da saia de pregas e da camisa aos quadrados com gravata de flores. Gente que troca de vagas como, às vezes, as gaiotas trocam de mastro. Exercer a atividade docente implica trocar a alma pela competência, estimular os sentidos para a descoberta deste mundo, reconverter os impulsos em aptidões, procurar no canto mais fundo da personalidade o desígnio mais produtivo, mais apto, mais capaz, mais longe. Valorizar, reciclar, reformular, eis as receitas obrigatórias para os novos docentes que, assim, hão de, impavidamente, ver crescer os seus alunos num mundo totalmente refeito de vocações, variantes profissionais, sucesso financeiro, felicidade social. Vai demorar algum tempo mas é tudo em nome das gerações futuras. Dar aulas é, em primeiro lugar, viver no lugar dos saberes. Não é forçar a entrada da casa da cultura e começar a empacotar teorias para a distribuidora. É vestir a preceito e comer com modos; cumprimentar as pessoas com educação e ser sensível às perguntas

mais cruéis. É querer ser mestre, pacientemente, cuidadosamente e ter a noção sublime dessa superioridade, deixando que os outros a toquem, ousem aproximar-se dos nomes e, depois, extasiar-se com o fogo que consome os lugares-comuns e a verdade. Não é “tirar” o mestrado em ciências descuidadas, ululantes de querer subir uma letra no escalão dos medos. Não é, rasteiramente, contentar-se com os míseros trocos com que se finge pagar um serviço à comunidade ou presumir inocência no desrespeito com que os mecânicos, os taxistas, as funcionárias, os talhantes e os deputados tratam os que tratam, amorosamente, os filhos deles. *Dar aulas* é a outra profissão mais antiga do mundo.

Assim, a ação do professor não deve limitar-se apenas a desenvolver um determinado conteúdo programático, um conjunto de temas de Matemática, Geografia ou de qualquer outra disciplina. Um professor, qualquer que seja o grau de ensino em que atue, tem de consciencializar-se da sua condição de educador. E esta impõe-lhe que os objetivos meramente de conteúdo que ele formule para o seu ensino, deve juntar-lhe, também, outros que visem atitudes do aluno, o seu desenvolvimento no sentido mais amplo. Ora, este desenvolvimento não pode alhear-se do quotidiano daquele que se desenvolve, das suas vivências familiares e sociais. Ter em conta este manancial experimental de que a criança e o adolescente são portadores e, a partir dele, construir os saberes que a escola lhe oferece, é dar sentido a esses mesmos saberes e integrá-los num contexto mais amplo da vida. As aquisições extra-escolares não podem estar à margem da formação do aluno.

O sucesso de um aluno é uma resultante de diferentes variáveis. Destas, o professor constitui peça fundamental. Um professor que estabeleça, à partida, um juízo relativamente a um aluno, mesmo que esse juízo se apoie em factos irrelevantes ou fictícios, ele age de forma determinada sobre o comportamento desse aluno por um efeito dos seus processos de aprendizagem de modo a obter uma justificação para o juízo que previamente se estabeleceu. Assim, se esse juízo for favorável, haverá da parte do professor uma mudança de atitude num sentido positivo de modo a suscitar no aluno verdadeiras performances.

Duarte (cit. por Sil, 2004:35) alerta que *não se pode aceitar a escola como um local em que os professores são meros transmissores de saber e os alunos unicamente aprendizes*, mas que esta deverá ser constituída a partir de múltiplas interações diárias.

Se por um lado a formação científica deste se assume como um aspeto fulcral no processo de ensino-aprendizagem, é também verdade que a capacidade, quase inata, de

liderança e de persuasão deverá se considerar importante quando se trata de incentivar os alunos e fomentar nestes o desejo de aprender. Daí que na nossa opinião seja contraproducente avaliar as capacidades do professor somente através de exames de admissão (à semelhança do que se verifica na advocacia, por exemplo), pois não seria de estranhar que professores já no quadro há longos anos e com resultados educativos de excelência obtivessem classificações inferiores às de docentes, em situações profissionais semelhantes, mas com taxas de absentismo elevadas e resultados aquém do esperado, porém mais dotados cientificamente.⁹

Um professor motivado é capaz de mais facilmente motivar os seus alunos. A motivação dos docentes pode ser afetada pelas condições e recursos didáticos da escola onde lecionam, pelo ambiente gerado na escola (entre professores, encarregados de educação e pessoal não docente) e pelo contexto social onde a escola está inserida (Santos, 2009). Para esta autora a desmotivação dos professores acarreta ainda outros problemas, como o elevar das taxas de absentismo, o que consequentemente afeta a aprendizagem dos alunos.

e) **Caraterísticas da personalidade de um bom professor**

Por qualidades, queremos significar as características essenciais que um profissional do ensino deve ter para poder transmitir conhecimentos aos seus alunos, motivando-os a aprenderem com gosto e a fazerem deles uma boa utilização posterior quando necessário e útil para si e para a sociedade¹⁰.

⁹Avanzini (1967) apresenta de forma sucinta as características de personalidade dos professores pouco adequadas ao ensino e que podem contribuir para o aumento do insucesso escolar, sendo estas a ironia, o autoritarismo e impulsividade, a agressividade, a amargura, a intolerância, a indiscrição e a arrogância. Para o mesmo autor (pág. 117) “só está apto para lecionar aquele que pode beneficiar dessa formação e tirar partido dela, aquele cuja personalidade se adapta à dos outros”.⁹

Lurçat (1978) menciona que a atitude, a apreciação e a forma como o professor se coloca perante as iniciativas da criança, contribui bastante para que esta desenvolva atitudes de auto valorização, ou por outro lado, de auto desvalorização. Rosenthal & Jacobson (cit. por Roazzi & Almeida, 1988) acrescentam ainda que as expectativas dos professores em relação aos alunos podem influenciar o seu desempenho e aprendizagem.

¹⁰ **Qualidades de um bom professor:**

ser emocionalmente estável: conseguir manter a calma e o bom humor em todos os momentos, especialmente quando a situação exigir que o professor seja o orientador, o árbitro ou o amigo e conselheiro.

ser persistente e resistente à frustração: muitas são as ilusões que os professores vão perdendo ao longo da sua carreira. Sem falar nas condições económicas, as próprias condições de trabalho nunca são as ideais nem os alunos são sempre recetivos e colaboradores; muitos deles vêm de famílias perturbadas; lidar com eles exige uma dose bastante grande de resistência à frustração, porque na maior parte das vezes as medidas tomadas não dão os resultados pretendidos.

Infelizmente, aquilo que em primeiro lugar se verifica em quase todas as sociedades, é a preparação técnica de quem vai exercer a docência, sem a mínima preocupação com a sua capacidade de transmitir os conhecimentos, motivando os alunos a aprender com interesse.

A qualidade do que ensina depende essencialmente das características pessoais do professor, da relação com as turmas, da capacidade de motivar os alunos e do modo como as atividades das aulas, da segurança demonstrada e do apoio que os alunos sentem no *seu* professor.

ser sociável: dar-se bem tanto com os alunos como com os colegas, encarregados de educação, pessoal administrativo e auxiliar, mantendo um bom relacionamento mesmo em momentos de conflito e de divergência de pontos de vista.

ser responsável: é importante que o professor com o seu exemplo, mostre aos alunos que os horários e as normas devem ser cumpridos, assim como a palavra dada deve ser respeitada, assumindo cada um a responsabilidade dos seus atos; para tanto a flexibilidade e a benevolência são qualidades bastante importantes.

ser flexível: a flexibilidade tem muito a ver com a ausência de autoritarismo; faz com que o professor se adapte facilmente às diferentes situações, à maneira de ser dos seus alunos e suas famílias, para depois os conseguir orientar de modo que alcançassem a solução mais adequada para cada situação. A flexibilidade ajuda ainda o professor a dar aos alunos o apoio indispensável para que eles se tornem pessoas verdadeiramente instruídas e respeitadas.

ser benevolente: muitas vezes as crianças (e até os adultos) se distraem involuntariamente, porque estão preocupadas com outras coisas, praticando atos irrefletidos. Reconhecê-los, corrigi-los, evitá-los ou até ajudar os alunos a prever esses momentos, é uma tarefa que vale a pena ser exercida pelo professor.

sentir segurança e autoridade: qualquer técnico que esteja numa situação de orientação e controlo, necessita sentir e demonstrar que é capaz de «aguentar» e resolver as situações que forem surgindo, por pior que sejam ou pareçam.

ser criativo: um professor deve ajudar a desenvolver as capacidades dos alunos; não deve impor, mas fazer evidenciar aquilo que o aluno já possui, orientando-lhe as capacidades naturais para apreender um número de conhecimentos cada vez maior.

saber ajudar os alunos a aprender: transmitir conhecimentos sem dar a impressão de estar a ensinar, mas dialogar de modo que ajude os alunos a adquirir voluntariamente os conhecimentos que lhes são transmitidos.

ser direto: saber encarar uma situação com naturalidade e sem preconceitos, indo diretamente ao assunto, ou cerne da questão, sem rodeios ou falsas justificações e assumindo a responsabilidade dos seus atos.

ser objetivo: tentar apreender as situações com realismo e sem subjetivismos ou ideias preconcebidas.

ser paciente: o ensino exige muita paciência porque cada aluno percebe a seu tempo e é frequentemente necessário repetir a informação diversas vezes e até desculpar pequenas distrações que podem não ser voluntárias mas ocasionadas pelas circunstâncias do momento.

ser autónomo: o professor necessita ser um modelo de atuação para os seus alunos; a autonomia é importante na medida em que ajuda cada um a responsabilizar-se e a trabalhar por si sem ficar à espera da orientação, apoio ou proteção dos outros” os alunos vão crescendo e é importante que se tornem cada vez mais autónomos e responsáveis.

tentar ser justo: manter um relacionamento equivalente com todos os alunos, sem favorecer qualquer um, quer seja mais ou menos intelectualmente dotado, de estrato social ou económico favorecido ou desfavorecido.

ser apoiante: é importante que os alunos sintam que o professor é uma pessoa em quem podem depositar toda a confiança e com quem devem ser sinceros. É também importante que sintam da parte do professor um apoio forte e incondicional, já que muitas vezes é ele o substituto dos próprios pais.

f) A Avaliação das aprendizagens

A avaliação é outro fator que por si só pode prejudicar a aprendizagem, até mesmo nos casos em que o aluno obtém sucesso na classificação. Por outro lado, numa turma de nível médio elevado a avaliação contribuirá certamente para a continuação do seu insucesso. Este é para muitos autores a expressão máxima da subjetividade da avaliação, só combatida pelos exames ditos nacionais, em que por existir uma prova única, todos os alunos do país partem em pé de igualdade. Mas mesmo nesta situação se o exame for “encomendado” a uma escola (ou professores) em que a maioria dos alunos tem um rendimento elevado, o grau de dificuldade estará assim mais adequado para este perfil de aluno. Já se for elaborado por professores a lecionar em escolas com baixas notas o exame tenderá a ser mais fácil, o que baixaria o grau de exigência para os bons alunos, com possíveis consequências nas suas aprendizagens futuras.

Sobre este tema Silva & Lima (2011) referem que as datas dos momentos avaliativos devem ser alvo de uma estruturação no princípio do ano letivo e devem ser comunicadas aos encarregados de educação, para que estes auxiliem a criança na organização dos seus estudos.

1.3.3.3 - Fatores Familiares

Enquadrada na visão sistemática do meio, é fácil e perceptível que a família se trata de um sistema aberto, que influencia, mas também está sujeita às alterações e ação dos restantes sistemas em seu redor. Por sua vez a dinâmica familiar é tão rica e diversificada que mesmo em famílias com condições idênticas, a sua evolução pode ser totalmente divergente, ou o inverso também pode ocorrer¹¹.

A maior parte das famílias da sociedade angolana é comumente das outras sociedades, onde os jugos desiguais de papéis entre família-escola no processo

¹¹Sabe-se hoje que o papel dos pais estende-se desde a infância (com início no nascimento) e prolonga-se por vários anos, sendo também fundamental durante a adolescência e até após esta (Bayma-Freire et al., 2011). Para Binder & Michaelis (2006:101) “os pais são quem mais pode contribuir para o desenvolvimento positivo dos seus filhos”, acrescentando que uma atitude positiva poderá levar a criança a ultrapassar as suas barreiras. Annunziata; Hogue; Faw & Liddle (2006) afirmam que as várias características familiares que influenciam as prestações escolares dos alunos são diferentes de um lar para o outro, ou mesmo em função do sexo da criança. Santos (2009) concorda com a influência da família na prestação escolar dos alunos, afirmando que quando a família da criança não tem condições para assegurar um desenvolvimento biológico, psicológico e social, então todo o seu crescimento e desenvolvimento podem ser afetados, enquanto para Guimarães (2010:7) *a família constitui um dos principais contextos de desenvolvimento humano (...) é, na maioria das vezes, o primeiro ambiente onde a criança inicia o processo de socialização.*

educativo são maiores. Os pais dificilmente conseguem realizar a sua tarefa, alimentando por razões económicas as responsabilidades de educar os filhos e transmitir valores culturais à escola. Logo constata-se uma barreira entre as duas instituições e alargando cada vez mais as dificuldades de inserção social do novo ser.

A família é uma instituição insubstituível no processo de formação de personalidades e transmissão de valores sociais e culturais dos filhos. A escola é o agente complementar, aquele que serve de suporte à família nesta árdua tarefa, com a responsabilidade exclusiva na instrução e educação dos alunos, ajudando-os a tornar-se seres independentes e úteis na sociedade. Não há sociedade sem família, numa visão genérica a sociedade é definida como conjunto de famílias e culturas que exercem suas particularidades dentro da mesma região.

No entanto, existem obstáculos ao envolvimento dos pais no processo educativo e na vida das escolas. A escola, por si só, é incapaz de vencer a batalha do sucesso educativo. Uma tarefa tão difícil precisa de contar com o apoio das famílias e das instituições comunitárias vocacionadas para o trabalho com as crianças e os jovens.

Um dos problemas que está na base do insucesso escolar de muitas crianças é a descontinuidade entre a escola e a família. Quando não há comunicação entre estas duas partes fundamentais do mundo do aluno, quando a escola e a família estão de costas voltadas, quando a escola não valoriza nem respeita a cultura da família e da comunidade dos alunos, está aberto o caminho para o falhanço e o abandono escolares.

A família influencia a forma como qualquer criança reage ao ambiente escolar; os pais condicionam a compreensão que a criança tem da escola; aquela dependência do tipo de pais, sua educação, da conduta da família, do desejo que tiveram ou não de ter filhos e do afeto que lhe souberam dar. É ponto assente que uma estruturação familiar saudável é necessária para um desenvolvimento equilibrado da criança. Os pais, enquanto modelos, devem apresentar-se perante os filhos com uma conduta dignificante, o que algumas vezes não acontece. Um ambiente familiar tenso não permite à criança construir uma relação estável e madura.

Quando as crianças começam a frequentar a escola, muitos pais pensam e agem como se elas tivessem duas vidas distintas; por um lado, a vida familiar, pela qual os pais se sentem responsáveis, dirigindo-se à sua maneira; por outro lado, a vida escolar é dirigida pelos professores sem interferência familiar.

Esta perspectiva é incorreta; deve existir uma interação contínua entre a escola e a família, pois as condições de aprendizagem são o espelho da situação familiar, assim como o comportamento da criança em casa, é expressão do que se passa na escola. Uma colaboração estreita entre pais e professores leva à criação da situação ótima para a educação das crianças.

O papel dos pais não é o de dar liberdade à criança, mas o de lhe permitir que a possa conquistar progressivamente, a partir de um conjunto de aquisições o mais sólido possível, proporcionando-lhe os meios e aceitando que, com as suas iniciativas, possa introduzir modificações, influir no meio humano, sem que, para isso, pais e professores se submetam indiscriminadamente às exigências infantis.

Para alguns pais, a única coisa séria a escolaridade. Tudo mais é *coisas de crianças*, ninharias, insignificâncias. No entanto, por meio dos jogos descarrega e constrói parte dos seus desejos de ser grande, das suas rivalidades e ciúmes, das suas tendências agressivas e amorosas, etc. Através da sociabilização com os colegas e, em geral, com os membros da comunidade que está fora do espaço familiar, adquire formas de vida mais autónomas, transfere parte dos seus afetos e dos seus ódios, obtém satisfações de modo menos dependente, dispõe de outros ambientes para exprimir e orientar parte das suas tensões. E, assim, o meio familiar vê-se aliviado dessas tensões.

Deparamos, por vezes, com pais muito exigentes e severos que exigem dos filhos um aproveitamento brilhante. Estes pais nunca estão satisfeitos, pedem sempre mais, esquecem-se da criança e o seu ponto de referência é um código rígido que tem de se ajustar a determinadas metas; confrontam permanentemente o aluno com um ideal, que o considera inacessível. A relação, assim, está dominada por uma deceção permanente, alternando com censuras constantes. A criança converte-se, muitas vezes, em depositário das ambições paternas não satisfeitas, em defesa ante possíveis feridas no amor-próprio dos progenitores, como meio de obter segurança para os seus receios e preocupações.

Por vezes, as atitudes perfeccionistas dos pais significam uma forma de sacudir, o mais cedo possível, o «jugo da paternidade». Tratar-se-ia, no fundo, de que a criança faça aquisições, realize progressos rápidos, enfim, se desligue o mais cedo possível dos cuidados e atenções que sobrecarregam a sua «agenda de trabalho». É evidente que a

criança capta muito bem as rejeições, percebe que os seus pedidos estão bloqueados, porque só há lugar para compensar uns pais insatisfeitos¹².

1.2.3.4 - Fatores socioculturais e estrutura familiar

Para Guerreiro (1998, citado por Rosa, 2013) as atitudes e crenças dos pais influenciam a construção da personalidade e crenças dos filhos. Esta ocorrência traduz-se ainda na motivação da criança perante a escola. Avanzini (1967, citado por Rosa, 2013) apresenta o nível cultural do agregado como sendo a causa que indiscutivelmente mais influencia (a nível familiar) o sucesso escolar. Uma família rica culturalmente fornece à criança uma diversidade de estímulos que lhe permite viver na escola uma continuidade do ambiente familiar ao invés de vivenciar um fosso entre ambos. Partilhando de opinião semelhante, Machado (2011, p.15) considera que o ambiente familiar influencia o desenvolvimento do jovem, e pode contribuir para a afirmação do seu (in)sucesso escolar, acrescentando que este “é o cenário primário da aprendizagem

¹²Não esquecer que a criança necessita de ser reconhecida como sujeito activo, com vida autónoma e própria, tudo isso dentro de um quadro que fixa certos limites e dependências, mas que atua como fator de segurança. Este quadro em que intervém de forma decisiva a família e secundariamente a escola, não só deve limitar, como deve propiciar saídas aos seus impulsos e modelos para orientar o crescimento de forma ajustada.

Se pais duros e muito severos podem influir desfavoravelmente na progressão mental da criança, o mesmo não deixa de acontecer com os pais tão permissivos que, no fundo, abdicam de exercer a sua função de pais; evidentemente, justificam o abandono efetivo com múltiplas razões de aparência «progressista». É usual ouvir afirmações como: «a criança deve ser livre», «é perigoso contrariar ou reprimir a criança», «na vida, o mais importante é que cada um se realize». Contudo, quando se desce ao terreno concreto dos factos, revelam uma grande pobreza para dar conteúdo a esses princípios, mantêm as suas razões com uma falta de sentido das realidades e de conhecimento da criança que demonstra a sua falta de contacto com ela, bem como a sua falta de intuição.

Por último, convém ter em conta uma série de informações complementares que podem nortear a relação com a criança.

É necessário fomentar a imprescindível autoconfiança, estar muito atentos e sensíveis a qualquer possibilidade que faculte à criança alguma experiência, por mais insignificante que seja, de que possa sentir-se orgulhosa e satisfeita.

A rejeição, a hostilidade e a resistência que mostra na aprendizagem escolar não são sempre uniformes e, por isso, temos de estar muito atentos para captar ligeiras melhorias na sua atitude e apoiá-las.

O importante, na ajuda pedagógica que podemos dar à criança, não é a quantidade de lacunas que possamos «preencher», mas a lenta, e às vezes muito lenta, mudança de atitude.

A criança comunica ao adulto, de variadíssimas maneiras, a sua própria instabilidade e tensão, levando-o a agir com hostilidade para verificar o alcance das suas atitudes. Muitas vezes faz precisamente aquilo que sabe, por experiências anteriores, que mais incómoda, aquilo que irrita grandemente quem procura ajudá-la. Não podemos esquecer que concentra grande parte dos seus sentimentos agressivos no trabalho escolar e na relação com os adultos, num perigoso jogo de agredir e ser agredido.

Os pais, geralmente, estão muito envolvidos com a criança, de modo que aceitam muito mal os seus insucessos ou atitudes negativas, pelo que costumam ser pouco pacientes. Devem, portanto, ter isto bem presente antes de tentarem ajudá-los nas suas tarefas.

A atitude para com a criança com insucesso não deve situar-se dentro de uma opção de severidade ou de tolerância, mas de compreensão daquilo que possa dar ou sentir em cada momento.

de regras sociais e de valores, envolta num ambiente de proximidade, comunicação, afeto e cooperação entre os seus membros”. Para esta autora cabe à família garantir os cuidados, afetos e valores adequados, assim como as normas de conduta que em conjunto permitirão ao jovem atingir prestações mais elevadas.

Machado (2011) considera que alunos oriundos de famílias de nível socioeconómico e cultural baixos¹³ apresentam valores mais notórios de insucesso e abandono escolar precoce, fundamentado através dos alunos pela necessidade de ingressar no mercado de trabalho e/ou pelas dificuldades económicas da família. Abreu *et al.* (cit. por Guerreiro, 1998) vai ainda mais longe ao afirmarem que as expectativas positivas dos pais relativamente ao sucesso escolar têm efeitos positivos na sua educação. Avanzini (1967 citado por Rosa, 2013) acredita que muitas das vezes a família não tem consciência que o seu comportamento e atitudes prejudica o sucesso dos filhos na escola, todavia não é fácil para nenhum professor, psicólogo ou diretor da escola comunicar este assunto abertamente aos pais, pois esta situação provocaria certamente reações de agressividade, ou por outro lado, de tristeza e amargura, que indiretamente recairiam novamente sobre a criança.

Segundo Marchesi, (2006), o ambiente é fundamental para que ocorra a aprendizagem. Quer em casa ou na escola o contexto destinado ao estudo deve ser sossegado e agradável ao aluno, ter tudo o que este necessita para que se possa dedicar exclusivamente à aprendizagem. Por outro lado deve evitar-se a inclusão nestes espaços de objetos decorativos em demasia, ou quaisquer outros objetos que possam desviar a atenção do aluno (exemplo da televisão).

a) Nível de escolaridade, situação profissional e económica

Para a criança, viver numa família de baixo nível económico e educacional tende a influenciar o seu desenvolvimento, por outro lado, famílias com elevada escolaridade são capazes de identificar mais facilmente as necessidades das crianças e promover a sua evolução Machado (2007) reafirma que o nível socioeconómico pode afetar as crianças e jovens de forma direta, como na alimentação, cuidados de saúde, acesso à

¹³Bradley (cit. por Machado, 2007) acrescenta que as vivências quotidianas da família não se limitam às ocorridas na sua habitação, são influenciadas pelo meio onde esta se encontra. Assim habitações em locais de elevado stress (exemplo dos bairros pobres ou ambientes violentos) tendem a afetar o comportamento dos pais e consequentemente o da criança, pelo que como efeito secundário poderão contribuir para a potencialização de comportamentos de risco que a levem ao insucesso académico.

cultura (livros, teatro, cinema, etc.) ou de forma indireta. Este indicador envolve desde o rendimento da família até ao grau académico dos progenitores e a sua profissão¹⁴.

Em estudos realizados, Bayma-Freire *et al.* (2011) comprovaram que as famílias de baixos recursos são mais propícias ao surgimento de fatores de risco que acabam por facilitar a exclusão escolar, abandono escolar ou as reprovações sucessivas. A própria satisfação dos pais em relação às suas condições de vida e de trabalho pode influenciar a prestação académica dos filhos (Machado, 2007). Muitas das vezes o abandono escolar acontece quando a criança acredita que ao encontrar trabalho contribuirá para a satisfação dos pais (Avanzini, 1967, cit. por Rosa, 2013). Um dos aspetos que nem sempre reúne a unanimidade dos investigadores da área é a discriminação social do insucesso escolar, ou seja, a ideia de que este se encontra ligado às classes sociais mais baixas e famílias desfavorecidas. Apesar de podermos afirmar com base em Machado (2007), que este afeta de forma diferenciada as famílias com níveis socioeconómicos distintos, com maior incidência nas situações sociais, financeiras e culturais mais baixas, não se trata, de todo, de um fenómeno exclusivo desse meio.

Existem famílias de nível socioeconómico baixo que se preocupam com todos os aspetos da educação dos filhos pois, segundo Guerreiro (1998, citado por Rosa, 2013), estes consideram a educação dos filhos como um fator de ascensão social. No entanto as estratégias disciplinares utilizadas são predominantemente coercivas, que quando utilizadas por períodos continuados, podem promover o aparecimento de comportamentos anti-sociais.

Por outro lado Avanzini (1967:60 cit. por Rosa, 2013) considera que pais cuja profissão seja *demasiado absorvente* estão como que impedidos de auxiliar os filhos nas

¹⁴Farmer *et al.* (2003) defendem, com base em vários autores, que os recursos familiares e a qualidade de vida, a escolarização dos pais e a sua profissão, a existência anterior de dificuldades na aprendizagem e a presença de problemas de comportamento e/ou relacionais, são alguns dos fatores que mais contribuem para o abandono escolar em idades relativamente baixas. Os autores supraditos acrescentam ainda que a estes problemas somam-se o excesso de faltas, o tipo de escola, a qualidade dos apoios parentais e possíveis mudanças de escola à lista de fatores que afetam os indivíduos, desta feita em idades mais avançadas.

Na mesma linha de pensamento, McGillicudy-DeLisi (cit. por Guerreiro, 1998) afirma que os pais de nível socioeconómico acima da média são mais esclarecidos relativamente às teorias e métodos de aprendizagem. A maior escolarização dos pais em muitos casos traduz-se numa maior atenção e disponibilidade para os filhos. Isto não implica necessariamente que essa falta de formação dos pais impossibilite um apoio efetivo à criança, pois há toda a sua vertente psicológica e emocional que necessita ser trabalhada, assim para Guerreiro (1998) citado por Rosa (2013) esta falta de conhecimentos não coloca em causa o seu papel como educadores, mas pelo contrário, quando aliados a um sólido desenvolvimento emocional poderá contribuir para a promoção da autonomia do aluno, reforçando a sua confiança e melhorando a capacidade deste enfrentar e resolver os problemas que surjam.

tarefas escolares de forma consistente. Esta situação verifica-se tanto em famílias provenientes de meios pobres como de meios mais afortunados. A atitude dos pais face à escola é outro aspeto com grande influência na atitude da própria criança, ou seja, a desvalorização da escola e do trabalho que lá se realiza, o assumir a escola como uma perda de tempo, a modelagem a figuras que (apesar da baixa escolarização) conseguiram alcançar carreiras profissionais brilhantes, a falta de condições económicas para manter por longos anos os filhos na escola, são para Avanzini (1967, citado por Rosa, 2013) alguns dos fatores familiares que mais contribuem para os defeitos no rendimento escolar.

Assim, enquanto as classes com capital cultural médio-alto e alto facultam aos seus filhos orientações “mais corretas” e relacionadas com um futuro onde qualidade e prestígio estão presentes, as classes populares, ao contrário, tendem a inculcar nos seus filhos uma perspectiva de futuro próximo, procurando-se diminuir os custos e adquirir proveitos imediatos¹⁵. Este facto terá influência não só no insucesso escolar, como também na escolha de cursos menos prestigiados e pior remunerados. Sendo, assim, bem evidente aqui o efeito das condições socioeconómicas do aluno no seu sucesso escolar. Isto demonstra que os fatores socioeconómicos continuam a exercer a sua influência durante o período de escolaridade, penalizando mais gravemente os estratos mais desfavorecidos que, por essa razão, não só têm maiores percentagens de insucesso escolar como ainda abandonam mais cedo a escola em benefício dos estratos superiores.

Reconhecida a importância dos fatores socioeconómicos na génese dos atrasos e das dificuldades escolares, duas teses tentam atualmente interpretar o fenómeno. A mais tradicional tem uma concepção linear da cultura, isto é, considera que há uma hierarquia de culturas de acordo com os vários estratos sociais: há culturas «mais» e «menos».

¹⁵ Assim, as condições socioeconómicas estão relacionadas com:

- A ocupação diferenciada do espaço, no que se refere à distância geográfica da escola e o habitar áreas residenciais degradadas.
- Forma diferente de satisfazer as necessidades básicas, isto é, alimentação racional, vestuário, espaço, conforto, etc.;
- O acesso diferenciado aos bens e serviços de cultura: livros, jornais, espetáculos, arte e contactos com o universalismo (é diferente ver no livro algumas referências e cópias de objetos de arte de poder apreciar os originais em casa ou em qualquer museu);
- A necessidade de aumentar a renda familiar com mais um vencimento a educação, o reflexo disto é o abandono escolar e o trabalho infantil;
- A incapacidade de suportar custos com livros, material escolar, transportes, roupa, etc., sobretudo, porque existe uma forte relação, pelo menos nas classes sociais mais baixas, entre o nível económico e o nível cultural do agregado familiar, este de grande importância para o sucesso escolar.

b) Influência dos media

Apesar de não o termos referido anteriormente, pensamos que devemos (em último lugar mas não menos importante), destacar a importância dos Media na aprendizagem cognitiva e comportamental dos jovens. O que dizer atualmente? A massificação destes meios é de tal ordem que se há uns anos atrás eles influenciavam, hoje em dia competem mesmo com os pais e professores na educação dos jovens. O problema é que o sensacionalismo a eles associado, em certos casos desprovidos de qualquer moralidade, afeta o jovem de formas inimagináveis. O autor supradito acrescenta ainda que esta educação passiva e sem esforço apresenta uma eficácia extraordinária quando realizada fora da escola.

1.2.4 - Consequências do insucesso escolar nos alunos

Afirma Fonseca (1999, citado por Branco, 2012:29) que a criança com problemas escolares é sintoma de uma sociedade em segregação e está sujeita a uma dupla repressão ideológica (por um lado a família, por outro a escola). As aprendizagens escolares surgem à criança como “fantasmas repressivos, os quais resultam numa multiplicidade de fracassos escolares, conducentes possivelmente a condutas sociopatológicas e à delinquência” (Fonseca, 1999, p. 348, cit. por Branco, 2012). A inadaptação escolar é, portanto, o primeiro passo para uma perturbação mental e que pode afetar os indivíduos, não só no plano social e económico, como também no plano educacional e cultural. Ademais: “Uma criança com insucesso escolar transporta um peso frustracional, que se reflete na família, no professor e no grupo dos seus companheiros. Este aspeto, para além de ser impregnado de tendências anti-sociais que se verificam mais tarde, converteu-se num sentimento de auto-desvalorização e auto-substimação que urge combater.” (Fonseca, 1999:509 citado por Branco, 2012)

Além das implicações na vida social, o insucesso na escola pode influenciar a vida pessoal dos alunos, concretamente no que respeita ao seu auto-conceito e auto-estima, conforme se menciona mais abaixo. Ao longo dos anos tem vindo a ser estudada esta relação, concluindo-se acerca do carácter bidireccional do fenómeno, isto é, tanto o baixo auto-conceito pode agravar o insucesso escolar, como o insucesso escolar pode contribuir para o baixo auto-conceito dos estudantes. Por esta razão, cabe à escola manter o equilíbrio entre os domínios cognitivo, afetivo e psicomotor, mantendo uma atitude de igualdade face a diferenças raciais, étnicas, sócio -económicas ou religiosas.

Isto para que também os aspetos da personalidade dos alunos que ensina sejam tidos em conta, sobretudo no que se refere ao auto conceito, sendo ele uma componente fundamental no ato de aprender.

Por fim, Benavente (1976, citado por Rosa, 2013) defende ainda que o insucesso escolar não é necessariamente uma lacuna do sistema educativo, mas um objetivo (oculto) incutido no mesmo, funcionando como uma forma de legitimar os privilégios sociais das classes médias e superiores.

1.3 - A administração e gestão da escola: o diretor e outros órgãos de gestão

Como vimos, educação, assenta na Lei Constitucional, no Plano Nacional e nas experiências, acumuladas e adquiridas a nível internacional.

Existe o Regulamento das escolas do Ensino Geral¹⁶ que no seu artigo 1º reza o seguinte: Em todas as escolas do Ensino Geral há um Diretor que, constitui a autoridade máxima e o responsável pela organização, cumprimento controlo de todas as tarefas escolares e extra-escolares, de acordo com a política Educacional. A Escola Nossa Senhora da Sabedoria não fugiu desse regulamento; funcionando com os seguintes órgãos, de Administração e Gestão escolar: Sublinha-se a importância do adequado acolhimento dos alunos no início do ano escolar e da existência dum mediador que auxilie o aluno na sua relação com a escola (o Diretor de Turma).

1.3.1 - Órgãos de Direção

Conselho de Direção - Órgão ao qual compete decidir sobre todas as questões relacionadas com o funcionamento da escola: velar pela sua correta e atempada execução e pela observância das disposições legais e de mais instruções superiores.

Conselho Pedagógico - Órgão a quem compete coordenar parecer sobre todas as questões de natureza pedagógica e que se estrutura em coordenações de classe e de Turma.

Órgãos de Apoio

A Assembleia de Escola é órgão máximo de escola e reúne ordinariamente duas vezes por ano; no início e no fim de cada ano letivo e, extraordinariamente sempre que se verifique mudanças de direção da Escola; com definidas funções.

¹⁶ Ministério da Educação (1998). Regulamento das Escolas do Ensino Geral – REEG, Luanda/Angola

A Assembleia de Professores é o órgão de apoio. Reúne ordinariamente duas vezes por trimestre e, extraordinariamente sempre que se julgar necessário; este órgão deve ser integrado por: Diretor da Escola, Subdiretores e todos os Professores da Escola.

O Conselho de notas é o órgão de apoio da Direção da escola; em que no Ensino Primário a reunião é por classes; em outros níveis é por disciplina e especialidades.

O Conselho Disciplinar é o órgão de apoio à Direção a quem compete, garantir o cumprimento das normas e regulamentos estabelecidos para o funcionamento das escolas.

A Assembleia de turma é o órgão que compreende todos os alunos da turma e o Professor diretor da mesma, que a preside, podendo contar com a presença de outros Professores da Turma e de Encarregados de Educação ou representante, sempre que tal se justifique.

A Comissão de Pais e Encarregados de Educação é o órgão de apoio que visa a colaboração e a ligação Escola - Comunidade, sendo o seu coordenador, dinamizador de todo o trabalho a ser realizado por todos os Encarregados de Educação.

1.3.2 - Órgãos executivos

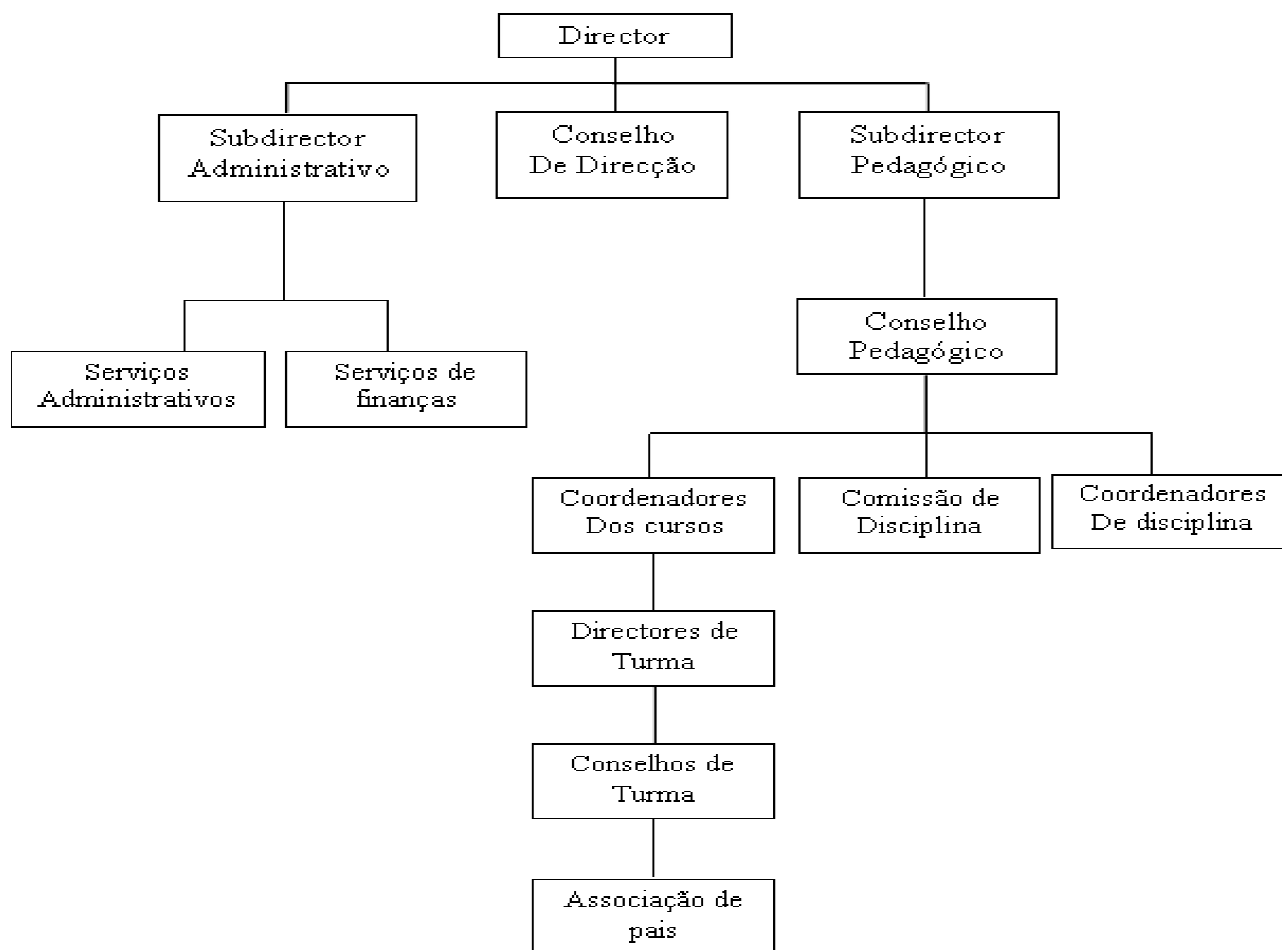
A Coordenação de Turno é o órgão das Escolas do Ensino Geral que tem como função a orientação e o controlo geral das atividades Docentes – Educativas no respetivo turno.

A Coordenação de Classe ou de Disciplina é o órgão executivo ao qual compete transmitir as orientações de carácter pedagógico emanadas superiormente e zelar pelo seu cumprimento.

A Coordenação de turma é o órgão executivo das orientações gerais emanadas superiormente bem como das provenientes da coordenação de Turno; sendo presidida pelo respetivo coordenador.

A Secretaria é o órgão executivo de todo o serviço Administrativo de apoio a Direção da escola e é coordenada por um chefe de secretaria a quem compete responsabilidade de velar por execução de muitas tarefas.

Figura 2 - Organigrama da escola¹⁷



1.3.3 - A organização da escola: recursos pedagógicos, metodologias de ensino.

Quanto a recursos pedagógicos, a escola selecionou professores com formação já avançada, com perfil pedagógico aceitável experimentados para ministrarem as aulas à 9ª Classe; salas com carteiras, quadros e outros meios de ensino.

No que concerne a recursos metodológicos, os professores utilizam sobretudo a exposição, explicação, diálogo, debate, demonstração, textos escritos e trabalho em grupos.

Na escolha de um método pedagógico, o professor tem em conta quatro fatores essenciais como as características dos alunos; as características do saber; o condicionamento e os recursos inerentes a situações de formação e o seu estilo pessoal.

Ao escolher métodos, não se pode esquecer enorme diversidade de estilos e de ritmos de aprendizagem, e através da escolha e da aplicação correta dos métodos o

¹⁷ ENSS, 2014

professor faz a gestão destas diferenças; qualquer escolha implica o sucesso ou insucesso em alguns alunos.

1.4 - Organização e gestão curricular

O desenho dos planos curriculares tem em consideração o conceito de curriculum, entendido por D'Hainaut (1980, p. 21) como sendo um plano de ação pedagógica muito mais largo que um programa de ensino, compreendendo não só os “programas para as diferentes matérias, mas também uma definição das finalidades da educação pretendida, uma especificação das atividades de ensino e de aprendizagem (...) e, finalmente, indicações precisas sobre as maneiras como o ensino ou o aluno serão avaliados. Contudo, como recorda Pardal (1993, p. 14), *um currículo escolar não corresponde a uma mera construção técnica de planos de estudos, de estratégias de aprendizagem e de mecanismos de avaliação*. Um currículo escolar é uma construção sociopedagógica elaborada por uma estrutura política, assente num conjunto de valores.

E na perspetiva da resolução de problemas, o currículo deve proporcionar as bases e os critérios gerais para planificar, avaliar e justificar o projeto educativo.

Segundo o currículo do sistema educativo angolano, o 1º Ciclo do Ensino Secundário constitui a primeira etapa de formação geral que permite uma preparação prévia que articula com o II Ciclo do Ensino Secundário.

No plano de estudos deste ciclo observa-se uma redução da carga horária em relação ao sistema anterior tanto nível das disciplinas que compõe o referido plano, como a nível geral, havendo assim maior equilíbrio entre as disciplinas da área de formação geral e as disciplinas mais viradas para o conhecimento prático e para o mundo de trabalho.

Constam no plano de estudos do Primeiro Ciclo do Ensino Secundário um total de 12 disciplinas que irão possibilitar o aluno, após a conclusão da 9ª Classe, prosseguir os seus estudos nas escolas do Segundo Ciclo do Ensino Secundário ou nos Institutos Médios Técnicos e Normais. Introduziu-se uma nova disciplina que é a de Educação Laboral, que surge no Currículo de modo alertar o aluno ao vínculo entre o ensino e o trabalho produtivo.

Pretende-se, com esta disciplina, que os estudantes tenham conhecimentos básicos e saibam manejar as ferramentas essenciais para resolver situações pontuais do

quotidiano no lar, na escola, na Comunidade, nas diferentes áreas como: eletricidade, carpintaria e agricultura.

Os alunos ao manejarem as referidas ferramentas, irão adquirir conhecimentos técnicos e habilidades, obtendo uma cultura laboral e tecnológica, tornando-os membros ativos e valiosos da família, mesmo antes de completarem uma formação média técnica.

Trabalhou-se nos Programas de modo a permitir que os mesmos tenham uma progressão nos conhecimentos e habilidades a adquirir pelos alunos a nível das três Classes, tendo em conta a articulação das disciplinas e dos conteúdos programáticos pelos três anos que compõem o Plano de Estudos.

O Plano de Estudos, prevê na sua implementação, um máximo de 30 horas semanais para as três Classes, numa semana letiva de cinco dias.

Tabela 2 - Plano de Estudos¹⁸

DISCIPLINAS	HORÁRIO SEMANAL			TOTAL POR DISCIPLINA
	CLASSES			
	7ª Classe	8ª Classe	9ª Classe	
Língua Portuguesa	4	4	4	360
Língua Estrangeira (Inglês e Francês)	3	3	3	270
Matemática	4	4	4	360
Biologia	2	2	3	210
Física	3	2	2	210
Química	2	3	2	210
Geografia	2	2	3	210
História	3	3	2	240
Educação Física	2	2	2	180
Educação Visual e Plástica	2	2	2	180
Educação Laboral	2	2	2	180
Total T. Semanal	30	30	30	
Total T. L. Anual	900	900	900	
Total de Disciplinas	12	12	12	
Total				2700

¹⁸INIDE (2001) e Ministério da Educação em Angola, Estrutura Curricular.

Na escola em referência o currículo é implementado de acordo com o sistema educativo do país; com conteúdos adaptados e esclarecidos a exemplos da realidade do meio.

Pode-se argumentar que dificuldades têm havido, nas disciplinas do currículo académico para explicar maiores percentagens de insucesso. De facto, as dificuldades de aprendizagem existem tanto no currículo académico como no currículo não académico. No currículo académico, a dificuldade reside não tanto no grau de abstração das matérias ensinadas (por exemplo, a matemática e as ciências), mas no facto de estas disciplinas se encontrarem desligadas de conhecimentos não escolares e da experiência dos alunos (como é o caso das disciplinas citadas e das línguas estrangeiras).

Daqui, resultarão um conjunto de situações anómalas a saber:

- Falta de preparação para a docência;
- Não vinculação efetiva ao ensino e conseqüente desinteresse;
- Elevadas taxas de absentismo;
- Não existe qualquer dinâmica de investigação salvo situações pontuais, resultantes do empenho individual não exigido nem considerado;

1.4.1 - Intervenientes na gestão curricular e pedagógica

À escola está destinado a um papel relevante na tomada de consciência da dignidade da pessoa. Nela se devem despertar e desenvolver as capacidades dos alunos de modo que cada um deles possa sentir que algo lhe compete fazer para o progresso da comunidade dos homens; nela deverá ter espaço o diálogo, o respeito mútuo para que o aluno possa interiorizar essas atitudes e, assim, poder extrapolá-las para a sociedade em que, em breve, irá inserir-se duma maneira produtiva; nela deverá ter lugar a liberdade, fomentadora da participação, do empenhamento, da iniciativa, referências que servirão para a distinguir da libertinagem e da anarquia.

Finalmente, a escola deve constituir-se como órgão social não desligado do mundo que a envolve, as suas propostas não serão válidas se, perante elas, o aluno não encontrar respostas perante as interrogações sobre o seu significado; os seus saberes não poderão provocar modificações desejáveis se a experiência do aluno não for neles projetados.

O insucesso escolar poderia ser significativamente reduzido se os professores utilizassem outros métodos e, acima de tudo, uma nova atitude.

Sem pôr em questão o contributo que os meios socioeconómicos mais débeis dão para a elevada taxa de insucesso escolar, não pode deixar, no entanto, de ser referido o papel de natureza compensatória que a escola poderia exercer na estimulação cognitiva e afetiva dos alunos e, assim, ela própria constituir-se, a par da ação concomitante a levar a cabo nos outros sectores em que o problema tem implicação, como fator relevante do êxito escolar e, como tal, do progresso social.

A falta de sucesso escolar do aluno aponta para causas que devem centrar-se quer no seu modo de vida e meio familiar, quer no tipo de propostas de aprendizagem que a escola lhe oferece, quase totalmente desligadas da experiência quotidiana do aluno, inibindo assim a génese de uma motivação para o saber, para a construção desse mesmo saber.

A modificação de comportamentos na esfera familiar e no dia-a-dia do aluno são fatores que foram identificados como relevantes com vista à aquisição de uma nova atitude frente à escola e aos saberes por ela propostos. É evidente que um professor não é um assistente social que é detentor das técnicas de inquérito e de intervenção social na comunidade; no entanto ele é um elemento privilegiado para ouvir os pais acerca dos filhos. E o conhecimento da vida dos alunos fora da escola pode ajudar a compreender muitos dos seus comportamentos na sala de aula, alguns dos quais, saindo dos padrões tidos como ajustados.

Ora, conhecer as causas desses comportamentos pode constituir um desafio ao professor para mudar alguma coisa ao seu alcance, quer em relação ao aluno, quer em relação aos métodos que utiliza. Por outro lado, ouvir os pais é, também, dialogar com eles; é implicá-los nos objetivos educacionais que a escola persegue, os quais sem a participação e ajuda ativa da família, poderão ser alcançados.

1.5 - Caracterização da escola e da comunidade educativa

A escola do 1º Ciclo do Ensino Secundário Nossa Senhora da Sabedoria (ENSS), é limitada a norte fica o campo das Madres, a sul fica bairro Alto-Bocoio, a oriente fica a Igreja Evangélica Congregacional em Angola, a ocidente fica a estrada e o Bº da Zâmbia-Alto Liro, Município do Lobito Província de Benguela/ Angola.

A Escola do I Ciclo do Ensino Secundário BG 2022 Nossa Senhora da Sabedoria, situa-se no Alto Liro Lobito, Província de Benguela, é de construção

definitiva foi construída em 1995 e inaugurada aos 12 de Janeiro de 1996 pelo então Ministro da Educação, com a presença do Governador Provincial sobre o olhar solene do Bispo Emérito D. Óscar Braga.

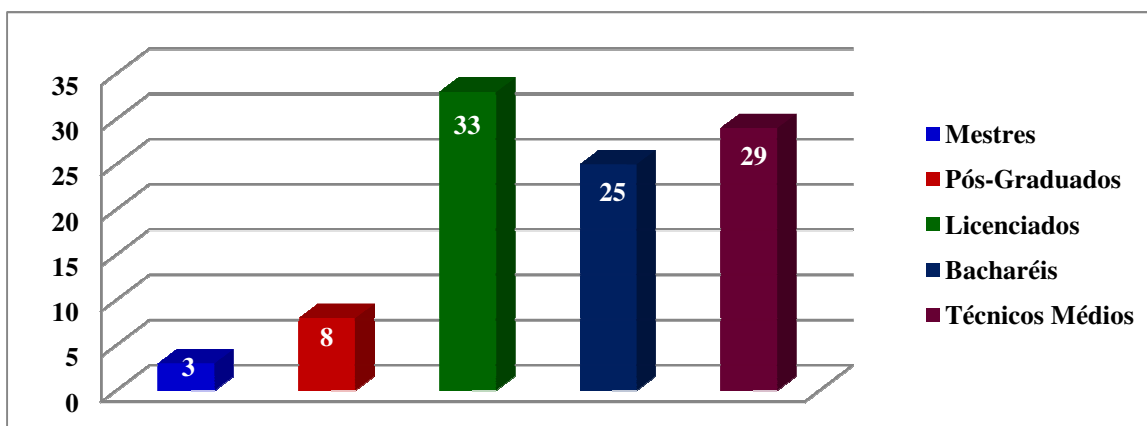
A Escola possui atualmente 28 salas de aulas, três gabinetes onde um gabinete do diretor, um gabinete do diretor pedagógico e um gabinete do diretor administrativo, 3 balneários para os alunos, uma sala de professores, duas salas de informática e um mini laboratório de Biologia. Tem um pavilhão desportivo para as aulas de Educação Física, tal conforme observa-se na tabela abaixo nº 2.

Tabela 3 - Descrição da estrutura física da escola

Componentes	Quantidades
Salas de aulas	28
Salas de Informática	2
Salas de Professores	1
Sala de reuniões	1
Gabinetes	3
Secretária-Geral	1
Biblioteca	1
Mini laboratório	1
Cantina escola	1
Casas de Banho	3

Tem 98 Professores e 14 Administrativos. Dos 98 professores todos possuem a agregação pedagógica ainda dos quais três Mestres, oito Pós Graduados, trinta e três Licenciados, vinte e cinco Bacharéis e vinte e nove Técnicos Médios, (ver o gráfico abaixo).

Gráfico 1 - Agregações pedagógicas do quadro docente



Funciona em três turnos (manhã, tarde e noite), tem a capacidade de albergar 2375 alunos da 7ª à 9ª classe.

Desde 1995 que foi construída teve algumas alterações como, construção de dois blocos de Salas. Ela funciona desde 1996, quando foi inaugurada por Ministro da Educação, na altura António Burity Da Silva Neto, dia 12 de Janeiro de 1996. A Escola é dirigida por um Diretor Geral, um Sub-Diretor Pedagógico, um Sub-Diretor Administrativo e um Chefe da Secretária-geral.

Socialmente a Escola é circundada pela população na sua maioria Ovimbundu, com pequena percentagem de diferentes traços sociais (povo Bantu).

A sua estrutura física é caracterizada da seguinte maneira: é de construção definitiva, com cinco blocos assim distribuído, vinte e duas salas de aulas, três gabinetes, uma secretária, uma sala de professores, sala de informática e biblioteca aguardando por equipamento, possui uma sala do projeto de acompanhamento escolar, possui balneários, possui vinte computadores que aguardam ainda por montagem, possui Reprografia, um ginásio, um campo desportivo, um jardim escolar, um arquivo geral dentro e um indicador de localização com Logótipo, que está a 4 metros de altura.

Não tem disponível sala de educação Especial, sala de Diretores de Turmas, sala de associação dos alunos, Laboratórios, sala de áudio visuais, salas polivalentes, Posto Médico, oficina, Museu, o Auditório, salas ou gabinetes climatizados.

Atualmente, há catorze (14) turmas da 9ª classe, período de tarde de igual modo à noite; vezes dois turnos.

1.5.1.- População discente e docente/2013 e 2014

A Escola ainda possui o pessoal não docente: três técnicos Superiores, oito funcionários administrativos, com máximas habilitações 9ª classe e mínima 4ª classe.

Estes, realizam Seminários ou encontros de Coordenação, Refrescamento Pedagógicos e mais, aos fins de Semanas assim como nas pausas Pedagógicas.

Os seus recursos financeiros enquadram-se nas participações, definidas em linhas orçamentais por Conselho Diretivo da Igreja Católica, como sua pertença. Mesmo assim para além das faltas já enumeradas ainda salienta-se falta de Professores, pessoal Administrativo e meios didáticos.

Tabela 4 - Caracterização do corpo discente por classe, turno e gênero e do corpo docente /2013

DISCENTES/2013											DOCENTES/2013			
Turno	7ª Classe			8ª Classe			9ª Classe			Turno	Gênero			
	Gênero		Total	Gênero		Total	Gênero		Total		F	M		
	F	M		F	M		F	M						
Manhã	146	162	308	Manhã	126	112	238	Manhã	86	95	181	Manhã	21	14
Tarde	158	205	363	Tarde	193	132	325	Tarde	85	91	176	Tarde	12	18
Noite	215	198	413	Noite	115	125	240	Noite	67	74	141	Noite	14	19
Subtotal	519	565	1084	Subtotal	312	326	793	Subtotal	277	284	498	Subtotal	47	51
Total Geral											2.375 Alunos	Total Geral	98	

Tabela 5 - Caracterização do corpo discente por classe, turno e gênero e do corpo docente por /2014

DISCENTES/2014											DOCENTES/2014				
Turno	7ª Classe			8ª Classe			9ª Classe			Turno	Gênero		Total		
	Gênero		Total	Gênero		Total	Gênero		Total		F	M			
	F	M		F	M		F	M							
Manhã	139	161	300	Manhã	126	122	248	Manhã	96	105	201	Manhã	23	12	35
Tarde	148	174	322	Tarde	193	142	335	Tarde	95	91	186	Tarde	15	15	30
Noite	135	155	290	Noite	114	113	227	Noite	77	84	161	Noite	16	17	33
Total	422	490	912	Total	433	377	810	Subtotal	268	280	548	Subtotal	54	44	98
Total Geral Alunos											2.270	Total Geral	98		

CAPÍTULO II- METODOLOGIA

Introdução

O presente trabalho circunscreve-se no tipo de pesquisa descritiva que permite efetuar um estudo detalhado de uma determinada situação problemática ou facto, com vista a relacionar a variáveis sem no entanto manejá-las. Empregamos um inquérito por questionário, e outros instrumentos, para identificação do problema e permitir recolher opiniões da população alvo.

O instrumento de pesquisa foi aplicado apenas uma vez. Evidencia-se, que em outro momento destacou-se, muitos fatores que influenciam, direta ou indiretamente, no insucesso escolar, segundo a bibliografia consultada e por se ter em conta o espaço e o meio só tivemos em conta alguns deles que supomos assumir as limitações próprias desta seleção prévia.

Na literatura consultada, relacionada com o tema que nos preocupa, muitas interrogações que se levantam, de relevante importância, enfocando em diferentes aspetos a nível educativo.

Focamos alguns aspetos sociais, familiares, educativos e pessoais relacionados como insucesso escolar, incluso no plano educativo; podem-se encontrar-se ainda questões de investigação sobre o insucesso escolar centradas em diversos contextos que, pouco a pouco, vão emergindo sucessivamente ao mundo da prática educativa em que se desenvolve com soluções que permitirão promover ações que visem uma maior dinâmica de participação, para que diferentes atores desenvolvam seu contributo para um ensino com mais sucesso.

O problema educativo que enquadrámos no presente trabalho centra-se á volta dos fatores que estão na base do insucesso escolar dos alunos da 9ª classe da escola Católica do 1º ciclo Nossa Senhora da Sabedoria, Alto Liro Município do Lobito. Em função da problemática levantada, elaborou-se a seguinte pergunta de partida que vai nortear a nossa pesquisa:

- Quais são os fatores que estão na base do insucesso escolar dos alunos da 9ª classe da escola Católica do 1º ciclo Nossa Senhora da Sabedoria, Alto Liro Município do Lobito?

O **objetivo geral** deste trabalho, é:

- Analisar os fatores que estão na base do insucesso escolar dos alunos da 9ª classe da escola Católica do 1º Ciclo Nossa Senhora da Sabedoria, Alto Liro Município do Lobito.

Tem como **objetivos específicos**:

- Fundamentar teoricamente os fatores do insucesso escolar;
- Identificar os fatores que estão na base do insucesso escolar dos alunos da 9ª classe da escola Católica do 1º ciclo Nossa Senhora da Sabedoria, Alto Liro Município do Lobito;
- Descrever as estratégias utilizadas para amenizar o insucesso escolar dos alunos da 9ª classe da escola Católica do 1º ciclo Nossa Senhora da Sabedoria, Alto Liro Município do Lobito.

Esta pesquisa foi realizada nos dois anos lectivos 2013 e 2014, com o objetivo principal de avaliar os fatores que estão na origem do insucesso escolar, bem como averiguar as competências dos profissionais disponíveis para afazer face a este insucesso escolar, enfatizando a necessidade de apostar no desempenho profissional.

Para a presente pesquisa e alcance dos objetivos preconizados foram utilizados os seguintes instrumentos pesquisa bibliográfica ou análise documental, inquérito por entrevista e inquérito por questionário.

2.1 - População e Amostra

A presente investigação dispõe de duas populações da mesma escola, uma população do ano letivo 2013 e outra do ano letivo 2014, um universo de 4645 alunos, 98 professores, um corpo diretivo. Pais e encarregados de educação e funcionários administrativos.

Tabela 6 - Caracterização da Amostra 2013 e 2014

Indicadores	Frequência	Género	
		F	M
Alunos	152/158 (2013 /2014)	93/96	59/62
Professores	18/18	8/10	10/8
Membros de direção	5	2	3
Pais/encarregados de educação	152/158	98/111	54/47

Tal como se observa na tabela nº 6, selecionou-se duas amostras uma do ano letivo 2013 e outra do ano 2014, onde no ano de 2013 selecionou-se uma amostra de 152 alunos, sendo 93 são do sexo feminino e 59 do sexo masculino, 18 professores sendo 8 do sexo feminino e 10 do sexo masculino, 5 membros de direção, sendo 2 do sexo feminino e 3 do sexo masculino e 152 pais/encarregados de educação dos respetivos alunos, no âmbito de avaliar os fatores que contribuem no insucesso escolar destes alunos e no ano letivo 2014 selecionou-se uma amostra de 158 alunos, sendo 96 são alunos do sexo feminino e 62 do sexo masculino, 18 professores, sendo 10 professores do sexo feminino e 8 do sexo masculino, 5 membros de direção, sendo 2 do sexo feminino e 3 do sexo masculino, fazem ainda parte desta amostra 158 pais/encarregados de educação.

CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Introdução

Neste capítulo são apresentados gráficos dos resultados do trabalho de campo obtidos através da administração do inquérito por questionário aos professores, alunos, membros de direção e pais/encarregados de educação, com a finalidade de conciliarmos os métodos teóricos com os empíricos de modo a termos consistência na nossa pesquisa e fundamentos sólidos aos objetivos alcançados sem ambiguidade sobre a investigação que visa analisar os fatores que estão na base do insucesso escolar dos alunos da 9ª classe da escola. Importa referir que a nossa pesquisa está categorizada por escala sociodemográfica que nos permitiu aceder a informações sobre o estado social e demográfico da nossa amostra e o questionário multifatorial do insucesso escolar (QMIE) que nos permitiu explorar intencionalmente os pensamentos dos elementos que fazem parte da amostragem da presente investigação sobre os fatores que estão na base do insucesso escolar.

3.1 - Instrumentos de análise

Foram utilizados dois instrumentos para a recolha de dados neste estudo: um inquérito por questionário sociodemográfico (Medeiros & Costa Lobo, 2014) e o Questionário Multifatorial de insucesso escolar. O instrumento de pesquisa utilizado na nossa investigação, foi o inquérito por questionário do tipo fechado. Esta técnica permitiu-nos obter resultados de dados explícitos nos nossos objetivos. Este inquérito por questionário procura recolher informações como: idade, sexo, ano de escolaridade, agregado familiar, habilitações literárias dos Pais/encarregados de educação e profissão atual dos pais/encarregados de educação. Para melhor objetividade, procuramos generalizar o género masculino como feminino de “pais/encarregados de educação”.

3.2 - Procedimentos usados

Depois de obter a autorização da Direção da escola, o autor da presente dissertação apresentou-se aos participantes, informou os objetivos dos diferentes instrumentos para a recolha de dados e convidou-os a preencherem o consentimento informado. A seguir, os participantes foram instruídos sobre como responder aos instrumentos da pesquisa. Uma vez esclarecidos, os participantes receberam e preencheram os instrumentos com uma prévia revisão antes de os entregar ao

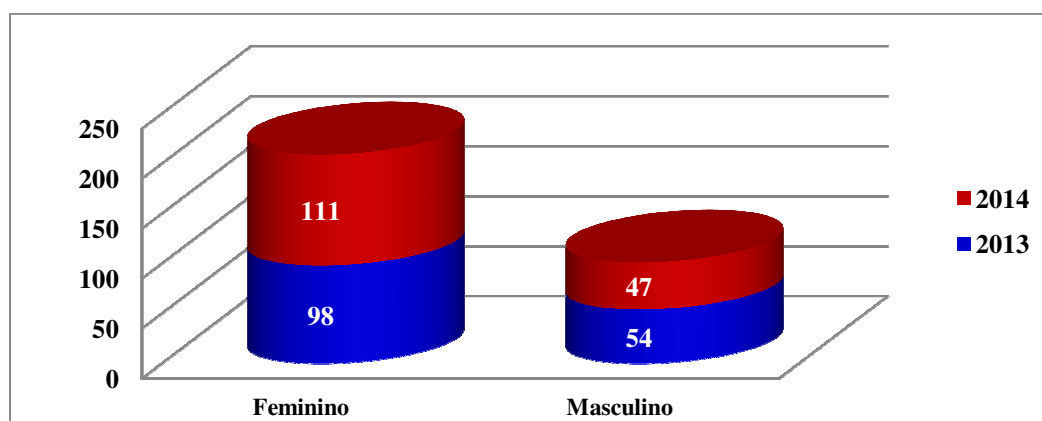
entrevistador que agradeceu a colaboração. Quanto ao valor teórico desta investigação consistiu em aprofundar na concepção que parte da sistematização de indicadores, que desde uma perspetiva multifatorial, podem constituir-se em uma ferramenta de análises que integre uma diversidade de perceções dos sujeitos participantes, em seus contextos e favorecer o estudo particularizado de grupos de fatores em correspondência com os objetivos selecionados. No que diz respeito ao valor prático a presente pesquisa vai oferecer um sistema de indicadores que contribuam a identificar os fatores que influenciam o insucesso escolar, no contexto dos alunos da 9ª classe da escola Católica do I ciclo Nossa Senhora da Sabedoria, Alto Liro Município do lobito, nos anos letivos, 2013 e 2014 e, provavelmente, sugerir a necessidade de promover ações que visam uma maior dinâmica de participação, para que os diferentes atores contribuam para o sucesso escolar dos nossos alunos.

Tabela 7 - Género dos Pais/Encarregados de Educação (GP/EE)

Idades	Ano letivo		Percentagem	
	2013	2014	2013	2014
Feminino	98	111	64%	70%
Masculino	54	47	36%	30%
Total	152	158	100%	100%

Tal como se observa na tabela nº 7 e no gráfico abaixo, dos 152/158 pais/encarregados de educação (P/EE) inquiridos 98/111 pais/encarregados de educação inquiridos que corresponde 64/70 por cento são do sexo feminino e 54/47 pais/encarregados de educação inquiridos que corresponde 36/30 por cento são do sexo masculino.

Gráfico 2 - Género



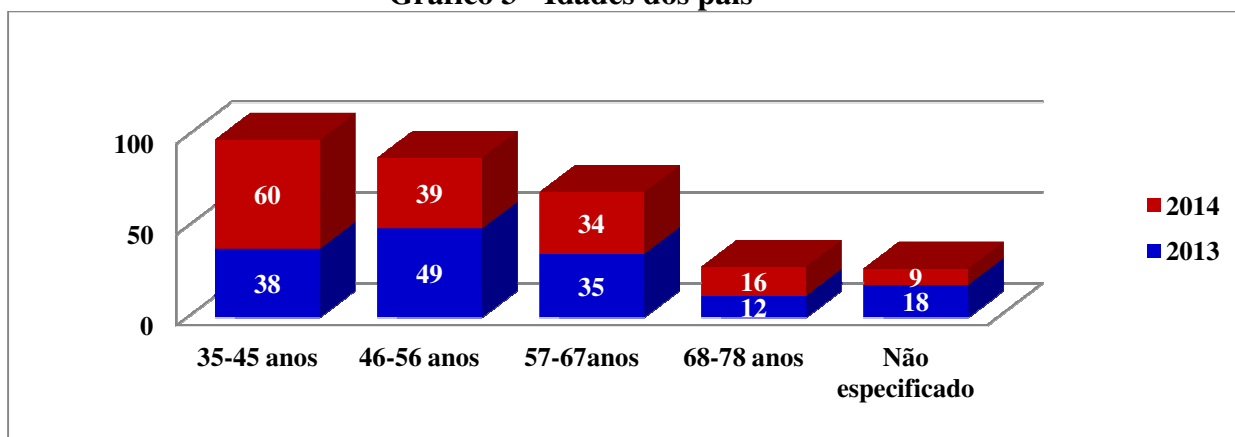
Fonte: Elaboração própria

Tabela 8 - Idade dos Pais/Encarregados de Educação (IP/EE)

Idades	Frequência		Porcentagem	
	2013	2014	2013	2014
35-45 anos	38	60	25%	38%
46-56 anos	49	39	32%	25%
57-67anos	35	34	23%	21%
68-78 anos	12	16	8%	10%
Não especificado	18	9	12%	6%
Total	152	158	100%	100%

Tal como se observa na tabela nº 8 e no gráfico abaixo, o resultado afirma que dos 152 pais/encarregados de educação (P/EE) inquiridos 38/60 pais/encarregados de educação inquiridos que corresponde 25/38 por cento afirmam de forma relativa que possuem uma idade compreendida entre 35-45 anos, 49/39 pais/encarregados de educação inquiridos que corresponde 32/25 por cento, afirmam de forma relativa que possuem uma idade compreendida entre 46-56 anos, 35/34 pais/encarregados de educação inquiridos que corresponde a 23/21 por cento afirmam de forma relativa que possuem uma idade compreendida entre 57-67 anos, 12/16 pais/encarregados de educação inquiridos que corresponde a 8/10 por cento afirmam de forma relativa que possuem uma idade compreendida entre 68-78 anos e 18/9 pais/encarregados de educação inquiridos correspondente a 12/6 por cento não especificaram as suas idades.

Gráfico 3 - Idades dos pais



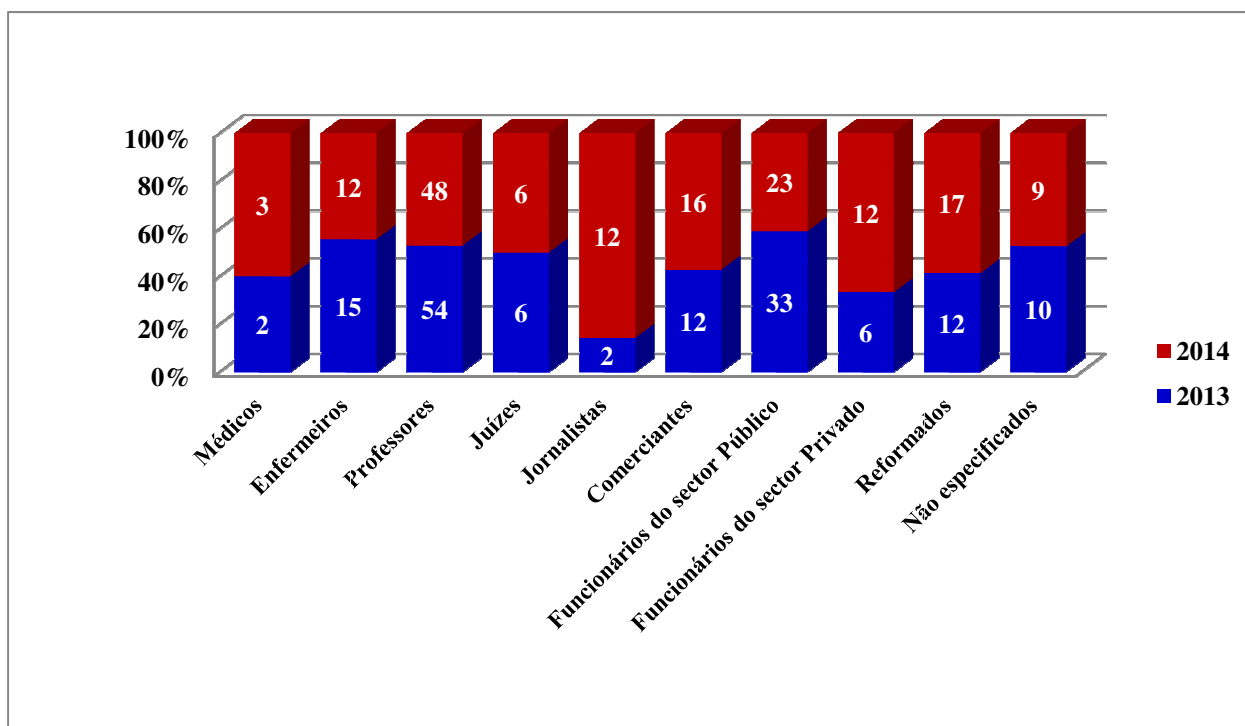
Fonte: Elaboração própria

Tabela 9 - Profissão dos Pais/Encarregados de Educação (PP/EE)

Profissão	Frequência		Porcentagem	
	2013	2014	2013	2014
Médicos	2	3	1%	2%
Enfermeiros	15	12	10%	7%
Professores	54	48	35%	30%
Juízes	6	6	4%	4%
Jornalistas	2	12	1%	8%
Comerciantes	12	16	8%	10%
Funcionários do sector Público	33	23	22%	14%
Funcionários do sector Privado	6	12	4%	8%
Reformados	12	17	8%	11%
Não especificados	10	9	7%	6%
Total	152	158	100%	100%

Tal como se observa na tabela nº 9 e no gráfico abaixo, o resultado demonstra que exceto aqueles que não especificaram suas profissões, a maior parte dos inquiridos possuem uma determinada profissão e alguns já reformados. A satisfação seria maior se de facto os comerciantes e funcionários privados tivessem uma boa saída e sucesso nas suas atividades comerciais.

Gráfico 4 - Profissão dos pais



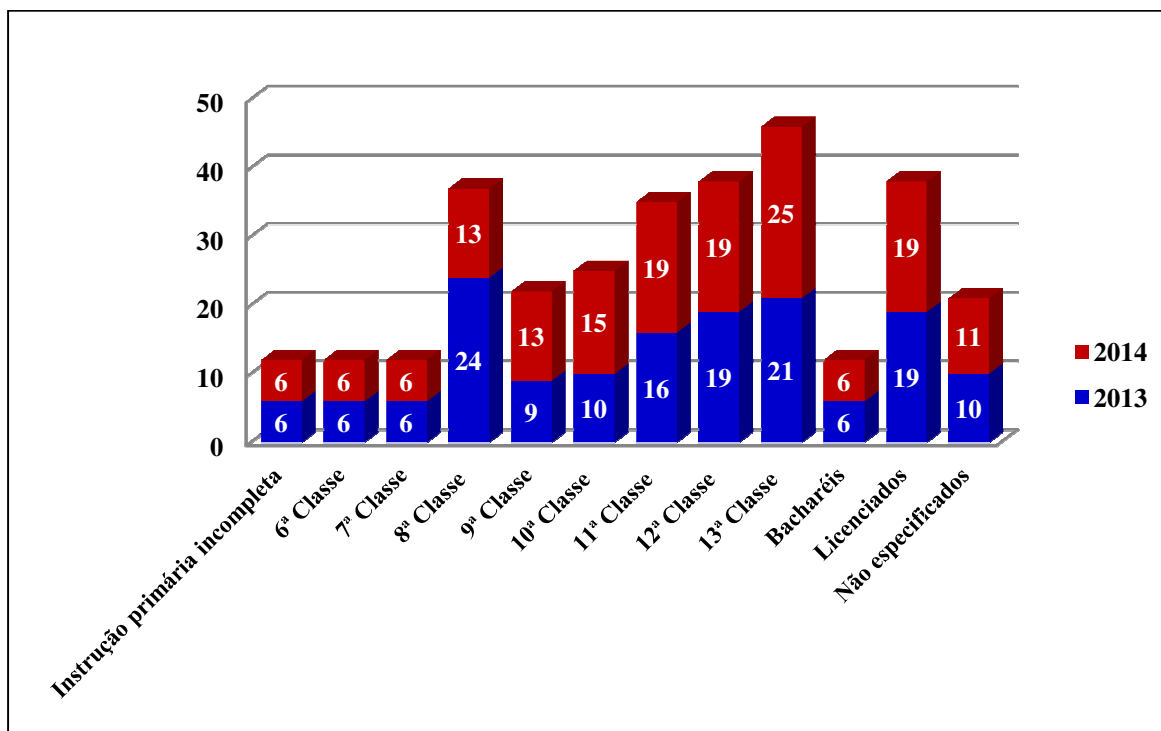
Fonte: Elaboração própria

Tabela 10 - Habilitações Literárias dos Pais/Encarregados de Educação (HLP/EE)

Habilitações Literárias	Frequência		Porcentagem	
	2013	2014	2013	2014
Instrução primária incompleta	6	6	4%	4%
6ª Classe	6	6	4%	4%
7ª Classe	6	6	4%	4%
8ª Classe	24	13	16%	8%
9ª Classe	9	13	6%	8%
10ª Classe	10	15	7%	9%
11ª Classe	16	19	10%	12%
12ª Classe	19	19	12%	12%
13ª Classe	21	25	14%	16%
Bacharéis	6	6	4%	4%
Licenciados	19	19	12%	12%
Não especificados	10	11	7%	7%
Total	152	158	100%	100%

Tal como se observa na tabela nº 10 e no gráfico abaixo, os pais/encarregados de educação (P/EE) inquiridos, apesar das dificuldades que as mesmas famílias têm atravessado ainda possuem habilitações literárias consideráveis para a nossa realidade angolana, pois é suficiente para ajudar na orientação de tarefas escolares dos seus filhos/educandos.

Gráfico 5 - Habilitações Literária dos pais



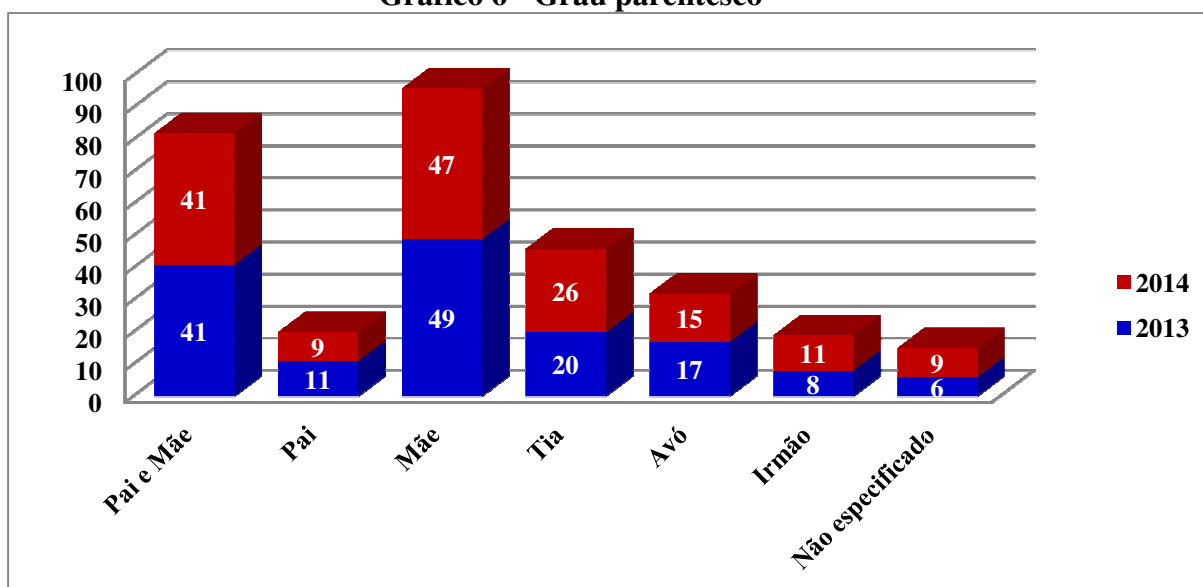
Fonte: Elaboração própria

Tabela 11 - Agregado familiar dos alunos

Agregados familiares	Frequência		Porcentagem	
	2013	2014		
Pai e Mãe	41	41	27%	26%
Pai	11	9	7%	6%
Mãe	49	47	32%	30%
Tia	20	26	13%	16%
Avó	17	15	11%	9%
Irmão	8	11	6%	7%
Não especificado	6	9	4%	6%
Total	152	158	100%	100%

Tal como se observa na tabela nº 11 e no gráfico abaixo, o resultado afirma que nem todos os alunos vivem com pai e mãe, alguns estão sob a tutela de monoparentesco. Infelizmente este tipo de família na sociedade angolana é muito comum, pois para além de fuga de paternidade, discriminação de filhos, rejeição, a morte tem sido um dos fatores.

Gráfico 6 - Grau parentesco



Fonte: Elaboração própria

3.3- Questionário Multifatorial do Insucesso Escolar (QMIE)

É um instrumento elaborado pelo autor do trabalho e serviu para analisar a pontuação do QMIE, considerado como uma medida que ajuda a aferir a frequência assinaladas por alunos, em relação a sua perceção contextualizada, sobre fatores que influenciam no insucesso escolar consultado.

Os inquiridos na sua simplicidade e de acordo a sua realidade foram claros e objetivos em responderem as nossas questões. Estes instrumentos foram dirigidos para três grupos: professores, alunos e pais/encarregados de educação, onde procuram expressar de forma objetiva os seus pensamentos sobre os fatores que estão na base do insucesso escolar.

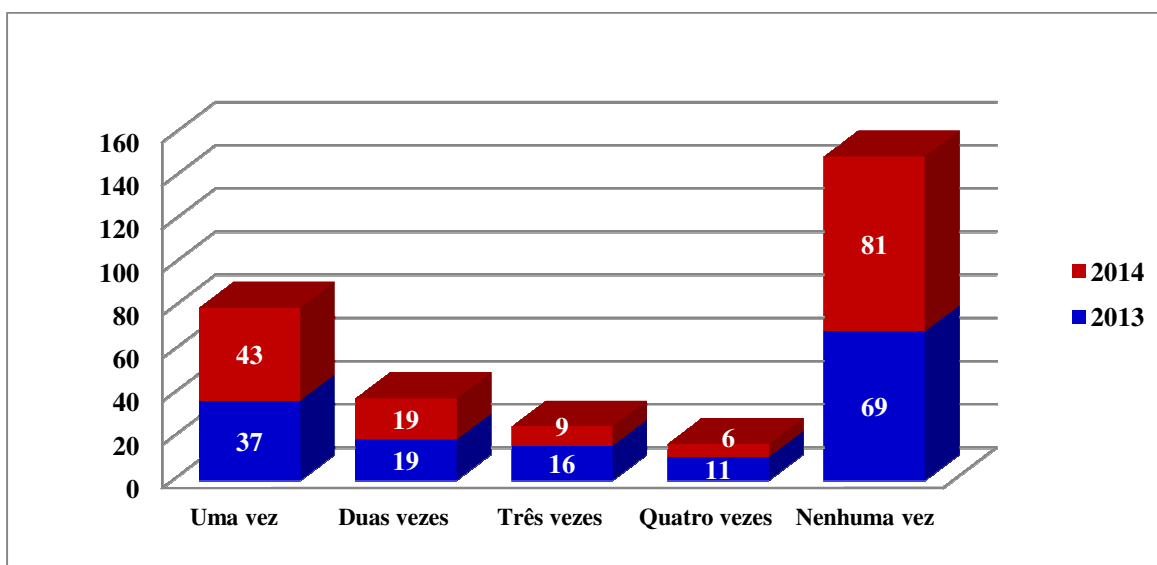
3.3.1 - Apresentação dos Resultados obtidos a partir do questionário Multifatorial do Insucesso Escolar aplicado aos alunos.

Tabela 12 - Vezes de reprovações

Opção	Frequência		Porcentagem	
	2013	2014	2013	2014
Uma vez	37	43	24%	27%
Duas vezes	19	19	13%	12%
Três vezes	16	9	11%	6%
Quatro vezes	11	6	7%	4%
Nenhuma vez	69	81	45%	51%
Total	152	158	100%	100%

Tal conforme se observa na tabela nº 12 e no gráfico abaixo, os resultados afirmam que a maior parte dos alunos inquiridos da 9ª classe nunca reprovaram nesta classe, mas a nossa insatisfação relativamente a este resultado, estende-se na prevalência de alunos que já reprovaram mais de uma vez. Desta forma acentua-se com um índice elevado insucesso na escola em pesquisa.

Gráfico 7 - Vezes de reprovações



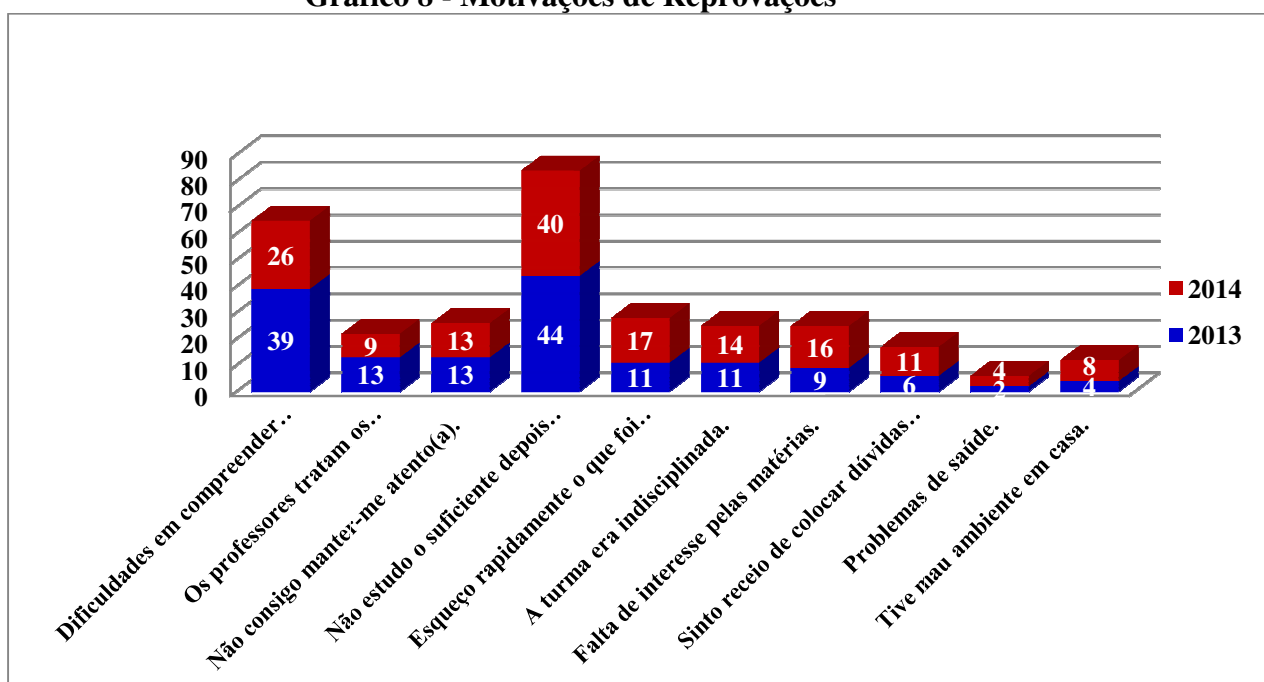
Fonte: Elaboração própria

Tabela 13 - Motivos das reprovações

Opção	Frequência		Porcentagem	
	2013	2014	2013	2014
Dificuldades em compreender as explicações dos professores.	39	26	26%	16%
Os professores tratam os assuntos com demasiada rapidez.	13	9	8%	6%
Não consigo manter-me atento(a).	13	13	8%	8%
Não estudo o suficiente depois das aulas.	44	40	29%	25%
Esqueço rapidamente o que foi explicado na aula.	11	17	7%	11%
A turma era indisciplinada.	11	14	7%	9%
Falta de interesse pelas matérias.	9	16	6%	10%
Sinto receio de colocar dúvidas aos professores.	6	11	4%	7%
Problemas de saúde.	2	4	1%	3%
Tive mau ambiente em casa.	4	8	3%	5%
Total	152	158	100%	100%

Tal como se observa na tabela nº 13 e no gráfico abaixo, são vários os fatores que impossibilitam a transição de classe dos alunos, podendo ser de carácter externa e interna como: dificuldades em compreender as explicações dos professores, os professores tratarem os assuntos com demasiada rapidez, não conseguir manter atento, não estudar o suficiente após às aulas, esquecer rapidamente o que foi explicado na aula, a indisciplina, a falta de interesse pelas matérias, sentir receio de colocar dúvidas aos professores, os problemas de saúde e em parte o mau ambiente em casa.

Gráfico 8 - Motivações de Reprovações



Fonte: Elaboração própria

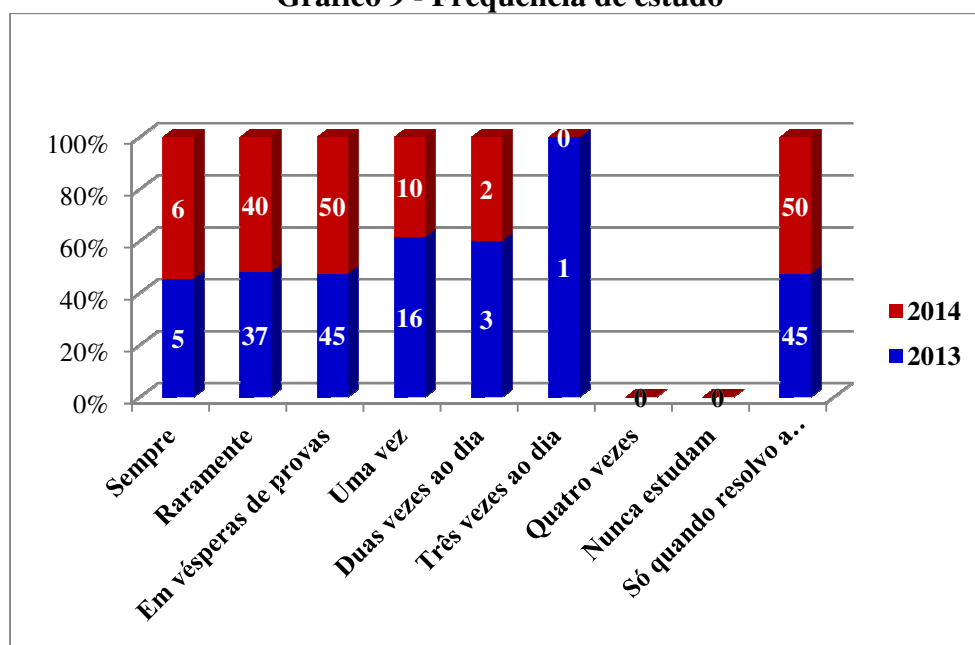
Tabela 14 - Frequência de estudos depois das aulas

Opção	Frequência		Porcentagem	
	2013	2014	2013	2014
Sempre	5	6	3%	4%
Raramente	37	40	24%	25%
Em vésperas de provas	45	50	30%	32%
Uma vez	16	10	10%	6%
Duas vezes ao dia	3	2	2%	1%
Três vezes ao dia	1	0	1%	0%
Quatro vezes	0	0	0%	0%
Nunca estudo	0	0	0%	0%
Só quando resolvo a tarefa	45	50	30%	32%
Total	152	158	100%	100%

Tal como se observa na tabela nº 14 e no gráfico abaixo, o resultado obtido é insatisfatório, visto que a maior parte dos alunos inquiridos apresentam pouquíssimas frequências de estudo.

Torna-se preocupante o facto da maior parte dos alunos afirmarem que estudam mais em vésperas de provas e só quando resolvem tarefas. Pois para além de limitar o estado cognitivo do próprio aluno, reduz a possibilidade de transitar de ano e procede dele uma capacidade de raciocínio limitada e de memória reprodutiva e não produtiva.

Gráfico 9 - Frequência de estudo



Fonte: Elaboração própria

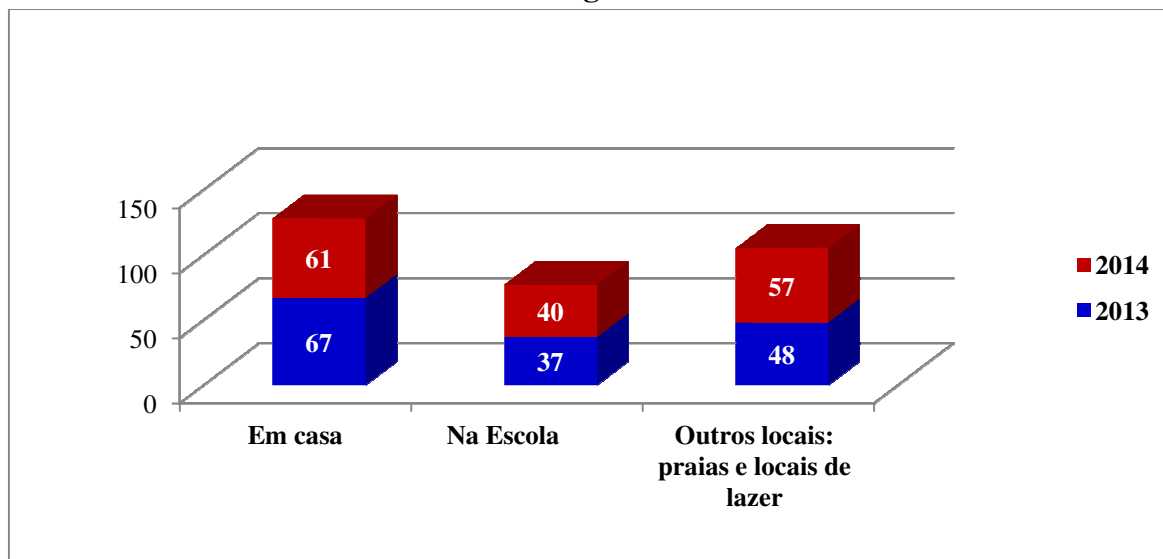
Tabela 15 - Local onde costumam estudar

Opção	Frequência		Porcentagem	
	2013	2014	2013	2014
Em casa	67	61	44%	39%
Na Escola	37	40	24%	25%
Outros locais: praias e locais de lazer	48	57	32%	36%
Total	152	158	100%	100%

Tal como se observa na tabela nº 15 e no gráfico abaixo, dos 152 alunos do ano 2013 e 158 alunos do ano 2014 inquiridos que corresponde a 100% para cada ano, 67 alunos do ano 2013 na razão 44% e 61 alunos do ano 2014 na razão de 39% afirmaram que estudam em casa; 37 alunos do ano 2013 na razão 24% e 40 alunos do ano 2014 na razão de 25% afirmaram que estudam na escola; 48 alunos do ano 2013 na razão 32% e 57 alunos do ano 2014 na razão de 36% afirmaram que estudam em outros lugares como praias e locais de lazer.

O resultado obtido neste gráfico, os inquiridos afirmam que estudam em lugares como casa, escola e outros lugares como praias e locais de lazer.

Gráfico 10 - Lugar de estudos



Fonte: Elaboração própria

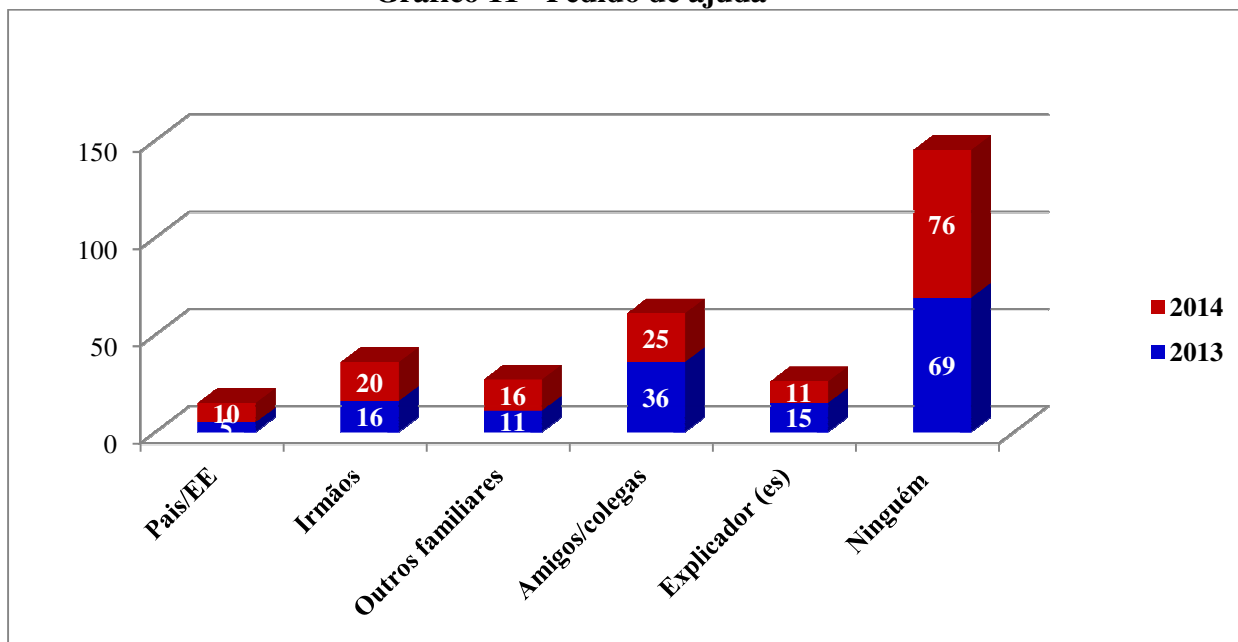
Tabela 16 - Pedido de ajuda

Opção	Frequência		Porcentagem	
	2013	2014	2013	2014
Pais/EE	5	10	3%	6%
Irmãos	16	20	11%	13%
Outros familiares	11	16	7%	10%
Amigos/colegas	36	25	24%	16%
Explicador (es)	15	11	10%	7%
Ninguém	69	76	45%	48%
Total	152	158	100%	100%

Tal como se observa na tabela nº 16 e no gráfico abaixo, o resultado é insatisfatório pelo facto da maior parte dos inquiridos afirmam que não têm pedido ajuda a ninguém, o que remete-nos a uma reflexão sobre os fatores que advém a este comportamento.

Pode-se também constatar uma ínfima participação dos pais/encarregados de educação. A interação com outras pessoas na busca de ajuda para superar certas debilidades contribui significativamente para o insucesso escolar no processo de ensino-aprendizagem.

Gráfico 11 - Pedido de ajuda



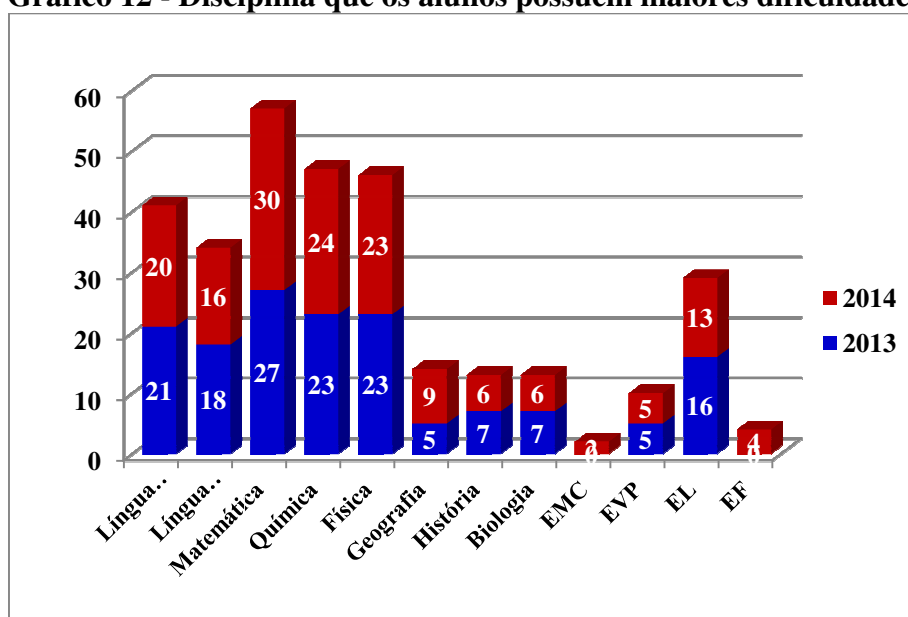
Fonte: Elaboração própria

Tabela 17 - Disciplina que os alunos possuem maiores dificuldades

Opção	Frequência		Porcentagem	
	2013	2014	2013	2014
Língua Portuguesa	21	20	14%	13%
Língua Estrangeira	18	16	12%	10%
Matemática	27	30	18%	19%
Química	23	24	15%	15%
Física	23	23	15%	15%
Geografia	5	9	3%	6%
História	7	6	5%	4%
Biologia	7	6	5%	4%
EMC	0	2	0%	1%
EVP	5	5	3%	3%
Ed. L	16	13	10%	8%
Ed. F.	0	4	0%	2%
Total	152	158	100%	100%

Tal como se observa na tabela nº 17 e no gráfico abaixo, a maior parte dos inquiridos possuem maiores dificuldades nas disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, Química, Física e Línguas Estrangeiras que são idiomas de opção (Francês e Inglês). Estas são as disciplinas que têm sido uma dificuldade enorme para os alunos, o que impõe uma reflexão maior a todos os agentes do processo de ensino-aprendizagem e aos professores reverem as suas competências pedagógicas.

Gráfico 12 - Disciplina que os alunos possuem maiores dificuldades



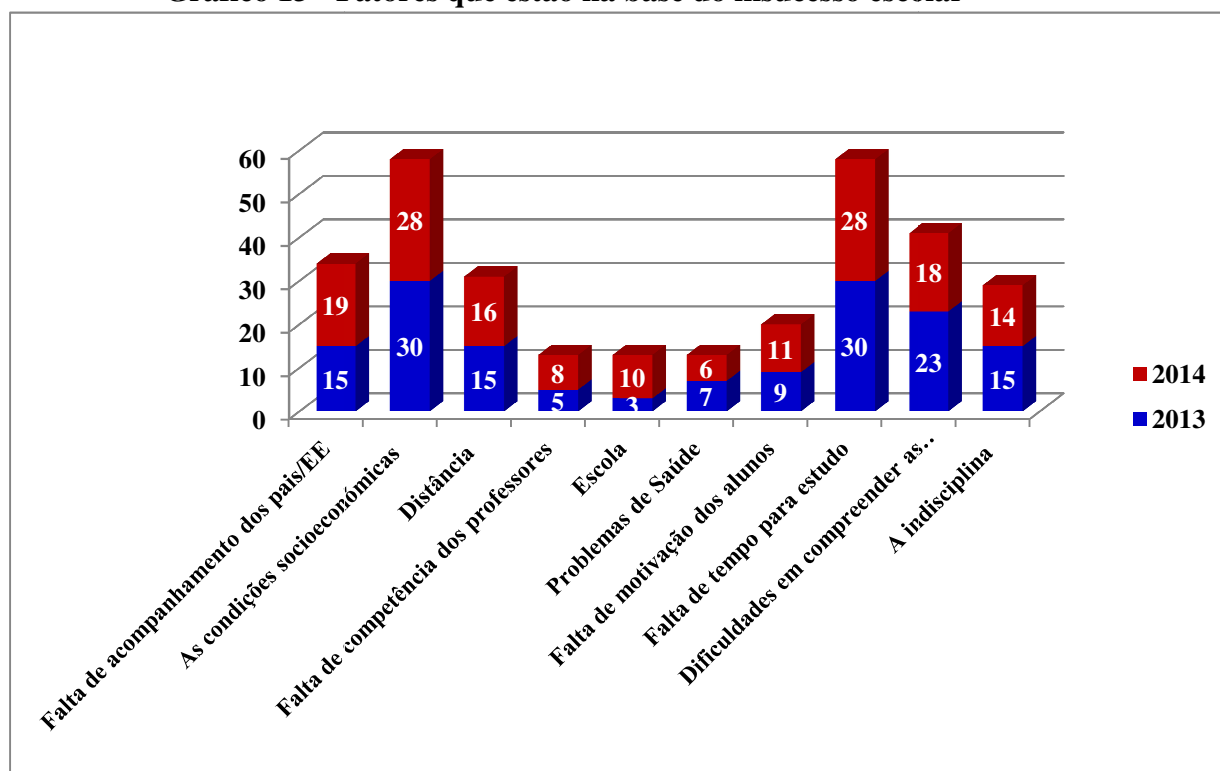
Fonte: elaboração própria

Tabela 18 - Fatores que estão na base do insucesso escolar

Opção	Frequência		Porcentagem	
	2013	2014	2013	2014
Falta de acompanhamento dos pais/EE	15	19	10%	12%
As condições socioeconômicas	30	28	20%	18%
Distância	15	16	10%	10%
Falta de competência dos professores	5	8	3%	5%
Escola	3	10	2%	6%
Problemas de Saúde	7	6	4%	4%
Falta de motivação dos alunos	9	11	6%	7%
Falta de tempo para estudo	30	28	20%	18%
Dificuldades em compreender as explicações dos professores	23	18	15%	11%
A indisciplina	15	14	10%	9%
Total	152	158	100%	100%

Tal como se observa na tabela nº 18 e no gráfico abaixo, há vários fatores que estão na base do insucesso escolar que podem ser traduzidos em externos e internos ao aluno. Os alunos e os Pais/Encarregados de Educação são os principais responsáveis deste insucesso, pois, apesar de haver outros fatores, se os alunos tivessem maior motivação aos estudos com uma participação ativa dos seus educadores alcançariam sucessos.

Gráfico 13 - Fatores que estão na base do insucesso escolar



Fonte: Elaboração própria

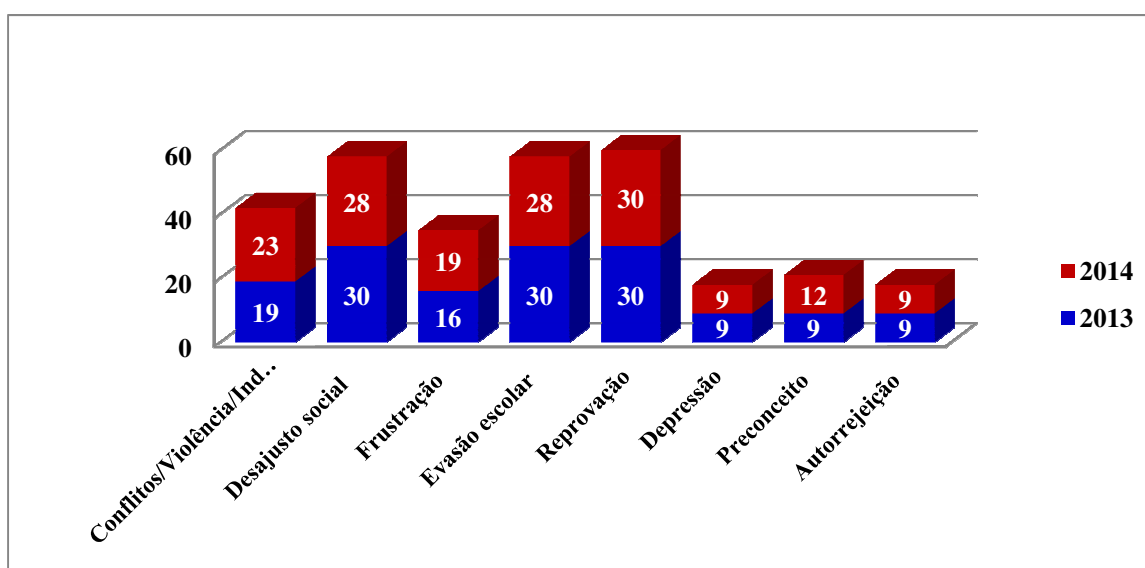
Tabela 19 - Consequências do insucesso escolar

Opção	Frequência		Porcentagem	
	2013	2014	2013	2014
Conflitos/Violência/Indisciplina	19	23	12%	14%
Desajuste social	30	28	20%	18%
Frustração	16	19	10%	12 %
Evasão escolar	30	28	20%	18%
Reprovação	30	30	20%	19%
Depressão	9	9	6%	6%
Preconceito	9	12	6%	7%
Autorrejeição	9	9	6%	6%
Total	152	158	100%	100%

Os inquiridos afirmam que o insucesso escolar tem várias consequências como, reprovação, abandono escolar, frustração, conflitos/violência/indisciplina e desajuste social são apontados pela maioria dos inquiridos como consequências causadas pelo insucesso escolar.

Olhando para estes indicadores, há necessidade de combater com cientificidade e com competências para minimizar esse enigma. Os diversos agentes educativos devem refletir sobre as novas estratégias capazes de mudar este quadro, pois o fracasso escolar costuma definir novos conceitos psicológicos que muitas das vezes leva o indivíduo ao comodismo e perturbações, por se sentir pouco útil no meio social.

Gráfico 14 - Consequências do Insucesso escolar



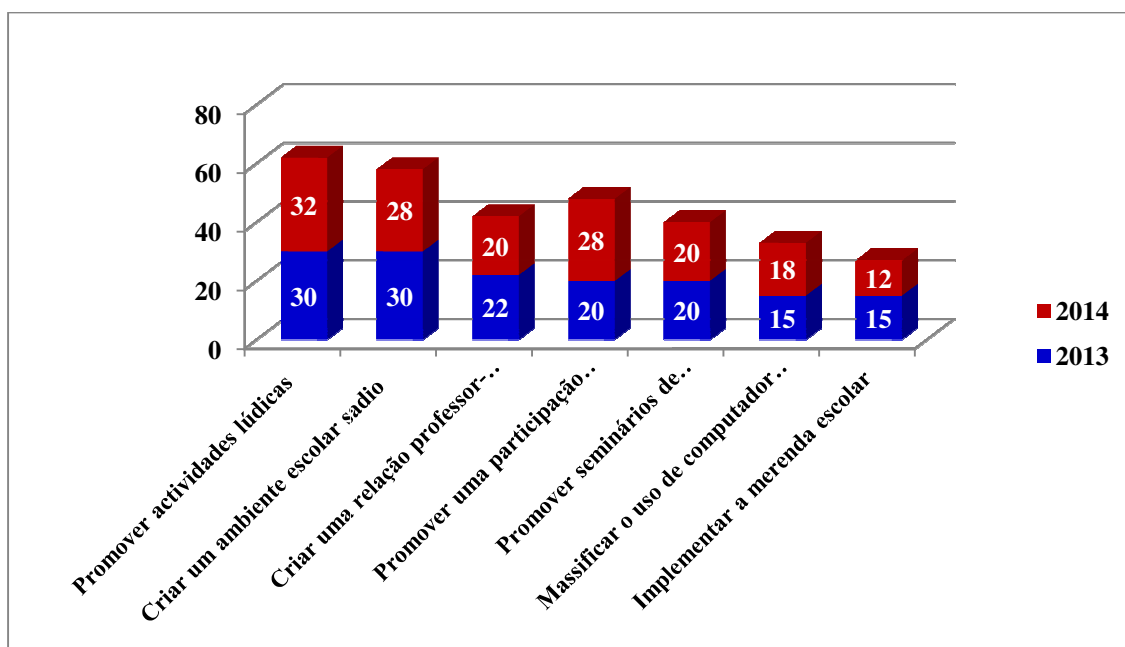
Fonte: Elaboração própria

Tabela 20 - Estratégias sugeridas para o combate ao insucesso escolar

Opção	Frequência		Porcentagem	
	2013	2014	2013	2014
Promover atividades lúdicas	30	32	20%	20%
Criar um ambiente escolar sadio	30	28	20%	18%
Criar uma relação professor-aluno sadia	22	20	14%	13 %
Promover uma participação ativa dos Pais/EE	20	28	13%	18%
Promover seminários de capacitação aos professores	20	20	13%	13%
Massificar o uso de computador na escola	15	18	10%	11%
Implementar a merenda escolar	15	12	10%	7%
Total	152	158	100%	100%

Tal como se observa na tabela nº 20 e no gráfico abaixo, todos os inquiridos nas suas particularidades e de acordo o ponto de vista de cada um apontaram como estratégias para combater o insucesso escolar: promover atividades lúdicas, criar um ambiente escolar sadio, criar uma relação professor-aluno sadia, promover uma participação ativa dos pais/Encarregados de Educação, promover seminários de capacitação aos professores, massificar o uso de computador na escola e implementar a merenda escolar.

Gráfico 15 - Estratégias utilizadas para combate ao insucesso escolar



Fonte: Elaboração própria

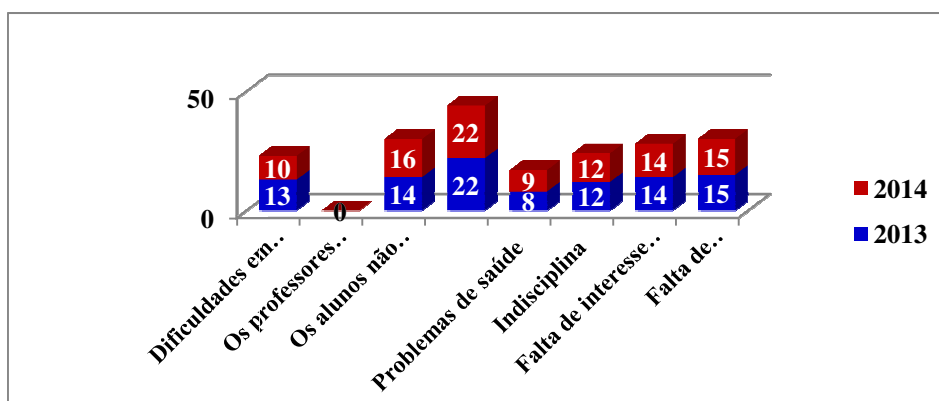
3.3.2 - Apresentação dos Resultados obtidos a partir do questionário Multifatorial do Insucesso Escolar aplicado aos professores.

Tabela 21 - Motivos das reprovações

Opção	Frequência		Porcentagem	
	2013	2014	2013	2014
Dificuldades em compreender as explicações dos professores	13	10	13%	10%
Os professores tratam os assuntos com demasiada rapidez	0	0	0%	0%
Os alunos não conseguem manter-se atentos	14	16	14%	17%
Os alunos não estudam	22	22	23%	23%
Problemas de saúde	8	9	8%	9%
Indisciplina	12	12	12%	12%
Falta de interesse pelas matérias	14	14	14%	14%
Falta de acompanhamento dos Pais/EE	15	15	16%	15%
Total	98	98	100%	100%

Tal como se observa-se na tabela nº 21 e no gráfico abaixo, os resultados afirmaram que os alunos têm dificuldades em compreender as explicações dos professores, a falta de atenção por parte dos alunos em plena aula, a falta de interesse dos alunos pelos estudos, problemas de saúde, a indisciplina, falta de interesse pelas matérias e falta de acompanhamento, como motivos que levam os alunos a repetirem à classe. Estes resultados, não converge na sua íntegra com os resultados obtidos a partir dos alunos, tudo porque dificilmente os alunos conseguem admitir sobre a sua capacidade do seu estado cognitivo e emocional e professores que não têm competências suficientes para lidar com as dificuldades dos seus alunos. Logo fica em jogo a responsabilidade do insucesso escolar.

Gráfico 16 - Motivações das reprovações



Fonte: Elaboração própria

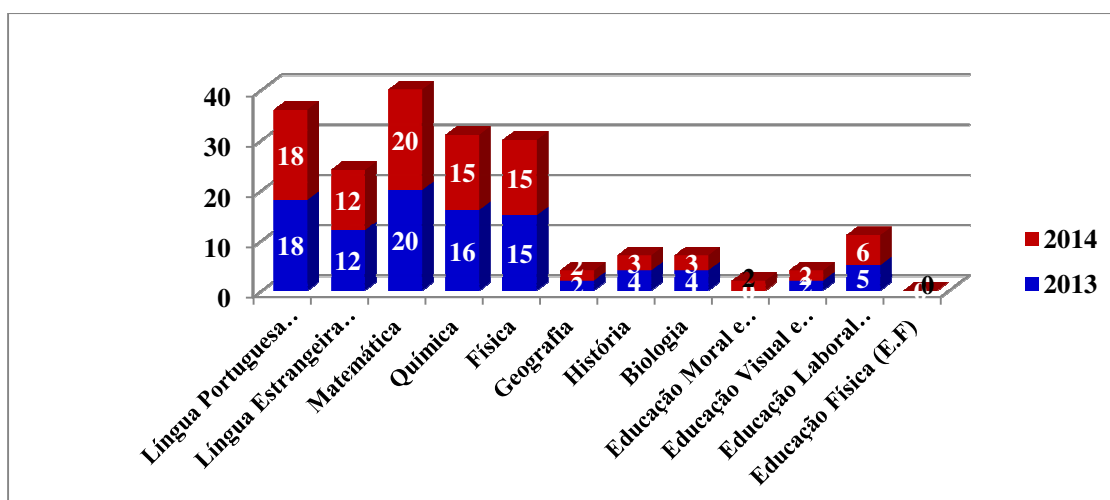
Tabela 22 - Disciplina que os alunos possuem maiores dificuldades

Opção	Frequência		Porcentagem	
	2013	2014	2013	2014
Língua Portuguesa (L.P)	18	18	19%	19%
Língua Estrangeira (L.E)	12	12	12%	12%
Matemática	20	20	21%	21%
Química	16	15	16%	15%
Física	15	15	15%	15%
Geografia	2	2	2%	2%
História	4	3	4%	3%
Biologia	4	3	4%	3%
Educação Moral e Cívica (E.M.C)	0	2	0%	2%
Educação Visual e Plástica (E.V.P)	2	2	2%	2%
Educação Laboral (E.L)	5	6	5%	6%
Educação Física (E.F)	0	0	0%	0%
Total	98	98	100%	100%

Tal como se observa na tabela nº 22 e no gráfico abaixo, a maior parte dos inquiridos possuem maiores dificuldades nas disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, Química, Física e Línguas Estrangeiras que são idiomas de opção (Francês e Inglês). Estas são as disciplinas que têm sido uma dificuldade enorme para os alunos, o que impõe uma reflexão maior a todos os agentes do processo de ensino-aprendizagem e aos professores reverem as suas competências pedagógicas.

Como se pode notar, que tanto para os professores como os próprios alunos, estão todos de acordos de que a Língua Portuguesa, Matemática, Química, Física e Línguas Estrangeiras são cadeiras que os alunos têm encontrado maiores dificuldades em apreender.

Gráfico 17 - Disciplina que os alunos possuem maiores dificuldades



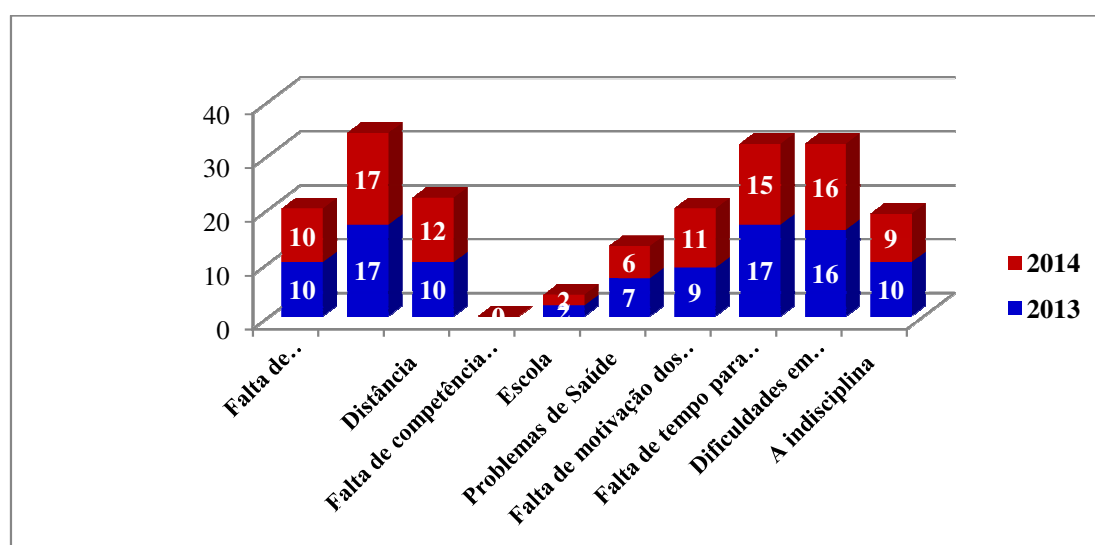
Fonte: Elaboração própria

Tabela 23 - Fatores que estão na base do insucesso escolar

Opção	Frequência		Porcentagem	
	2013	2014	2013	2014
Falta de acompanhamento dos Pais/EE	10	10	10%	10%
As condições socioeconômicas	17	17	18%	18%
Distância	10	12	10%	12%
Falta de competência dos professores	0	0	0%	0%
Escola	2	2	2%	2%
Problemas de Saúde	7	6	7%	6%
Falta de motivação dos alunos	9	11	9%	11%
Falta de tempo para estudo	17	15	18%	15%
Dificuldades em compreender as explicações dos professores	16	16	16%	17%
A indisciplina	10	9	10%	9%
Total	98	98	100%	100%

Como se pode observar constata-se uma pequena divergência, pois parece que existe jogos de responsabilidade entre professores e alunos sobre o insucesso escolar. Tal como se observa na tabela nº 23 e no gráfico abaixo, os resultados obtidos demonstram que são vários fatores que estão na base do insucesso escolar que podem ser traduzidos em externos e internos ao aluno. Os alunos e os Pais/Encarregados de Educação são os principais responsáveis deste insucesso, pois, apesar de haver outros fatores, se os alunos tivessem maior motivação aos estudos com uma participação ativa dos seus educadores alcançariam sucessos.

Gráfico 18 - Fatores que estão na base do insucesso escolar



Fonte: Elaboração própria

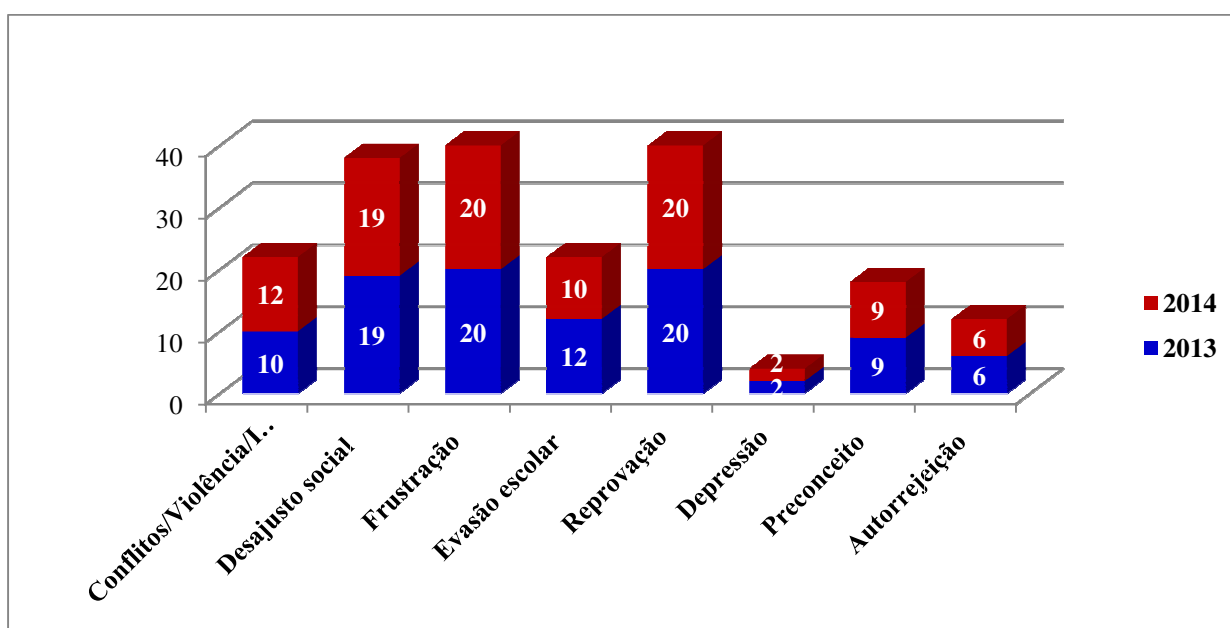
Tabela 24 - Consequências do insucesso escolar

Opção	Frequência		Porcentagem	
	2013	2014	2013	2014
Conflitos/Violência/Indisciplina	10	12	10%	12%
Desajusto social	19	19	19%	19%
Frustração	20	20	21%	21%
Evasão escolar	12	10	12%	10%
Reprovação	20	20	21%	21%
Depressão	2	2	2%	2%
Preconceito	9	9	9%	9%
Autorrejeição	6	6	6%	6%
Total	98	98	100%	100%

Os inquiridos afirmam que o insucesso escolar tem várias consequências como, reprovação, abandono escolar, frustração, conflitos/violência/indisciplina e desajuste social são apontados pela maioria dos inquiridos como consequências causadas pelo insucesso escolar.

Olhando para estes indicadores, a necessidade de combater com cientificidade e com competências para minimizar esse enigma deve ser maior preocupação. Porém os agentes, aquém são de direito em lidar com os alunos, devem refletir sobre as novas estratégias capazes de mudar o quadro.

Gráfico 19 - Consequências do insucesso escolar



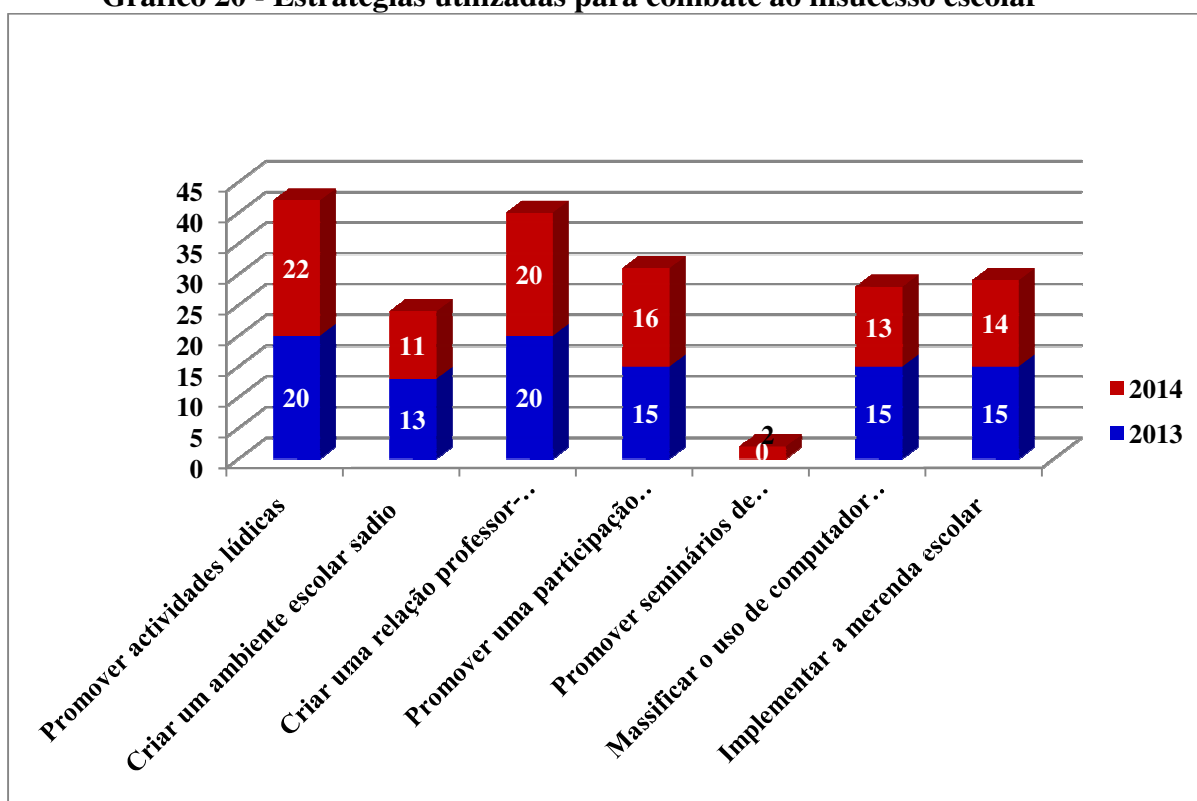
Fonte: Elaboração própria

Tabela 25 - Estratégias utilizadas para combate ao insucesso escolar

Opção	Frequência		Porcentagem	
	2013	2014	2013	2014
Promover atividades lúdicas	20	22	21%	23%
Criar um ambiente escolar sadio	13	11	13%	11%
Criar uma relação professor-aluno sadia	20	20	21%	21%
Promover uma participação ativa dos Pais/EE	15	16	15%	16%
Promover seminários de capacitação aos professores	0	2	0%	2%
Massificar o uso de computador na escola	15	13	15%	13%
Implementar a merenda escolar	15	14	15%	14%
Total	98	98	100%	100%

Tal como se observa na tabela nº 25 e no gráfico abaixo, todos os inquiridos, de acordo o ponto de vista de cada um, apontaram como estratégias para o combate ao insucesso escolar: promover atividades lúdicas, criar um ambiente escolar sadio, criar uma relação professor-aluno sadia, promover uma participação ativa dos pais/encarregados de educação, promover seminários de capacitação aos professores, massificar o uso de computador na escola e implementar a merenda escolar.

Gráfico 20 - Estratégias utilizadas para combate ao insucesso escolar



Fonte: Elaboração própria

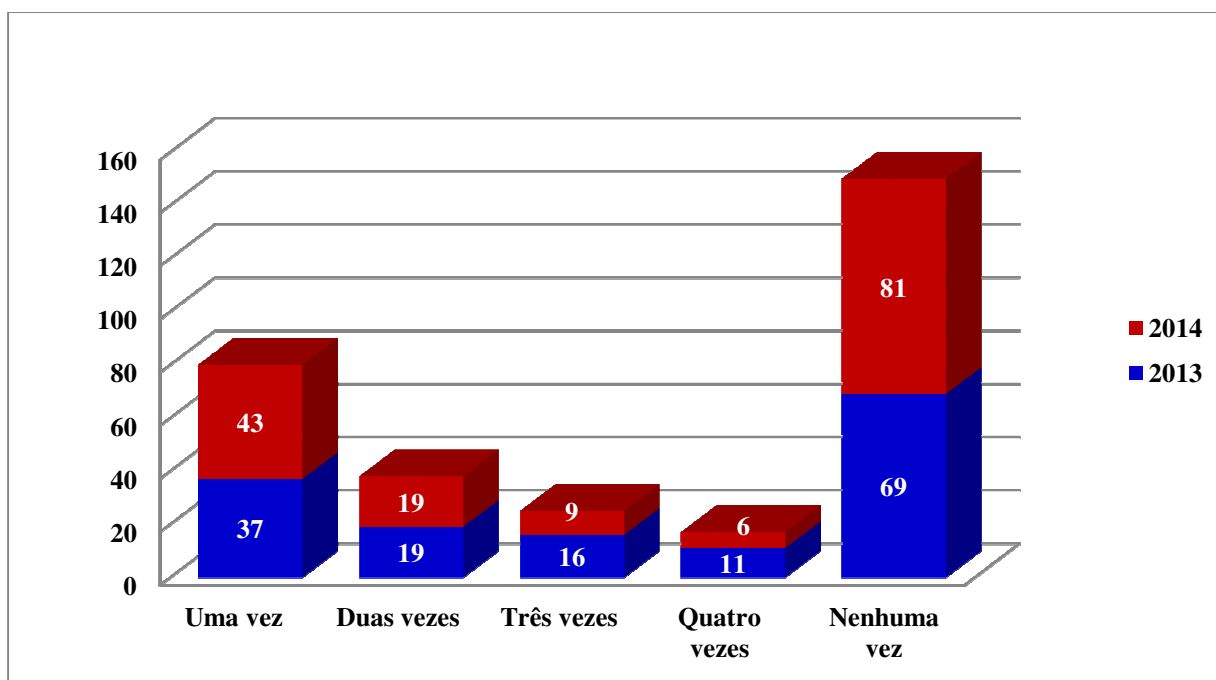
3.3.3 - Apresentação dos Resultados obtidos a partir do questionário Multifatorial do Insucesso Escolar aplicado aos P/EE

Tabela 26 - Vezes de reprovações

Opção	Frequência		Porcentagem	
	2013	2014	2013	2014
Uma vez	37	43	24%	27%
Duas vezes	19	19	13%	12%
Três vezes	16	9	11%	6%
Quatro vezes	11	6	7%	4%
Nenhuma vez	69	81	45%	51%
Total	152	158	100%	100%

Tal conforme se observa na tabela nº 26 e no gráfico abaixo, os pais/encarregados de educação coincidentemente corroboram com os seus filhos pelo facto de os resultados convergirem com as respostas dos alunos. Desta forma releva-nos a considerar que existe uma reciprocidade de consciência e responsabilidade entre P/EE e filhos sobre a abordagem. Porém deve-se perpetuar um pensamento coletivo sobre as estratégias à serem dotadas para a minimização do insucesso escolar

Gráfico 21 - Vezes de reprovações



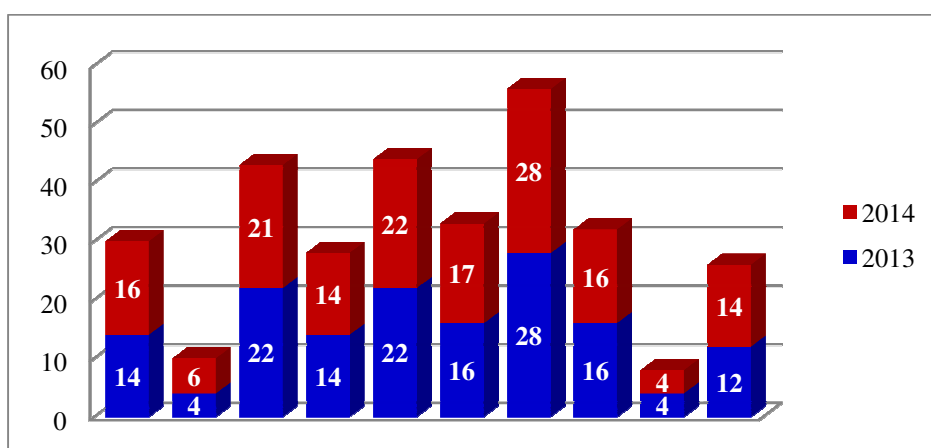
Fonte: Elaboração própria

Tabela 27 - Motivos das reprovações

Opção	Frequência		Porcentagem	
	2013	2014	2013	2014
Dificuldades em compreender as explicações dos professores	14	16	9%	10%
Os professores tratam os assuntos com demasiada rapidez	4	6	3%	4%
Muita brincadeira	22	21	14%	13%
Falta de competência por parte dos professores	14	14	9%	9%
Passam a maior parte do tempo nas redes sociais	22	22	14%	14%
Não estudam o suficiente depois das aulas	16	17	11%	11%
Más companhias	28	28	18%	18%
Por causa de faltar às aulas	16	16	11%	10%
Problemas de saúde	4	4	3%	2%
Por causa das condições da escola	12	14	8%	9%
Total	152	158	100%	100%

Tal como se observa na tabela nº 27 e no gráfico abaixo, os Pais/Encarregados de Educação justificam que os seus filhos reprovam por causa das dificuldades em compreender as explicações dos professores, de os professores tratarem os assuntos com demasiada rapidez, de brincadeiras, da falta de competências por parte dos professores, de passarem a maior parte do tempo nas redes sociais, de não estudarem o suficiente após às aulas, das más companhias, de faltar às aulas, dos problemas de saúde e por causa das condições da escola. Deste modo percebe-se que o insucesso escolar provém de vários fatores que podem ser de caráter interno e externo. Porém, neste ápice de pensamento existe empurrões de responsabilidades, podendo para os P/EE ser da responsabilidade da Escola à liderança deste fenómeno e por parte da escola, deve-se a falta de responsabilidade e interesse dos P/EE com a formação dos seus filhos/educandos.

Gráfico 22 - Gráficos de reprovações



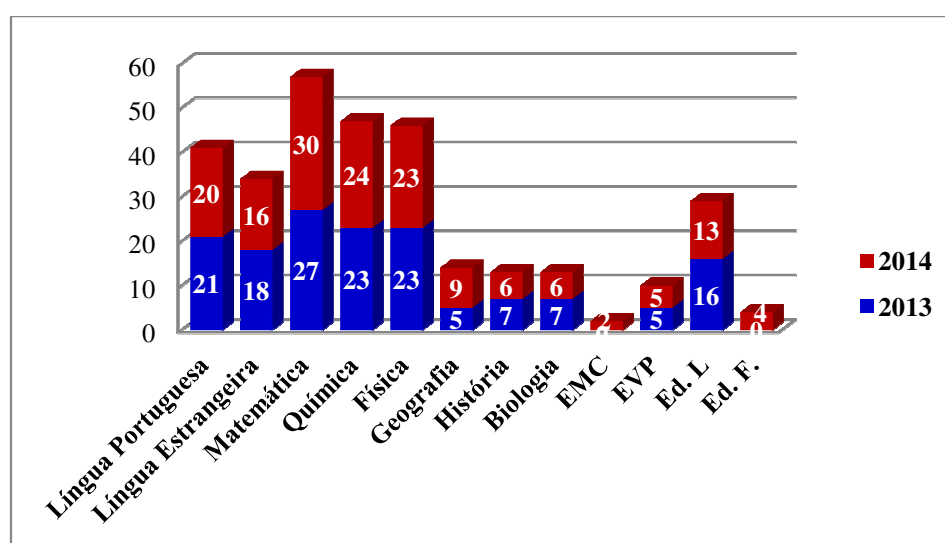
Fonte: Elaboração própria

Tabela 28 - Disciplina que os filhos possuem maiores dificuldades

Opção	Frequência		Porcentagem	
	2013	2014	2013	2014
Língua Portuguesa	21	20	14%	13%
Língua Estrangeira	18	16	12%	10%
Matemática	27	30	18%	19%
Química	23	24	15%	15%
Física	23	23	15%	15%
Geografia	5	9	3%	6%
História	7	6	5%	4%
Biologia	7	6	5%	4%
EMC	0	2	0%	1%
EVP	5	5	3%	3%
Ed. L	16	13	10%	8%
Ed. F.	0	4	0%	2%
Total	152	158	100%	100%

Tal como se observa na tabela nº 28 e no gráfico abaixo, a maior parte dos inquiridos afirmam que os seus filhos/educandos possuem maiores dificuldades nas disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, Química, Física e Línguas Estrangeiras que são idiomas de opção (Francês e Inglês) assim como Ed. Laboral. Estas são as disciplinas que têm sido uma dificuldade enorme para os alunos, o que impõe uma reflexão maior à todos os agentes do processo educativo reverem as suas competências pedagógicas, sobretudo a refletirem nas suas responsabilidades e criarem um elo entre família-escola numa ação dialógica em volta do fenómeno em estudo.

Gráfico 23 - Disciplina que os filhos possuem maiores dificuldades



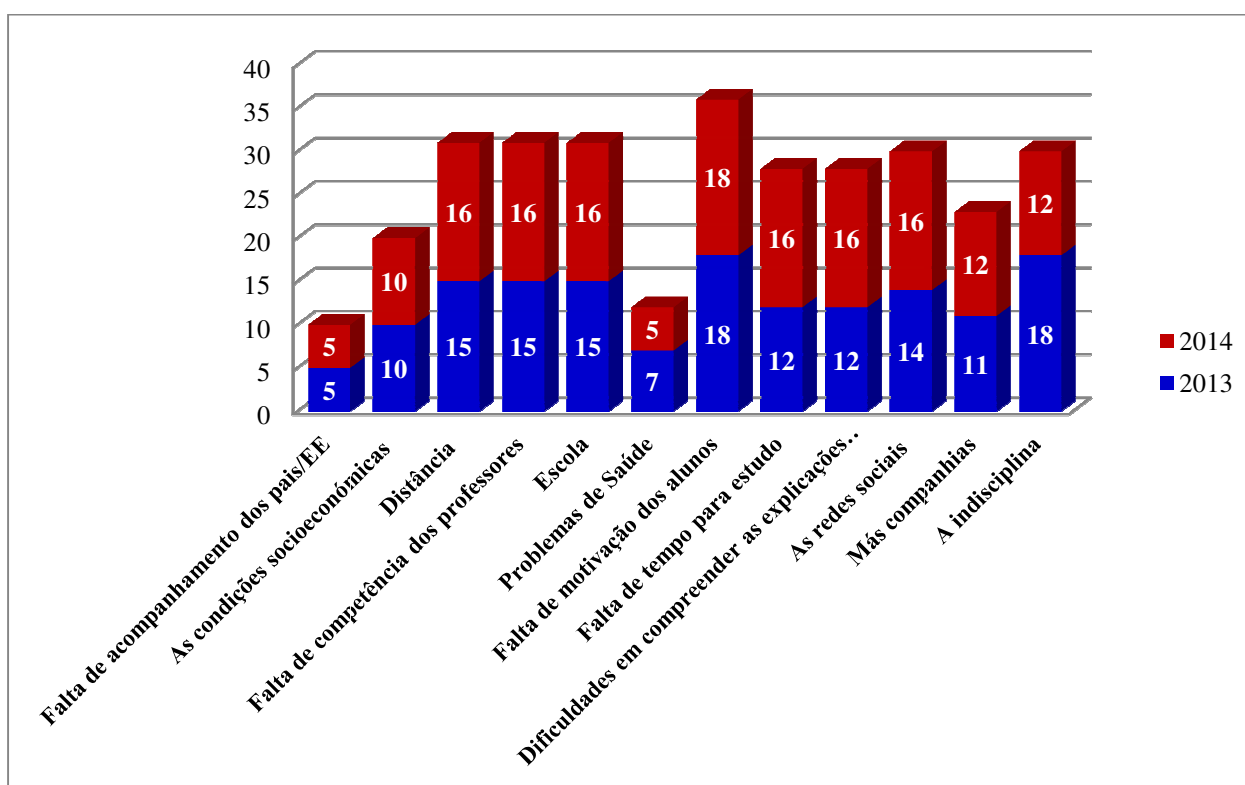
Fonte: elaboração própria

Tabela 29 - Fatores que estão na base do insucesso escolar

Opção	Frequência		Porcentagem	
	2013	2014	2013	2014
Falta de acompanhamento dos pais/EE	5	5	3%	3%
As condições socioeconômicas	10	10	6%	6%
Distância	15	16	10%	10%
Falta de competência dos professores	15	16	10%	10%
Escola	15	16	10%	10%
Problemas de Saúde	7	5	5%	3%
Falta de motivação dos alunos	18	18	12%	12%
Falta de tempo para estudo	12	16	8%	10%
Dificuldades em compreender as explicações dos professores	12	16	8%	10%
As redes sociais	14	16	9%	10%
Más companhias	11	12	7%	8%
A indisciplina	18	12	12%	8%
Total	152	158	100%	100%

Tal como se observa na tabela nº 29 e no gráfico abaixo, há vários fatores que estão na base do insucesso escolar que podem ser traduzidos em externos e internos ao aluno. Os alunos e os pais/encarregados de Educação são os principais responsáveis deste insucesso, pois, os professores afirmam que, “apesar de haver outros fatores, se os alunos tivessem maior motivação aos estudos com uma participação ativa dos seus educadores alcançariam sucessos”, o que diverge com os P/EE, pois estes apontam a escola, a falta de competências dos professores, a distância, problemas de saúde, falta de tempo para estudo, dificuldades em compreender as explicações dos professores e indisciplinas como fatores responsáveis do insucesso escolar. De facto, é injusto a escola atribuir toda responsabilidade à família e o aluno como fatores causador de insucesso escolar, cada um contribui segundo às suas responsabilidades, tarefas e função. A escola joga um papel indispensável na construção de conhecimentos e a família cria condições ambientais e sociais de modo que a criança sinta-se presente e estimulada nas suas atividades. Todavia, as duas instituições contribuem significativamente na construção de uma personalidade consciente e aceite socialmente de forma independente.

Gráfico 24 - Fatores que estão na base do insucesso escolar



Fonte: Elaboração própria

Tabela 30 - Consequências do insucesso escolar

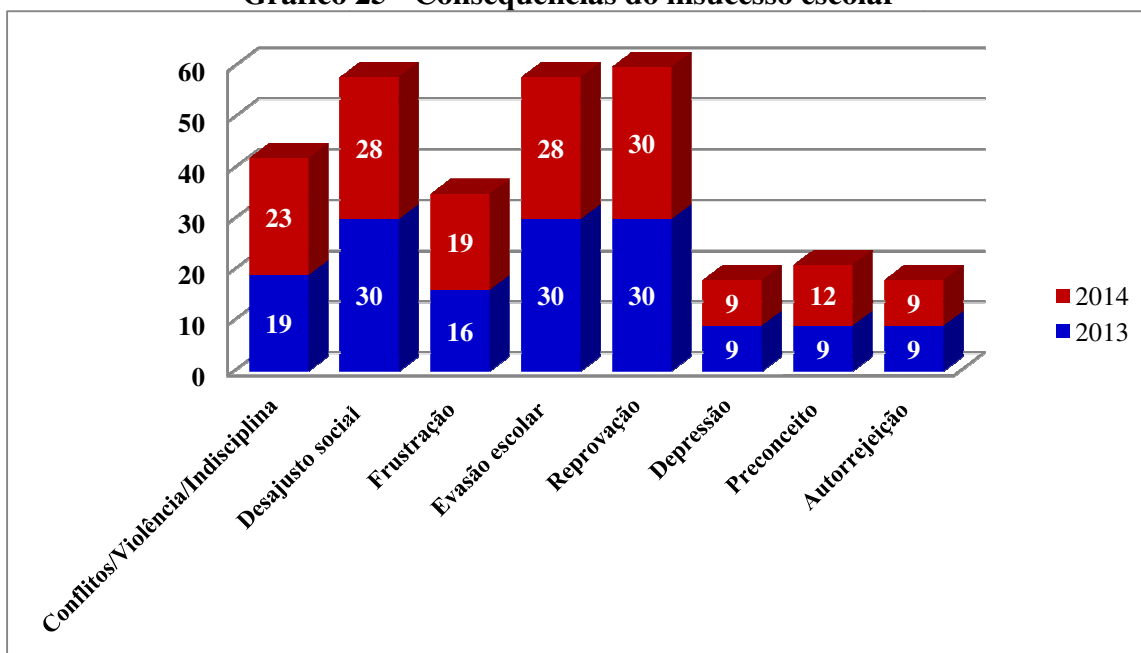
Opção	Frequência		Porcentagem	
	2013	2014	2013	2014
Conflitos/Violência/Indisciplina	19	23	12%	14%
Desajuste social	30	28	20%	18%
Frustração	16	19	10%	12%
Evasão escolar	30	28	20%	18%
Reprovação	30	30	20%	19%
Depressão	9	9	6%	6%
Preconceito	9	12	6%	7%
Autorrejeição	9	9	6%	6%
Total	152	158	100%	100%

Os inquiridos afirmam que o insucesso escolar tem várias consequências como, reprovação, abandono escolar, frustração, conflitos/violência/indisciplina e desajuste social são apontados pela maioria dos inquiridos como consequências causadas pelo insucesso escolar.

Olhando para estes indicadores, há necessidade de combater com cientificidade e com competências para minimizar esse enigma deve ser maior preocupação. Os

diversos agentes educativos devem refletir sobre as novas estratégias capazes de mudar este quadro, principalmente na adoção de uma gestão participativa e inovadora.

Gráfico 25 - Consequências do insucesso escolar



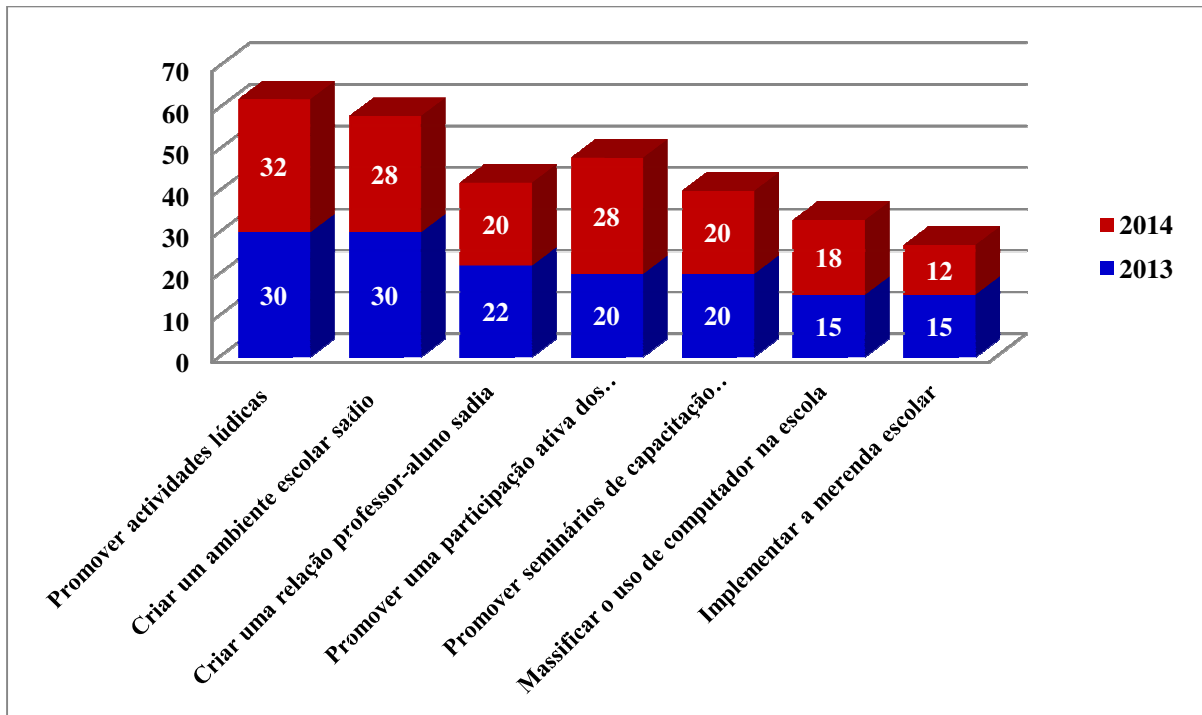
Fonte: Elaboração própria

Tabela 31 - Estratégias sugeridas para o combate ao insucesso escolar

Opção	Frequência		Porcentagem	
	2013	2014	2013	2014
Promover atividades lúdicas	30	32	20%	20%
Criar um ambiente escolar sadio	30	28	20%	18%
Criar uma relação professor-aluno sadia	22	20	14%	13 %
Promover uma participação ativa dos Pais/EE	20	28	13%	18%
Promover seminários de capacitação aos professores	20	20	13%	13%
Massificar o uso de computador na escola	15	18	10%	11%
Implementar a merenda escolar	15	12	10%	7%
Total	152	158	100%	100%

Tal como se observa na tabela nº 31 e no gráfico abaixo, todos os inquiridos nas suas particularidades e de acordo o ponto de vista de cada um apontaram como estratégias para combater o insucesso escolar: promover atividades lúdicas, criar um ambiente escolar sadio, criar uma relação professor-aluno sadia, promover uma participação ativa dos pais/Encarregados de Educação, promover seminários de capacitação aos professores, massificar o uso de computador na escola e implementar a merenda escolar.

Gráfico 26 - Estratégias sugeridas para o combate ao insucesso escolar



Fonte: Elaboração própria

CAPÍTULO IV - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Introdução

Este capítulo vem apresentar, analisar e discutir os resultados obtidos a partir da técnica instrumental submetida numa amostra de carácter aleatória de dois anos letivos (2013 e 2014) constituída por 98 professores, 310 alunos e 310 pais/encarregados de educação, subtraída numa população da escola católica do I Ciclo do ensino secundário Nossa Senhora da Sabedoria, Alto Liro do Município do Lobito/Angola. Torna-se indispensável a existência deste capítulo para toda e qualquer investigação que é do tipo quantitativo e descritivo de carácter exploratório e transversal, porque através deste, é possível justificar detalhadamente os resultados obtidos por intermédio dos métodos empíricos acima mencionados com os fundamentos teóricos.

A escola alvo da nossa pesquisa, é uma instituição bem estruturada, com condições propícias para uma formação, que geograficamente localiza-se a Norte – Campo das Madres, a Oriente – Igreja Evangélica Congregacional em Angola, a Ocidente – a estrada e o bairro da Zâmbia-Alto Liro, município do Lobito, província de Benguela/ Angola e a Sul – bairro Alto Bocoio, situada socialmente numa zona suburbana, onde a maior parte dos alunos provêm de várias classes sociais (alta, média e baixa), o que torna esta escola heterogénea (centro de culturas, comportamentos, temperamentos e atitudes divergentes) por esta razão ela é também como todas outras, vítima de uma patologia alcunhada (in)sucesso escolar, patologia esta que defenderíamos como fenómeno pela forma como tem ocorrido e afetando diretamente o processo de ensino-aprendizagem e inferiorizando os componentes principais do processo educativo.

Para começar, importa-nos salientar que estamos diante de um raciocínio filosófico em volta da discussão de um fenómeno que de acordo a sua diversidade natural propõe condições para o tipo de resultado que perspetiva. É imprescindível de facto, a discussão dos resultados obtidos nesta investigação, pois relata factos reais e proporciona estratégias para amenização e/ou combate ao insucesso escolar e raciocínios lógicos sobre atuação dos educadores face a esta realidade que tem vindo agravar-se cada vez mais nas sociedades angolanas particularmente.

Nesta conformidade, a definir o conceito insucesso não como falência, mais sim como fracasso e incapacidade de percorrer uma determinada atividade no ritmo do nível normal. Desta forma, podemos definir o insucesso escolar como uma expressão antónima do bom rendimento escolar, levando à um julgamento que perpetua na evasão e abandono, no desajuste social e frustrações. Tendo em conta a veracidade do facto em

causa, entendemos de insucesso a incapacidade de apreender e/ou reter devidamente o conhecimento, ou seja é a possibilidade de ancorar os conhecimentos transmitidos pelos professores na sala de aulas, causas principais de vários desequilíbrios emocional dos indivíduos. São múltiplos os fatores que contribuem para certas situações tais como a família, o próprio aluno, a sociedade e a escola segundo alguns autores. O aluno que possui insucesso não deve ser olhado como uma doença transmissível e incurável como atualmente observa-se nas sociedades angolanas, onde prevalece o pensamento de que o aluno com insucesso escolar é portador de deficiência cognitiva necessitando de tratamentos especiais. Pois antes de olharmos nesta vertente discriminadora e repugnante da sociedade e consciência humana, é necessário e urgente averiguar às redondezas, às suas raízes, às suas características individuais e dos seus responsáveis do seu processo educativo (país/encarregados de educação e professores) desde o seu contexto e nível social, para posteriormente argumentarmos soluções diversas capazes de amenizar à problemática.

Num olhar mais abrangente, pode-se observar que o insucesso escolar é parte do processo de ensino-aprendizagem, pois não é fácil negar a existência de uma turma que não haja alunos com esta problemática, ou seja, todas as instituições escolares emergem e são alvos de diversas situações degradantes neste processo, e não necessariamente uma lacuna conforme a perceção atual da sociedade angolana, levando a um olhar discriminadora à criança que percentue um elevado nível de insucesso, como se fosse algo incomum ou incompatível, tal como afirmava o Benavente (1976) que o insucesso escolar não é necessariamente uma lacuna do sistema educativo, mas um objetivo (oculto) incutido no mesmo, funcionando como uma forma de legitimar os privilégios sociais das classes médias e superiores

Neste nosso mundo real e palpável, a vida tem sentido com a existência de dois conceitos *antónimos paralelos: bem e mal, bonito e feio, insucesso e sucesso...*”, com isto queremos expressar que não é lógico falar do bem sem evidenciar que existe o mal, falar de amor e esquecer o ódio...a mesma sociedade que nos ensina a praticarmos o bem é a mesma que estimula a praticabilidade do mal, através de certos tabus sociais e culturais, ideologias políticas e religiosas, assim como a mente evolutiva humana que tende de abordar com a sua criatividade científica dia pois dia, novos conceitos e hábitos de vida por intermédio das médias. Transcorre neste pensamento a ideia de que tudo neste mundo tem uma razão de ser e as sociedades são o que são hoje, fruto das gerações passadas e da real filosófica “a dignidade humana” que permite ao homem à

imperfeição e ao condicionalismo. Logo é corajoso argumentar que o insucesso ou fracasso escolar é um fenómeno desastroso, incomum a sociedade. Epistemologicamente, a mente humana não é absoluta, nem dotada de perfeição em termos de desenvolvimento cognitivo, tudo o que é capaz de fazer e produzir depende do estado genético (fator hereditariedade), social (fator meio ambiente), psicológico (fator movido pelas suas próprias motivações), familiar (fator família) e das condições psicopedagógicas da instituição carregue pelas transformações formal da mente em causa.

Na visão de mestria, diríamos que o insucesso escolar não pode ser observado de forma singular, tendo em conta as suas amplitudes e influências sociais que podem aferir direta ou indiretamente neste facto. Ou seja, o insucesso escolar tornou atualmente uma ameaça à sociedade educativa, é causado por dois fatores: fator externo e interno ao aluno, destacando o fator externo: a família, sociedade e a escola onde cada um influencia de acordo a sua forma de atuação e o interno: o próprio aluno. Na nossa visão, o conceito insucesso escolar, toma liberdade de ser abordado quando apresenta um cunho formal e científico, uma questão lógica e real, quando encontra espaço-tempo numa determinada comunidade através do processo de ensino-aprendizagem, o que não acontece em todas as sociedades angolanas, quando o processo educativo escolar é predominante.

4.1 - As causas do insucesso escolar e eventuais sugestões para o seu combate

Nesta senda, conforme o nosso ponto de partida que visou analisar os fatores que estão na base do insucesso escolar dos alunos da 9ª classe da escola Católica do 1º ciclo Nossa Senhora da Sabedoria, Alt -Liro Município do Lobito, que suscitou perguntas científicas que nortearam a nossa investigação e para o alcance dos objetivos anteriormente preconizados com base a hipótese metodologicamente levantada, temos a fundamentar empiricamente em paralelo com os fundamentos teóricos sobre os resultados obtidos, tal conforme abaixo considera-se:

Assim sendo, a primeira pergunta de investigação visou conhecer os fundamentos teóricos que sustentam o insucesso escolar bem como os seus fatores, em conformidade à resposta desta pergunta pela sua amplitude e de modo evitarmos subjetividades, de acordo o ponto de vista de vários teóricos, afirma-se que o insucesso escolar com base o momento em que surge pode ser considerado como um fenómeno

precoce (Machado, 2007) pois na maioria das situações os sinais de que este se avizinha surgem desde os primeiros anos de escolaridade. A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (cit. por Cruz, 2009) refere três momentos onde é possível identificar o insucesso escolar: i) no ensino obrigatório, quando o rendimento do aluno fica abaixo da média; ii) aquando da desistência do aluno, antes de completar o ensino obrigatório, e; iii) quando a falta de conhecimentos, que deviam ter ficado retidos durante a escola, afeta a integração profissional. Não é nosso objetivo, nem deste estudo, traduzir o insucesso escolar numa dicotomia de progressão ou reprovação, é importante lembrar que existem neste campo uma vasta gama de indicadores que, apesar de não serem objeto explícito do nosso estudo, se traduzem em ferramentas úteis no estudo da temática, como refere Eurydice (1995) citado por Rosa (2013) os exames, as reprovações, os abandonos, os atrasos, são alguns dos indicadores passíveis de serem estudados. Até porque, como defende Marchesi & Pérez (2004), o insucesso escolar só pode ser explicado por um modelo multidimensional, que considere desde os fatores sociais, ao sistema educativo e da escola, fatores familiares, tipo de ensino na aula e motivação do aluno para aprender.

Atualmente, o insucesso escolar é, sem dúvida, uma das maiores preocupações de alunos, pais, professores, psicólogos e governantes, tal como demonstram os múltiplos e diversificados debates, conferências, livros e revistas que abordam o tema. Contudo, e apesar desta unanimidade quanto à importância da questão, o modo como o insucesso escolar é perspectivado, quer em termos de causalidade, quer em termos de estratégias para o solucionar, não parece reunir consenso.

A culpa do insucesso dos alunos é, por vezes, atribuída aos próprios alunos (Rovira, 2004), outras vezes à sociedade. Segundo Miranda (2010, citado por Rosa, 2013) o insucesso escolar pode ser entendido como *“resultado de um conjunto de fatores que atuam de modo coordenado” acrescentando ainda que “nenhum deles tomados isoladamente o conseguiria provocar”*.

Marchesi & Gil (2004) ao remeterem a responsabilidade do insucesso dos alunos à escola, às famílias, ao estado, ou ao sistema económico, convergem com o n.º 7 do Artigo 35 da Lei Constitucional Angolana ao exprimir que “o Estado, com a colaboração da família e da sociedade, promove o desenvolvimento harmonioso e integral dos jovens e adolescentes, bem como a criação de condições para a efetivação dos seus direitos políticos, económicos, sociais e culturais e estimula as organizações juvenis para a prossecução de fins económicos, culturais, artísticos, recreativos,

desportivos, ambientais, científicos, educacionais, patrióticos e de intercâmbio juvenil internacional. Nesta conformidade Santos (2009), agrupa os fatores de insucesso escolar em quatro conjuntos: a) fatores individuais; b) fatores familiares; c) fatores ambientais, e; d) fatores socioculturais.

Num estudo sobre as causas para o elevado insucesso Basturk & Yavuz (2010) identificaram aspetos como a discrepância entre certas disciplinas e o quotidiano dos alunos, a dificuldade das matérias, a existência de um preconceito formado de que a disciplina é difícil, a elevada abstração dos conceitos e ainda a elevada necessidade de memorização. Encontramos ainda na literatura alguns autores que deixam transparecer a ideia de que o insucesso escolar se encontra associado à contemporânea massificação escolar que se tem vivido atualmente.

Partindo para a segunda pergunta de partida que visou identificar os fatores que estão na base do insucesso escolar dos alunos da 9ª classe da escola Católica do 1º ciclo do ensino secundário Nossa Senhora da Sabedoria, Alto Liro Município do Lobito/Benguela, os resultados obtidos espelham que 20% da amostra do ano 2013 e 22% da amostra do ano 2014 afirmam que os fatores que estão na base das causas do insucesso escolar prendem-se com a falta de acompanhamento dos pais/encarregados de educação; 38% da amostra do ano 2013 e 36% da amostra do ano 2014 afirmam que as causas tendem as condições socioeconómicas, 20% da amostra do ano 2013 e 22% da amostra do ano 2014 afirmaram que a distância é um dos fatores que está na base do insucesso escolar, 3% dos alunos inquiridos no ano 2013 e 5% dos alunos inquiridos do ano 2014 apontam a falta de competência dos professores, 4% da amostra do ano 2013 e 8% da amostra do ano 2014 apontaram problemas de saúde como fator de insucesso escolar, 15% da amostra do ano 2013 e 18% da amostra do ano 2014 apontaram a falta de motivação dos alunos, 38% da amostra do ano 2013 e 33% da amostra do ano 2014 afirmaram falta de tempo para os estudos; 31% da amostra do ano 2013 e 28% da amostra do ano 2014 apontaram a dificuldade de compreender as explicações dos professores e 20% da amostra do ano 2013 e 18% da amostra do ano 2014 apontaram a indisciplina como um dos fatores que está na base do insucesso escolar, (ver nas tabelas 20, 25 e 31, pgs.74, 79 e 85). Com certeza estes resultados convergem com o pensamento de vários autores, assim como Marchesi & Gil (2004) quando atribui a responsabilidade do insucesso dos alunos à escola, às famílias, ao estado, ou ao sistema económico. A mesma opinião é partilhada por Santos (2009) citado por Rosa (2013), que agrupa os fatores de insucesso escolar em quatro conjuntos: a) fatores individuais;

b) fatores familiares; c) fatores ambientais, e; d) fatores socioculturais. Cada fator influi de forma singular no processo de ensino-aprendizagem, tal conforme processa-se análise interpretativa do paradigma em causa na sociedade angolana.

4.1.1 - Falta de acompanhamento dos pais/Encarregados de Educação:

Relativamente aos fatores que estão na base do insucesso escolar, dos inquiridos 20% da amostra do ano 2013 e 22% da amostra do ano 2014, afirmaram que tende à falta de acompanhamento dos pais/encarregados de educação. Atualmente as famílias têm sido apontadas com maior relevância como principais causadores do insucesso escolar, por causa da passividade que as mesmas apresentam na vida escolar dos seus filhos, alegando que o processo de ensino-aprendizagem é da responsabilidade da escola. Este pensamento não é o mais considerado neste fator, pois alguns Pais/EE são de alheias vontades a sua fraca participação na vida escolar dos seus filhos – uns por falta de noção e outros por questões económicas que os obrigam a sair às manhãs muito cedo e regressarem à meia-noite, deixando os filhos a dormir e encontrando-os a dormir, este comportamento é muito mais visível na cidade de Luanda, mas não livre em outras cidades, outros é mesmo por falta de interesse e por considerar da exclusiva responsabilidade da escola o processo de aprendizagem dos seus educandos, esquecendo o princípio de que a família é uma instituição mais importante e insubstituível na formação de personalidade dos indivíduos. A influência das famílias neste paradigma ocorre de diversas maneiras: brigas e separações conjugais, autoritarismo dos pais/encarregados de educação, as condições económicas, os tabus culturais – famílias que priorizam atividades agrícolas e as crenças culturais.

Na sociedade angolana ainda continua a luta da civilização, onde a maior parte das famílias de zonas rurais o processo de ensino-aprendizagem para seus educandos é última opção, pois está em primeiro lugar atividades agrícolas, ao pasto, à caça e a pesca. Considerando a educação formal como uma ação menos importante. O Executivo Angolano tem envidado bastante esforço nas suas políticas educativas para moldar este pensamento que periga até ao momento à sociedade que tem maior ambição no desenvolvimento cognitivo do indivíduo, com projetos de alfabetização, de modo a resgatar do obscurantismo científico o cidadão. Não tem sido uma tarefa fácil, tanto para o executivo como para as escolas. Logo, falar de insucesso escolar é, numa questão mais subjetiva exigir um pensamento lógico à uma criança, é obriga-la correr

enquanto está na fase de gatinhar. Mas tendendo a dinâmica global e o nível escolar em que a mesma sociedade encontra-se, vale reconsiderar a existência de zonas urbanas e suburbanas àquelas que estão a favor do desafio, querendo mergulhar na dinâmica universal, este que giza no plano nacional da educação angolana é nesta conformidade que destaca-se na presente pesquisa a participação da família na vida escolar dos seus educandos como um dos fatores principais do insucesso escolar.

4.1.2 - As condições socioeconómicas:

Este fator é avaliado por 38% pela amostra do ano 2013 e 36% pela amostra do ano 2014, segundo estes resultados, as condições socioeconómicas levam inegavelmente ao insucesso escolar, pois os problemas sociais económicos afetam diretamente nas escolas e famílias, logo não há recursos suficientes para sustentar a instituição escolar e criar condições favoráveis à aprendizagem dos seus filhos/educandos e alunos, o aluno ao invés de ir à escola prefere faltar para trabalhar sem se importar pela idade, alguns são movidos pelos seus próprios educadores (Pais/EE) e outros pelos seus próprios interesses ou pelas suas próprias necessidades. Não sabemos como ocorre noutra parte do mundo, mas a verdade é que na sociedade angolana é lastimável o facto de se observar diariamente com maior frequência crianças nas ruas a “zungarem”¹⁹, a lavarem carros, a engraxarem...e alguns a tomarem a rua como sua própria estadia mesmo tendo uma família, mas pelo facto da mesma possuírem características violentas, os filhos/educandos preferem abandonar o lar e sobreviverem as quedas da sanzala ou ruas, recorrendo aos viadutos, em baixos de pontes e prédios ou locais desabitados, desalojando desta forma da escola. As condições socioeconómicas deixam às famílias deturpadas e preocupadas, onde aquelas que não possuírem o carácter singular de um comportamento delineado à valores, pode conduzir-se a um estado desvinculado, distando os pais/encarregados de educação dos seus filhos/educandos, através da luta pela sobrevivência.

Neste ambiente indesejoso, a sede de se obter uma sociedade capaz de erguer as ambições para o mundo científico é maior, o que pressupõe um argumento mais envolvente nesta ação de carácter crucial para o desenvolvimento de uma determinada sociedade. Cada agente, grupo ou instituição social deve procurar conhecer a sua principal função e atuar de acordo as suas tarefas, sem monopolizar nem burocratizar as

¹⁹ Vendas ambulantes

estratégias gizadas para a garantia desse processo educativo e construtivo. O combate ao insucesso escolar é uma tarefa da sociedade em geral principalmente a família, a escola e o executivo, pois é o executivo que deve criar condições básicas e sustentáveis as famílias mais carentes, aquelas em que podem se excluir por causa do poder financeiro que não possuem.

4.1.3. Distância a percorrer para ir à escola:

Segundo os resultados obtidos nesta pesquisa na razão de 20% (2013) / 22% (2014) a distância é um dos fatores proeminente no insucesso escolar. Para a nossa sociedade, ainda é preocupante a carência de instituições escolares, principalmente para o 2º ciclo (ensino médio) e o superior, no ensino de base ou I ciclo nem tanto, mas ainda o percurso das moradias até a escola é longo, o que para muitos só é possível fazer-se presente na sala de aulas todos os dias ou a tempo e hora com transporte, o que não tem sido fácil para as famílias a sua garantia, uma falha de transporte traduz ausência ou atraso do aluno nas aulas e deste modo a probabilidade de o aluno ser afetado pelo insucesso escolar é maior, porque não possui o mesmo ritmo de aprendizagem que os outros. Para além do cansaço, fadiga, aborrecimento ou desmotivação e frustração que contrai por falta de condições, é atingido pela dificuldade de compreender às aulas. Alguns alunos, chegam ao ponto de evasar ou abandonar à escola e aqueles que persistem em continuar a estudar nestas condições da meia parte são consumidos pelo insucesso escolar.

Um aluno que tem que percorrer em caminhada, uma distância de 20 ou 30 km todos os dias, chega sempre a transpirar na turma e atrasado em algumas vezes, cansado e fadigado, com um estado totalmente já desmotivado pela vida que leva e como não bastasse encontra mas na escola um clima não favorável, pouco se pode esperar deste sucesso, pois o tédio, angústia, preconceito e o autor rejeição toma conta dele, tudo pelo facto de se sentir inútil na sociedade, por estar sempre a observar que existem outras crianças, adolescentes ou jovens que possuem uma vida invejável...acaba por vender a sua dignidade e despir-se da personalidade que o movia para uma socialização digna, em troca da liberdade às drogas, prostituição, vandalismo e outros vícios que podem degradar à boa imagem que foi cultivada pela sua família desde a sua tenra idade.

4.1.4 . A (in) competência dos professores:

No processo de ensino-aprendizagem, as competências pedagógicas do professor não são determinantes no insucesso escolar. De facto contribuem no bom rendimento do aluno mas não determina pelo facto de, este processo ser movido principalmente pelo próprio aluno. Tal conforme afirma nos resultados que o fator competência do professor não tem influenciado muito no insucesso escolar dos alunos da 9ª classe. Do professor exige-se eficiência, eficácia, responsabilidade e cientificidade, de modo abordar conhecimentos com rigor e cunho científico, com esta ideia, não estamos a discordar que este fator é indispensável no processo de ensino-aprendizagem, estamos afirmar que apesar de ser indispensável mas não é o mais absoluto ou determinante, mas a verdade é que a forma de transmitir conhecimento contribui significativamente nos resultados dos alunos na sala de aulas. Tal situação se justificaria na presença de se observar repetição da maior parte de alunos da mesma turma. É uma atitude incorreta pensar que o problema do insucesso escolar é exclusivamente da responsabilidade do aluno. Embora, este seja alvo principal do problema porque é na sua pessoa que se manifesta o processo de ensino-aprendizagem, outros elementos do sistema assim como o fator em destaque também podem contribuir, de certa forma para o insucesso escolar dos alunos.

Dada a proximidade de todos os fatores que podem contribuir para o insucesso escolar alguns autores como Tollefson (2000) afirma que existe a possibilidade de se entrar num ciclo vicioso de desresponsabilização, em que o aluno culpa o professor pelo seu insucesso, já o professor acusa o aluno de falta de interesse e/ou motivação, ou por outro lado, culpa o próprio sistema de ensino por não estar pronto para dar resposta a todos os alunos.

4.1.5 - Problemas de Saúde:

Infelizmente os problemas de saúde constituem atualmente na sociedade angolana um fator que grita pelas novas estratégias e lideranças, uma vez, que pouco se tem feito para acudir situações de crianças com esta realidade, os professores têm reunidos todas competências para garantirem que os problemas de saúde que os alunos enfrentam não sirvam de obstáculos nas suas aprendizagens, mas infelizmente a maior parte destas situações não dependem dos professores nem da escola, mais sim do plano nacional do executivo, o que não tem sido fácil em lidar com esta situação,

principalmente para problemas mais graves que envolve primeiramente aceitação da família sobre o problema que o filho apresenta e a exequível ação do executivo em criar condições de escolas com padrões de inclusão, capazes de responderem todas as particularidades individuais dos alunos, o que tem sido parte difícil por causa das condições socioeconômicas. A influência dos problemas de saúde varia de acordo a gravidade e o tipo, cada um afeta da sua maneira e incapacita aos portadores de executar com normalidade as suas tarefas escolares e não só, como posteriormente pode levar ao portador no comodismo, inibismo e cair no real de um comportamento totalmente desviante por alegar que não é bem-vindo na sociedade. Logo, para mudar desta situação, é indispensável uma envolvimento total da família, do executivo e da escola, uma vez que estes possuem a chave para alavancar sonhos que podem parecer perdidos aos alunos afetados e estimulá-los para o processo de ensino-aprendizagem.

4.1.6 - A (des)motivação dos alunos:

Os resultados afirmam que a motivação é um dos fatores que tem influenciado no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, o que remete-nos analisar sobre os efeitos colaterais que advêm neste fator, visto que ele é que é determinante e senhor absoluto para (in)sucesso escolar. O processo de ensino-aprendizagem é um sistema pedagógico que exige maior responsabilidade e motivação tanto para aquele que ensina quanto aquele que aprende.

Os alunos inquiridos na sua maior parte demonstraram pouca motivação para com os estudos, o que leva-os a estudarem de vez em quando ou nas vésperas de provas, tudo por falta de tempo para alguns porque devem atender as demandas de casa ou porque devem trabalhar para satisfazer as suas necessidades básicas, já que são de nível social baixo (pobre), onde desde muito cedo a sua sobrevivência depende do seu suor, outros por falta de interesse, outros pelo facto da instituição distar muito da sua moradia, outros por falta de tabus sobre um padrão comportamental sociocultural que o ajude a identificar a importância do ensino na sua própria vida, outros por falta de condições e outros por falta de uma orientação cultural e científica sobre a sexualidade por parte dos pais e professores, levando a maior parte dos adolescentes esta prática sexual passiva ou ativamente sem maturidade à uma gravidez precoce, deturpando desta forma singularmente os pais adolescentes. Em consequência, abandonar os estudos e

abraçar forçosamente atividade de pai ou mãe, em suma são vários os fatores que estão na beira deste paradigma motivacional.

4.1.7 - Pouco tempo para estudar:

A desigualdade social em Angola ainda é um facto lastimável, pois é abismal a diferença que separa uma classe social da outra e numa sala de aulas, os altos e baixos, discriminação e insultos de inferiorização é uma realidade. A luta pela sobrevivência quebrou as barreiras das fronteiras de idade que separava as tarefas e responsabilidade do sustento entre pais e filhos, estando atualmente quase todos imbuídos na mesma tarefa, onde os adolescentes aprendem de muito cedo a batalhar na vida principalmente da classe baixa que constitui uma meia parte da população angolana, sacrificando os estudos. Independentemente do horário que os filhos frequentam a escola, tão logo que regressam devem após as suas refeições caso haja, seguir os pais ao negócio e alguns para as suas próprias atividades laborais. Nestas condições, o tempo de rever as matérias fica corrompido pelas necessidades socioeconómicas. Os alunos não conseguem encontrar tempo para dedicar-se aos estudos, pelo facto de oferecerem a maior parte dos seus tempos aos trabalhos domésticos e à atividades laborais. Os resultados apuram que a maior parte dos alunos não têm tido tempo para rever os conteúdos, o que de facto leva-nos a uma reflexão sobre as estratégias que devem ser dotadas para o combate deste descalabro, onde a escola deve envolver com maior urgência os pais/encarregados de educação com propósito de encontrar um denominador comum para solução já que a família é pautada como maior causador deste problema através da falta de acompanhamento e participação nas atividades escolares dos seus educandos.

4.1.8 - Dificuldades em compreender as explicações dos professores:

Os resultados afirmam a dificuldade em compreender as explicações dos professores como um dos fatores que tem contribuído no insucesso escolar dos alunos. De facto, não muito de negar este fator, pois o processo de ensino-aprendizagem possui um carácter muito complexo na sua liderança. Os alunos, muitas das vezes não conseguem compreender as explicações dos professores porque alguns alegam que os professores explicam com demasiada rapidez e com pouca competência e outros por falta de interesse. O professor é um dos elementos relevantes e indispensável no

processo de ensino-aprendizagem devendo apresentar competências em transmitir com certa responsabilidade e qualidade levando os seus alunos à um pensamento criativo e único à matéria. São várias as razões que levam ao aluno a dificuldade em compreender as explicações dos professores, principalmente aqueles que pertencem nas famílias carentes e aqueles que possuem problemas de saúde. Logo o professor deve criar novos conceitos de métodos e técnicas para criar a todos os alunos o mesmo ritmo de aprendizagem e mesmas oportunidades. O desinteresse dos alunos pelas aulas é uma das consequências deste fator levando ao aluno a um comportamento indisciplinado e a sonolência, mas é da maior responsabilidade dos professores em mudar esta disposição dos alunos.

Logo, percebe-se que a escola precisa criar novas estratégias que evocam diariamente à uma participação ativa dos pais/encarregados de educação e criar novo ambiente da comunidade educativa onde o diálogo e partilha de ideia para uma ação imbuída na solidariedade. Proporcionando desta forma o reconhecimento social, respeito, maturidade, e identidade positiva ao aluno.

4.1.9 - A indisciplina na sala de aula:

A indisciplina é apontada como um dos fatores predominante no insucesso escolar, tendo em conta as suas características e consequências no processo de ensino-aprendizagem. Numa determinada turma, há sempre probabilidade de existir conflitos tendo em consideração a heterogeneidade que caracteriza a turma. A sala de aulas é um espaço que reúne indivíduos de várias classes sociais com diferentes níveis de vida. A presença de indisciplina é inevitável e as suas consequências podem ser bastante desastrosas quando não são geridos com competências e argumentos científicos. O professor tem uma tarefa muito difícil e complexo, logo o tipo de turma que se tem depende muito dele, ele é que determina na qualidade da turma através do seu perfil e modelo de liderança. Os alunos atualmente tendem a cair cada vez mais num comportamento inesperado à sociedade. É preocupante a maneira como os comportamentos disruptivos dominaram as escolas, criando um clima menos saudável e favorável ao processo de ensino-aprendizagem, os pais/encarregados de educação pela sua ausência desconhecem desta realidade dos seus filhos e alguns ainda persistem em afirmar que os seus filhos comportam-se bem. Os comportamentos dos alunos, tem sido

um dos maiores responsáveis no rendimento escolar, logo não se pode apontar pelo insucesso escolar sem termos em consideração do fator indisciplina.

Desta forma, vale conscientizar que ao invés de um culpar e desculpabilizar mútuo, todos devemos ter consciência que (na maioria dos casos) não se trata apenas de um fator, mas uma associação de acontecimentos que se conjugam na vida do sujeito e o levam a baixar os resultados escolares, pois Sil (2004) partilha a opinião de que as situações de insucesso escolar são provocadas por uma multiplicidade de causas e o mesmo se sucede com Schulman & Leviton (cit. por Fonseca, 1999) que identificaram uma inter-relação entre os fatores que se traduzem em dificuldades de aprendizagem, desde os problemas socioeconómicos, aos individuais, passando pelas oportunidades educacionais. Opinião partilhada por Guerreiro (1998) citado por Rosa (2013) ao referir que a qualidade das ligações que se estabelecem entre a família e a escola podem ser determinantes para a adaptação e mesmo para o desempenho do indivíduo.

Dada esta amplitude e complexidade é impossível esgotar apenas numa única perspetiva de análise, ou seja não se pode falar do insucesso escolar sem proceder uma análise prévia em relação aos elementos que estão implicados no processo educativo como: o aluno, a escola e as suas componentes, o professor, as características sócio económicas e culturais dos pais e encarregados de educação. Em suma o insucesso escolar pode constituir uma grande ameaça para o sistema educativo do país se o problema não for encarado com seriedade. É importante que os agentes implicados ou não no processo educativo estejam conscientes da amplitude real do problema e juntos possam articular esforços para o seu combate.

Relativamente ao terceiro objetivo que visou propor estratégias que devem dotar a escola para o combate ao insucesso escolar, tendo em evidência a complexidade e a gravidade em que proliferou este descalabro, os resultados propõem diversas estratégias, para o combate do insucesso escolar tais como: promover atividades lúdicas, criar um ambiente escolar sadio, criar uma relação professor-aluno sadia, promover uma participação ativa dos pais/encarregados de educação, promover seminários de capacitação aos professores, massificar o uso de computador na escola e implementar a merenda escolar. Olhando clinicamente para os fatores associados ao insucesso escolar, leva-nos afirmar que não existem estratégias absolutas capazes de sanar esta patologia. Tudo o que se pode fazer é criar algumas linhas orientadoras que talvez consiga traduzir resultados satisfatórios e reduzir o índice de reprovações ou de insucesso escolar.

As estratégias propostas pela escola para o combate deste paradigma, apesar de não garantirem a plena transparência, satisfazem à nossa investigação, pois deste jeito, haverá maior probabilidade de se reduzir o índice de insucesso escolar. Tendo em conta o fator motivacional que segundo os resultados contribui para este insucesso, a promoção de atividades lúdicas e um ambiente sadio vai de certa forma doar estímulo no aluno em querer estar na instituição escolar e até mesmo vai desejar passar o resto da sua vida na escola, pois na visão dele não existe melhor lugar que a escola, onde ele pode interagir amigavelmente com várias pessoas de forma pacífica e calorosa, com brincadeiras educativas que sem dar conta acaba aprendendo. As crianças são promotoras de paz, logo onde há construção cognitiva de forma lúdica, ajudará o aluno a alcançar resultados positivos. A envolvimento dos pais/encarregados de educação neste processo de ensino-aprendizagem contribui significativamente no rendimento escolar dos alunos, logo, tendo em conta as ideologias nascentes em certas famílias angolanas em acreditar que o ensino-aprendizagem não é a principal prioridade do indivíduo, devendo este primeiramente atender as necessidades da família, é da maior responsabilidade do executivo em comunhão com a escola criar estratégias que permitam a participação ativa dos pais/encarregados de educação. A merenda escolar é uma das estratégias motivacional que combateria a evasão escolar e atrasos.

Deste modo compreende-se que as escolas devem atuar de acordo as necessidades das sociedades, ou seja, os seus programas, planos e objetivos devem estar a favor às necessidades sociais, podendo desta forma, ajudar significativamente na construção de uma sociedade fidedigna que ao invés de vender as suas dignidades lutam com maturidade, responsabilidade e com atitude para sociedade sólida e “inteligente”.

CONCLUSÕES

Para presente dissertação, tendo em evidência os objetivos anteriormente preconizados, justificados pelo tipo de investigação optada, e com base os fundamentos teóricos e empíricos encontrados no decorrer da pesquisa, somos a apontar algumas conclusões.

Assim, teoricamente fundamentando de acordo os autores compulsados, o insucesso escolar tal conforme afirma Miranda (2010) é o resultado de um conjunto de fatores que atuam de modo coordenado acrescentando ainda que nenhum deles toma isoladamente o que conseguiria provocar. Deste modo Marchesi & Gil (2004) remetem a responsabilidade do insucesso dos alunos à escola, às famílias, ao estado, ou ao sistema económico. A mesma opinião é partilhada por Santos (2009), que agrupa os fatores de insucesso escolar em quatro conjuntos: a) fatores individuais; b) fatores familiares; c) fatores ambientais, e; d) fatores socioculturais.

Encontramos ainda na literatura alguns autores que deixam transparecer a ideia de que o insucesso escolar se encontra associado à contemporânea massificação escolar que se tem vivido atualmente. Dada a proximidade de todos os fatores que podem contribuir para o insucesso escolar, Tollefson (2000, cit. por Rosa, 2013, p. 20) afirma que existe a possibilidade de se entrar num ciclo vicioso de desresponsabilização, em que o aluno culpa o professor pelo seu insucesso, já o professor acusa o aluno de falta de interesse e/ou motivação, ou por outro lado, culpa o próprio sistema de ensino por não estar pronto para dar resposta a todos os alunos.

Os fatores que concorrem nas causas do insucesso escolar, numa classificação mais abrangente e categórica de acordo os resultados obtidos nesta senda a partir da amostra submetida predis põem na sua generalidade fatores extrínsecos e intrínsecos e na sua singularidade aponta para a falta de acompanhamento dos pais/encarregados de educação, as condições socioeconómicas, a distância, a falta de competência dos professores, problemas de saúde, falta de motivação dos alunos, falta de tempo para os estudos e a dificuldade de compreender as explicações dos professores, como fatores que concorrem na base do insucesso escolar dos alunos da escola em causa.

Em suma, os principais fatores subjacentes ao insucesso escolar, verificado na escola do 1º ciclo Nª Senhora da Sabedoria, são: **as condições socioeconómicas da família e da comunidade envolvente, as baixas habilitações dos pais/encarregados de educação, assim como as baixas expectativas em relação à escola.**

Desta forma, para o combate deste enigma foi proposto um guia metodológica para a escola que visa amenizar o insucesso escolar dos alunos da instituição em referência tais como: promover atividades lúdicas, criar um ambiente escolar sadio, criar uma relação professor-aluno sadia, promover uma participação ativa dos pais/encarregados de educação, promover seminários de capacitação aos professores, massificar o uso de computador na escola e implementar a merenda escolar. As estratégias propostas nesta escola para o combate deste paradigma, apesar de não garantirem a plena transparência, satisfazem à nossa investigação, pois deste jeito, haverá maior probabilidade de se reduzir o índice de insucesso escolar. Tendo em conta o fator motivacional que segundo os resultados contribui para este insucesso, a promoção de atividades lúdicas e um ambiente sadio vai de certa forma doar estímulo no aluno em querer estar na instituição escolar e até mesmo vai desejar passar o resto da sua vida na escola, pois na visão dele não existe melhor lugar que a escola, onde ele pode interagir amigavelmente com várias pessoas de forma pacífica e calorosa, com brincadeiras educativas que sem dar conta acaba aprendendo.

Com base a realidade angolana, é urgente a imbução de investigadores científicos, docentes e estudantes académicos em comunhão com o executivo na liderança de certas patologias como é o caso do insucesso escolar que tem vindo ameaçar lentamente e de forma mais brutal o processo de ensino-aprendizagem – que até então carece de maturidade, de modo os seus efeitos comecem a produzir e reproduzir no mundo científico. O olhar de crianças desesperadas com a vida do amanhã sem ter algumas calçadas e de adultos sem princípio para assegurar o futuro das mesmas é clínico.

Os objetivos anteriormente preconizados, que serviram como guia para a eficácia desta dissertação foram materializados sem obscuridades, pese embora tenham encontrado alguns detalhes que condicionaram o seu cumprimento.

Assim como toda e qualquer investigação possui sempre aspetos fortes e fracos, também a nossa apresenta alguns aspetos fracos tais como: deficiência em primeira instância relatar os fenómenos observados e recolhidos por intermédio dos instrumentos de investigação de forma sistemática e sequencial; incapacidade na primeira instância nas orientações metodológicas e normativas da dissertação, carência de livros e fontes atualizadas, falta de especialistas na área gestão de conflitos escolares.

A presente dissertação faculta a continuidade e avaliação dos outros pesquisadores e futuros precursores académicos para o enriquecimento científico da referida temática e ressaltar as partes em que fomos incapazes de discernir.

RECOMENDAÇÕES

Como sabemos a educação escolar tem a tarefa de promover a apropriação de saberes, atitudes, valores, por parte dos alunos e pela ação mediadora dos professores. Desta forma e de accordos os indicadores encontrados nesta pesquisa que tornam relevante, recomenda-se o seguinte:

- A escola deve primar pela qualidade, isto é, implica um projeto coletivo que requer ação coordenada e participação de todos nelas envolvidas. Uma escola de qualidade será aquela que for capaz de atender a diversidade, isto é, uma escola capaz de ir junto de cada um e ajudá-lo a progredir.
- A escola deve promover a participação ativa dos pais/encarregados de educação na vida escolar dos seus educandos, começando por criar uma associação.
- Os alunos devem procurar ser curiosos e não fique somente com a matéria dada pelo professor, pesquisem e traguem inovações para a sala de aulas de modo a complementar com o do professor.
- Alunos e professores devem aprender a respeitar-se e ajudar-se mutuamente, no sentido de resolverem cooperativamente os inúmeros problemas educacionais que lhes deparam.
- Os professores devem utilizar metodologias que se adequam às particularidades individuais dos alunos;
- O professor deve encarar o aluno como centro do processo educativo e que as atenções devem estarem centradas para ele.
- A escola deve desenvolver estratégias de combate ao insucesso ali verificado.
- A escola deve trabalhar para o sucesso de todos os alunos, isto é, tornar o sucesso escolar num único sucesso; só será possível desde que o aluno seja considerado o agente central do processo ensino aprendizagem.
- Desta forma, espera-se que os pioneiros do saber continuem a tratar do insucesso escolar, de forma particular para a sociedade angolana, de modo a criar calços e veredas para todos os intervenientes do processo educativo, visto que requer muito rigor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, M. V. *et al* (1983). “*Da prevenção do insucesso escolar ao desenvolvimento interpessoal*”, *Revista Portuguesa de Psicologia*, Ano XVII.
- BASTURK, S., & Yavuz, I. (2010). Investigating casual attributions of success and failure on mathematics. Instructions of students in turkish high schools. *Procedia Social and Behavioral Sciences*, 2 (2), 1940-1943
- BAYMA-FREIRE, H. (2008). O abandono escolar no ensino fundamental brasileiro: alguns fatores familiares. Dissertação de Mestrado não publicada. F.P.C.E.: Universidade de Coimbra
- BENAVENTE, A. (1991). “*Insucesso escolar no contexto português*”. In: *Ciências da Educação em Portugal: situação atual e perspetivas*. Porto, Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação.
- BRANCO, J. P. (2012). *Insucesso escolar e Autoconceito*. Porto: Universidade Fernando Pessoa. Dissertação de Mestrado.
- CASTRO, L. (1987). “*A Escola, contexto de desenvolvimento pessoal*”, *Cadernos de Consulta Psicológica*.
- COSTA & MELO (1989), *Dicionário de Língua Portuguesa*, 6ª edição, Porto Editora.
- FERREIRA, M. (2009). *O Insucesso Escolar e os Apoios e Complementos Educativos*. Dissertação de Mestrado em Administração e Políticas Educativas, Universidade de Aveiro
- FONSECA, V. (1999). *Insucesso Escolar: Abordagem Psicopedagógica das Dificuldades de Aprendizagem* (2ªed). Lisboa: Ancora Editora.
- INIDE (2001) – Ministério da Educação. *Estrutura Curricular*, Luanda/Angola
- LEI 13/01 (2001). *Lei de Base do Sistema da Educação de Angola*. Assembleia Nacional, Luanda-Angola.
- LEI 13/01 (2001). *Lei de Base do Sistema da Educação*, Luanda/Angola
- MACHADO, A. (2011). *O Ambiente Familiar e o Desempenho Escolar de Adolescentes*. Porto [Edição do Autor].

- MACHADO, M. (2007). Família e Insucesso Escolar. Tese de Doutoramento, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Porto: [edição do autor].
- MACHADO, J. P.(1977). Dicionário Etimológico de Língua Portuguesa, 3ª edição, Livros Horizonte, Lisboa.
- MARTINHO, B. (2007). O insucesso Escolar numa Escola do 1.º Ciclo do Ensino Básico de um contexto sócio-cultural carenciado. Dissertação de Mestrado em Supervisão, Universidade do Algarve
- MARCHESI, A. (2006). O que será de nós, os maus alunos?. Porto Alegre: Artmed.
- MARCHESI, A., & PÉREZ, E. (2004). A Compreensão do Fracasso Escolar. In Marchesi, A., & Gil, C. (Ed.), Fracasso Escolar: Uma Perspectiva Multicultural (pp. 17-33). Porto Alegre: Artmed.
- MARCHESI, A., & Gil, C. (2004). Fracasso Escolar: Uma Perspectiva Multicultural. Porto Alegre: Artmed.
- MINISTÉRIO, Ed. (1998). Regulamento das Escolas do Ensino Geral – REEG, Luanda/Angola
- MIRANDA, C. (2010). Causas de (in)Sucesso Escolar. Dissertação de Mestrado, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal.
- MONTAGNER, H. (1996). Acabar com o Insucesso na Escola: A Criança, as Suas Competências e os Seus Ritmos. Lisboa: Instituto Piaget.
- MUÑIZ, B. (1982). A Família e o Insucesso Escolar. (trad. por Rodrigues, L.). Porto: Porto Editora.
- ROAZZI, A. & ALMEIDA, L. (1988). Insucesso Escolar: Insucesso do Aluno ou Insucesso do Sistema Escolar? Revista Portuguesa da Educação: Minho, 1 (2), pp. 53-60.
- ROSA, B. M. M. (2013). Causas de Abandono e Insucesso Escolar: Comparação entre a Realidade Açoriana e Continental: Dissertação do Mestrado, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Vila Real, Portugal.
- SANTOS, A. (2009). (In)Sucesso Escolar de Crianças e Jovens Institucionalizadas. Dissertação de Mestrado, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, Portugal.

- SIL, V. (2004). *Alunos em Situação de Insucesso Escolar: Percepções, Estratégias e Opiniões dos Professores: Estudo Exploratório*. Lisboa: Instituto Piaget.
- SILVA, S., & LIMA, J. (2011). Liderança da Escola e Aprendizagem dos Alunos: Um Estudo de Caso Numa Escola Secundária. In *Revista Portuguesa de Pedagogia*: Coimbra, 45 (1), pp. 111-142.
- VIEIRA, L. (2007). *Angola: a Dimensão Ideológica da Educação (1975-1992)*. Luanda, Editorial Nzila. ISBN: 978-989-631-030-1.
- ZAU, F. (2002). *Angola: Filhos para o Desenvolvimento*. Lisboa: Universidade Aberta. Temas Educacionais N° 19, ISBN: 978-972-674-564-8.

ANEXOS

ANEXO 1: Programação

Programa	Atividades	Data	Objetivos	Local
Ação concreta	<ul style="list-style-type: none"> • Reuniões do conselho de direção • Reunião com: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Os professores ✓ Os pais e encarregados da educação e autoridades ✓ Os alunos. 	Por acordar	<ul style="list-style-type: none"> • Analisar a causa do desconhecimento • Realizar o estudo do caso • Informar aos pais e encarregados • Mobilizar os alunos para adesão do projeto 	Escola
Atividades permanentes	<ol style="list-style-type: none"> 1-Orientações no matutino 2-Encontros com os Professores selecionados 3-Planificar com responsável das atividades extras escolares 	Todos os dias úteis	<ul style="list-style-type: none"> • Informar os alunos do respeito e conhecimento das leis e normas que regularam a conduta social do cidadão • Identificar os símbolos nacionais • Cantar corretamente o hino Nacional 	Escola
Linhas de Ação	<p>Realização das atividades extras escolares</p> <p>Visitas aos locais históricos e culturais.</p>		<ul style="list-style-type: none"> • Fazer com que os alunos se familiarizem, juntar o teórico na vida real 	Escola Museu Sítios culturais
Determinações	<p>Controlo dos alunos por turma nos matutinos e vespertinos nas atividades extras escolares, marcando presenças</p>		<ul style="list-style-type: none"> • Manter a efetividade e assiduidade dos alunos • Avaliar o projeto (micro) 	Escola

Fonte: Direção da Escola.

Recursos e orçamentos anual

Designação	Preço	Total
4 Resmas de papel A4	350.kz	1400 kz
1 Tinteiro	7000 kz	7000kz
Alimentação	50.000kz	50.000kz
Fotocopias	10.000kz	10.000kz
Transporte	20.000kz	20.000kz
Comunicações (5 cartões)	900.kz	4500kz

Fonte: Direção da Escola.

ANEXO 2: Inquérito por questionário

Filiação:

Idade do pai _____ Profissão do pai _____

Habilitações escolares _____

Idade da mãe _____ Profissão da mãe _____

Habilitações escolares _____

1. CONSTITUIÇÃO DO AGREGADO FAMILIAR

Parentesco	Idade	Profissão	Habilitações

1.1. N° de irmãos que não fazem parte do agregado familiar _____

2. PERCURSO ESCOLAR DO ALUNO

Nível de Escolaridade	N° de retenções	Ano da retenção	Causas possíveis
1º Ciclo do Ensino Básico			
2º Ciclo do Ensino Básico			
3º Ciclo do Ensino Básico			

	Sim	Não	
Frequentaste o ensino Pré-escolar?			Quantos anos?
Já frequentaste esta escola?			Qual (caso não)?
Esta escola é a que mais te interessa?			Por que motivo?
No ano letivo anterior tiveste subsídio?			Qual o escalão?
Tiveste alguma falta disciplinar?			Quantas?
Tiveste algum apoio pedagógico?			A que disciplina(s)?
Tiveste negativas no ano anterior?			A que disciplina(s)?

Se não transitaste de ano, indica os motivos:

<input type="checkbox"/>	Dificuldades em compreender as explicações dos professores.
<input type="checkbox"/>	Os professores tratam os assuntos com demasiada rapidez.
<input type="checkbox"/>	Não consigo manter-me atento(a).
<input type="checkbox"/>	Não estudo o suficiente depois das aulas.
<input type="checkbox"/>	Esqueço rapidamente o que foi explicado na aula.
<input type="checkbox"/>	A turma era indisciplinada.
<input type="checkbox"/>	Falta de interesse pelas matérias.
<input type="checkbox"/>	Sinto receio de colocar dúvidas aos professores.
<input type="checkbox"/>	Problemas de saúde.
<input type="checkbox"/>	Tive mau ambiente em casa.
<input type="checkbox"/>	Outro _____

ESTUDO

Com que frequência estudas?

Diariamente Raramente Em vésperas dos testes

Quanto tempo por dia? _____

Onde estudas habitualmente?

Em casa Em que parte da casa? _____

Na Escola Em que parte da Escola? _____

Outros locais Quais? _____

Costumas utilizar livros da Biblioteca? Sim Não

Como gostas de estudar?

Sozinho Em grupo

Tens alguém que te ajude nos estudos? Sim Não

Se sim, quem é que habitualmente te ajuda?

Pais Irmãos Outros familiares Amigos/colegas Explicador (es)

Costumas conversar em casa sobre os estudos e a Escola?

Frequentemente Raramente Só no fim do período

Que grau de habilitações gostarias de atingir? _____

Que profissão gostarias de exercer um dia? _____

Quais são as tuas disciplinas preferidas? _____

E aquelas em que tens mais dificuldades? _____

Indica a qualidade que mais aprecias num Professor. _____

E a característica que consideras mais negativa. _____

Que esperas do teu(tua) Diretor(a) de Turma? _____

2.1 Quais as três disciplinais que preferes? _____; _____; _____

Quais as três disciplinas de que menos gostas? _____; _____; _____

Se dependesse de ti, continuavas a estudar? Sim Não

Porquê? _____

Profissão desejada: _____

Indica três características de um bom professor:

Exigente

Amigo dos alunos

Justo

Autoritário

Competente

Assíduo

Outra

Qual? _____

3. OCUPAÇÃO DOS TEMPOS LIVRES

Costumas ouvir música? Sim Não

Se sim, que tipo (s) de música preferes? _____

Costumas ver televisão? Sim Não

Se sim, indica dois programas preferidos:

Concursos		Telenovelas		Filmes		Desenhos animados
Noticiários		Documentários		Futebol		Outros desportos
Outros						

Costumas ajudar os teus pais? Sim Não

Se sim,

	Em casa	No ofício
Tarefas		
Tempo de execução		

Costumas ir: Cinema Teatro Circo

Se sim, quantas vezes por ano? _____

Praticas algum desporto? Sim Não

Se sim, qual? _____ Quantas vezes por semana? _____

Costumas ir à discoteca? Sim Não

Se sim, quantas vezes por mês? _____

Costumas ler? Sim Não

Se sim, que género de leitura? _____

Costumas usar o computador? Sim Não

Se sim, com que finalidade? _____

4. DESLOCAÇÕES CASA-ESCOLA

Como te deslocas para a Escola (indica a forma habitual)?

A Pé

Autocarro

Carro

Mota

Relativamente ao percurso casa-Escola:

Qual a distância? _____ Quanto tempo gastas a percorrê-lo? _____

Relativamente ao horário do transporte:

Obriga-te a chegar à Escola mais cedo do que precisarias? Sim Não

Se sim, quanto tempo? _____

Quanto tempo tens de esperar pelo transporte, no final de um dia de aulas? _____

5. SAÚDE/ ALIMENTAÇÃO

Consultas regularmente o médico?

Sim Não

Já tiveste ou tens algum problema de saúde?

Sim Não

Se assinalaste sim, na questão anterior, indica qual e em que idade ocorreu. _____

Doença(s) frequente(s): _____

Alergia(s): _____ Cuidados especiais de saúde: _____

Se tiveres alguma das dificuldades, abaixo indicadas, assinala-as:

Auditivas Visuais Motoras De fala Outras, quais? __

A que horas costumas deitar-te? __ Qual o número de horas que costumas dormir? _

Tomas o pequeno-almoço?

Em casa Na escola Não tomo

Se não, qual o motivo? _____

Merendas?

De manhã De tarde Não merendo


Que bebidas usas nas refeições? _____

Quantas vezes por semana não vais almoçar a casa? __ Neste caso, onde costumás almoçar?

Cantina da Escola Bar dos alunos Restaurante Outro local. Qual?

Obrigado pela tua colaboração!

MAPA 1

 <p>REPÚBLICA DE ANGOLA MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO Gabinete de Estudos, Planeamento e Estatística Departamento de Estatística e Planificação</p>	INFORMAÇÃO ESTATÍSTICA ENSINO SECUNDÁRIO 1º CICLO ANO LECTIVO 2013		Tipo de Ensino		Ensino Geral <input checked="" type="checkbox"/>	Ensino Técnico <input type="checkbox"/>
	Nome da Escola: <u>Nossa Senhora da Sabeledoria</u>		Número de turnos na escola		3	
Número da Escola		Última classe ensinada na escola		9.º		
Província: <u>Benguela</u>		Número de horas por turno		5		
Município: <u>Alto Ligonhi</u>		Nome do Director da Escola: <u>Angelina Juvane</u>		Idade: <u>50 Anos</u>		
Comuna: <u>Alto Ligonhi</u>		Nível académico: <u>Diferenciada</u>		Nº de Telefone: <u>923462032</u>		
Localidade: <u>Lobito</u>		Especialidade: <u>Pedagogia</u>		Distribuição de horas por semana		
Regime de Ensino		Público <input type="checkbox"/>		Director		
Privado <input type="checkbox"/>		Comparticipado <input checked="" type="checkbox"/>		Sub-Dir. Pedagógico		
		Nº de horas como Director		40		
		Nº de horas como Docente		40		

Quadro 1: Total de Alunos Matriculados por classe e idade (incluindo os repentes e os alunos com deficiência)

Idades Classes	Total de alunos por idade (em 30 de Novembro do presente ano)														TOTAL			
	12 ou menos		13		14		15		16		17		18		19 ou mais		MF	F
	MF	F	MF	F	MF	F	MF	F	MF	F	MF	F	MF	F				
7ª	170	85	133	54	246	110	159	89	100	44	82	56	103	62	95	42	1184	542
8ª	-	-	95	47	83	35	105	56	123	49	97	43	179	64	118	52	793	346
9ª	-	-	-	-	48	23	47	23	24	32	66	27	156	59	107	70	498	234
Total	170	85	228	101	377	168	335	168	297	125	238	126	440	185	320	164	2751	1122

Quadro 2. Turnos, Turmas por Classe

	Nº de Turmas	
	Nº de Turmas	Nº de Turnos
7ª	28	2
8ª	20	2
9ª	14	2
Total		

Quadro 3. Alunos Repetentes (que frequentam a mesma classe pela segunda ou mais vezes)

	Idade (em 30 Junho do presente ano)														TOTAL	
	13		14		15		16		17		18		19 ou +		MF	F
	MF	F	MF	F	MF	F	MF	F	MF	F	MF	F	MF	F		
7ª	1	-	20	13	4	3	7	1	73	29	49	36	57	47	205	123
8ª	-	-	-	-	-	-	2	-	14	6	37	16	23	8	76	30
9ª	-	-	-	-	-	-	-	17	5	23	12	27	17	67	34	
Total	1	-	20	13	4	3	9	1	104	40	109	64	101	66	348	187

Quadro 4. Alunos com deficiências

	Visual								Auditiva		Motora		Outras			
	MF		F		MF		F		MF		F		MF		F	
	MF	F	MF	F	MF	F	MF	F	MF	F	MF	F	MF	F		
7ª																
8ª																
9ª																
Total																

Instruções: 1. Preencha este formulário com letra clara e em maiúsculas. 2. Cada escola deve preencher 5 exemplares (1 cópia fica na escola, 4 cópias são enviadas à Coordenação Comunal de Educação até o dia 5 de Março do ano em curso).

Instruções: 1. Preencha este formulário com letra clara e em maiúsculas. 2. Cada escola deve preencher 5 exemplares (1 cópia fica na escola, 4 cópias são enviadas à Coordenação Comunal de Educação até o dia 30 de Março do ano em curso).

Definições. Regime de Ensino: Escola Pública: escola estatal, Escola Privada: escola sem intervenção do estado mas legalizada, Escola Comparticipada: escola privada onde o estado intervém com colocação de professores e pagamento dos salários. Turma: Grupo de alunos ensinados pelo mesmo professor ao mesmo tempo. Turno: Período de funcionamento da turma. São agrupados a partir do início do horário de funcionamento (ex. turno das 7-10 da manhã). Deficiências: Incapacidade. Visual: Relativa aos olhos ou vista. Auditiva: Relativa ao ouvido (exemplo surdez). Motora: Relativa a dificuldade para se movimentar ou deslocar.

Entidade que entregou o formulário: Escola Nossa Senhora da Sabeledoria Entidade que recebeu o formulário: República M. Ed. e Tecnologia

MAPA 2

Quadro 5. Pessoal docente (diante dos alunos) total e sem Formação Pedagógica												
Nível	Nível Académico dos Docentes										TOTAL	
	8ª ou 9ª classe		10ª -12ª classe		13ª classe		Bacharelato		Licenciatura ou mais		MF	F
	MF	F	MF	F	MF	F	MF	F	MF	F		
Pessoal Docente Nacional												
TOTAL	—	—	—	—	24	16	42	9	32	14	98	39
Sem FP	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Nº total de docentes estrangeiros											—	—
TOTAL docentes nacionais + docentes estrangeiros											98	39

Quadro 6. Idade do Pessoal docente (diante dos alunos)		
	MF	F
18-19 anos	—	—
20-24 anos	6	4
25-29 anos	15	5
30-34 anos	17	5
35-39 anos	15	2
40 ou mais	45	18
Total docentes na	98	39

Quadro 7. Pessoal Administrativo e Auxiliar		
	MF	F
Secretaria/s	4	2
Guarda/s	2	—
Limpeza	8	8
Docentes	4	—
Outros	—	—
TOTAL	18	10

Quadro 8. Infraestruturas e Equipamentos disponíveis						
Nº de Salas de Aulas	Blocos prefabricados	Cimento ou tijolo	Outros materiais	Carteiras para alunos, por tipo	Nº carteiras	Nº assentos (lugares)
Definitivas	22	—	—	Individuais (1mesa+1cadeira)	700	700
Provisórias	—	—	—	Duplas (2 assentos)	—	—
Improvissadas	—	—	—	Colectivas (assentos)	—	—
Total	22	—	—	TOTAL	700	700
Número de quadros pretos utilizáveis				22	—	—
				Número de Secretárias para docentes		22

Quadro 9. Manuais Escolares disponíveis						
	7ª		8ª		9ª	
	Prof.	Aluno	Prof.	Aluno	Prof.	Aluno
Língua Portuguesa	—	—	—	—	—	—
Matemáticas	—	—	—	—	—	—
Outros	—	60	—	120	—	60
Total	—	60	—	120	—	60

Quadro 10. Outras Infraestruturas		Tem?
Campo para desporto		1
Biblioteca		—
Casa de banho		3
Acesso á agua		X
Acesso á electricidade		X
Cantina escolar		1

Quadro 11. Salas de laboratorios		
	Nº de salas	Tem Equipamento?
Física	—	—
Biologia	—	—
Química	—	—
Outros	—	—
Total	—	—

Notas explicativas e Definições

Pessoal Docente : Pessoa que ministra o ensino/aprendizagem. Se o Director dá aulas, contar-se-á como docente. **Sem Formação Pedagógica (Sem FP)** : Que não tenha completado o ciclo de formação no ISCED, IMNE, EFP, EPF (ADPP), Magistério Primário ou Formação Docente

Sala de Aulas : Local onde se ministra o ensino e aprendizagem. **Sala Definitiva** : Infraestrutura concebida como sala de aula que possui quatro paredes e tecto, e está construída de cimento, tijolos, ou blocos pré-fabricados. **Sala Provisória** : construída de forma temporal, com pau-a-pique, adobos, palmas, ou outros materiais degradáveis, ou **Sala Improvisada**, quer dizer local não concebido inicialmente como sala de aula, utilizado temporariamente (exemplo: armazém, igreja, casa, etc.).

Secretária para docentes : 1 mesa + 1cadeira para o professor

Outras Infraestruturas: escrever "sim" se a escola tem a infraestrutura indicada ou "não" se não tem.

O RESPONSÁVEL PELA INFORMAÇÃO

Isabel Barque
Assinatura



MAPA 3



REPÚBLICA DE ANGOLA
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 Gabinete de Estudos, Planeamento e Estatística

FICHA AEI - APROVEITAMENTO FINAL POR CLASSES NO ENSINO SECUNDÁRIO 1º CICLO

Regime de Ensino	Público	—	Tipo de Ensino	Ensino Geral	X
	Privado	—		Ensino Técnico Profissional	—
	Comparticipado	X		Formação de Professores	—

ESCOLA Nº / NOME: <i>N.º 136 Sabe Boia</i>	ANO: <i>2013</i>	COMUNA: <i>Adrobrão</i>
Nº DE PROFESSORES QUE LECCIONAM: <i>98</i>	LECTIVO: <i>2013</i>	MUNICÍPIO: <i>Loandinha</i>
Nº TOTAL DE SALAS DE AULAS DEFINITIVAS: <i>22</i>		PROVINCIA: <i>Benguela</i>

CLASSES	ALUNOS MATRICULADOS		APROVADOS		REPROVADOS		DESISTIDOS		TRANSFERIDOS			
	SEXO		SEXO		SEXO		SEXO		EXPEDIDOS		RECEBIDOS	
	MF	F	MF	F	MF	F	MF	F	MF	F	MF	F
7ª CLASSE	1084	542	699	298	361	227	24	17	—	—	—	—
8ª CLASSE	793	346	448	206	294	126	51	14	—	—	—	—
9ª CLASSE	498	234	346	153	138	72	14	9	—	—	—	—
TOTAL	2375	1122	1493	657	793	425	89	40	—	—	—	—


Definições: Alunos Matriculados: matrícula inicial + novos alunos (matriculados com atraso ou transferidos vindos duma outra escola). Aprovados: alunos matriculados no final do ano que aprovam. Reprovados: alunos reprovados por falta de sucesso (por não aproveitamento)+ reprovados por falta de presença ao exame (não se deve incluir os desistidos). Transferidos: alunos transferidos para outra escola. Desistidos: alunos que abandonam a escola e saem do sistema educativo.

RESPONSÁVEL PELO PREENCHIMENTO DA FICHA: *Adriana Bonfim*

LOCAL E DATA DO PREENCHIMENTO: *Loandinha, 23.12*



MAPA 4

 REPÚBLICA DE ANGOLA MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO Gabinete de Estudos, Planeamento e Estatística Departamento de Estatística e Planificação	INFORMAÇÃO ESTATÍSTICA ENSINO SECUNDÁRIO 1º CICLO ANO LECTIVO 2014		Tipo de Ensino Ensino Geral <input checked="" type="checkbox"/> Ensino Técnico <input type="checkbox"/>
	Nome da Escola: <i>Nossa Senhora da Conceição</i> Número da Escola: <i>1003</i> Província: <i>Benguela</i> Município: <i>Luanda</i> Comuna: <i>Alto Lobo</i> Localidade: <i>Luanda</i>		Número de turnos na escola: <i>2</i> Última classe ensinada na escola: <i>9º</i> Número de horas por turno: <i>5</i> Nome do Director da Escola: <i>Angélica Javardis</i> Idade: <i>51 anos</i> Nº de Telefone: <i>923462032</i> Nível académico: <i>10º ano</i> Especialidade: <i>pedagogia</i> Distribuição de horas por semana Director: <i>40</i> Sub-Dir. Pedagógico: <i>40</i> Nº de horas como Director: <i>40</i> Nº de horas como Docente: <i>—</i>
Regime de Ensino Público <input type="checkbox"/> Privado <input type="checkbox"/> Comparticipado <input checked="" type="checkbox"/>			

Quadro 1: Total de Alunos Matriculados por classe e idade (Incluindo os repetentes e os alunos com deficiência)

Idades Classes	Total de alunos por idade (em 30 de Novembro do presente ano)																TOTAL	
	12 ou menos		13		14		15		16		17		18		19 ou mais		MF	F
	MF	F	MF	F	MF	F	MF	F	MF	F	MF	F	MF	F	MF	F		
7ª	207	89	119	68	99	52	74	35	93	49	105	69	93	37	23	23	863	462
8ª	—	—	193	88	162	69	168	36	134	64	128	82	97	45	74	22	751	421
9ª	—	—	—	—	87	38	51	24	28	39	95	43	122	61	113	41	552	246
Total	207	89	312	156	248	159	293	95	271	152	328	169	212	143	260	96	2310	1099

Quadro 2. Turnos, Turmas por Classe

	Nº de Turmas	Nº de Turnos
7ª	20	20
8ª	19	19
9ª	9	9
Total	48	48

Quadro 3. Alunos Repetentes (que frequentam a mesma classe pela segunda ou mais vezes)

	Idade (em 30 Junho do presente ano)												TOTAL			
	13		14		15		16		17		18		19 ou +		MF	F
	MF	F	MF	F	MF	F	MF	F	MF	F	MF	F	MF	F		
7ª	6	2	5	3	7	4	9	4	18	6	48	21	68	29	152	69
8ª	—	—	7	5	13	10	19	15	27	12	26	19	29	16	123	77
9ª	—	—	—	—	4	3	12	9	28	23	35	13	29	13	29	48
Total	6	2	12	8	22	17	30	22	55	27	102	62	126	58	254	194

Quadro 4. Alunos com deficiências

	Visual		Auditiva		Motora		Outras	
	MF	F	MF	F	MF	F	MF	F
7ª								
8ª								
9ª								
Total								

Instruções: 1. Preencha este formulário com letra clara e em maiúsculas. 2. Cada escola deve preencher 5 exemplares (1 cópia fica na escola, 4 cópias são enviadas à Coordenação Comunal de Educação até o dia 5 de Março do ano em curso).

Instruções: 1. Preencha este formulário com letra clara e em maiúsculas. 2. Cada escola deve preencher 5 exemplares (1 cópia fica na escola, 4 cópias são enviadas à Coordenação Comunal de Educação até o dia 30 de Março do ano em curso).

Definições, Regime de Ensino: Escola Pública: escola estatal, Escola Privada: escola sem intervenção do estado mas legalizada, Escola Comparticipada: escola privada onde o estado intervém com colocação de professores e pagamento dos salários, Turma: Grupo de alunos ensinados pelo mesmo professor ao mesmo tempo, Turno: Período de funcionamento da turma. São agrupados a partir do início do horário de funcionamento (ex. turno das 7-10 da manhã). Deficiências: Incapacidade, Visual: Relativa aos olhos ou vista, Auditiva: Relativa ao ouvido (exemplo surdez), Motora: Relativa a dificuldade para se movimentar ou deslocar.

Entidade que entregou o formulário: *Escola Nossa Srª da Conceição*, Entidade que recebeu o formulário: *República de Educação*

MAPA 5

Quadro 5. Pessoal docente (diante dos alunos) total e sem Formação Pedagógica												
Nível	Nível Académico dos Docentes										TOTAL	
	8ª ou 9ª classe		10ª -12ª classe		13ª classe		Bacharelato		Licenciatura ou mais		MF	F
	MF	F	MF	F	MF	F	MF	F	MF	F		
Pessoal Docente Nacional												
TOTAL	—	—	—	—	24	16	44	10	32	14	100	40
Sem FP	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Nº total de docentes estrangeiros											—	—
TOTAL docentes nacionais + docentes estrangeiros											100	40

Quadro 6. Idade do Pessoal docente (diante dos alunos)		
	MF	F
16-19 anos	—	—
20-24 anos	6	4
25-29 anos	13	5
30-34 anos	18	5
35-39 anos	13	7
40 ou mais	46	19
Total docentes na	100	40

Quadro 7. Pessoal Administrativo e Auxiliar		
	MF	F
Secretárias	4	2
Guardas	2	—
Limpeza	8	8
Docentes	3	—
Outros	1	—
TOTAL	18	10

Quadro 8. Infraestruturas e Equipamentos disponíveis						
Nº de Salas de Aulas	Blocos prefabricados	Cimento ou tijolo	Outros materiais	Carteiras para alunos, por tipo	Nº carteiras	Nº assentos (lugares)
Definitivas	22	—	—	Individuais (1 mesa+1 cadeira)	700	700
Provisórias	—	—	—	Duplas (2 assentos)	—	—
Improvisadas	—	—	—	Colectivas (— assentos)	—	—
Total	22	—	—	TOTAL	700	700
Número de quadros pretos utilizáveis		22	—	Número de Secretárias para docentes		

Quadro 9. Manuais Escolares disponíveis						
	7ª		8ª		9ª	
	Prof.	Aluno	Prof.	Aluno	Prof.	Aluno
Língua Portuguesa	—	—	—	—	—	—
Matemáticas	—	—	—	—	—	—
Outros	—	60	—	100	—	60
Total	—	60	—	100	—	60

Quadro 10. Outras Infraestruturas		Tem?
Campo para desporto		1
Biblioteca		—
Casa de banho		3
Acesso à água		X
Acesso à electricidade		X
Cantina escolar		1

Quadro 11. Salas de laboratórios		
	Nº de salas	Tem Equipamento?
Física	—	—
Biologia	—	—
Química	—	—
Outros	—	—
Total	—	—

Notas explicativas e Definições

Pessoal Docente : Pessoa que ministra o ensino/aprendizagem. Se o Director dá aulas, contar-se-á como docente. Sem Formação Pedagógica (Sem FP) ; Que não tenha completado o ciclo de formação no ISCED, IMNE, EFP, EPF (ADPP), Magistério Primário ou Formação Docente

Sala de Aulas : Local onde se ministra o ensino e aprendizagem. **Sala Definitiva** : Infraestrutura concebida como sala de aula que possui quatro paredes e tecto, e está construída de cimento, tijolos, ou blocos prefabricados. **Sala Provisória** : construída de forma temporal, com pau-a-pique, adobos, palmas, ou outros materiais degradáveis, ou **Sala Improvisada**, quer dizer local não concebido inicialmente como sala de aula, utilizado temporariamente (exemplo: armazém, igreja, casa, etc.).

Secretária para docentes : 1 mesa + 1 cadeira para o professor

Outras Infraestruturas : escrever "sim" se a escola tem a infraestrutura indicada ou "não" se não tem.

O RESPONSÁVEL PELA INFORMAÇÃO

Carolina Branco
Assinatura

O DIRECTOR DA INSTITUIÇÃO
Agelma F. Araújo
Assinatura e carimbo

MAPA 6



REPÚBLICA DE ANGOLA
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Gabinete de Estudos, Planeamento e Estatística

FICHA AEI - APROVEITAMENTO FINAL POR CLASSES NO ENSINO SECUNDÁRIO 1º CICLO

Regime de Ensino	Público	—	Tipo de Ensino	Ensino Geral	X
	Privado	—		Ensino Técnico Profissional	—
	Comparticipado	X		Formação de Professores	—

ESCOLA Nº / NOME: <i>Escola de Sabonão</i>	ANO: <i>2014</i>	COMUNA: <i>Atebiú</i>
Nº DE PROFESSORES QUE LECCIONAM: <i>100</i>	LECTIVO: <i>2014</i>	MUNICÍPIO: <i>Luanda</i>
Nº TOTAL DE SALAS DE AULAS DEFINITIVAS: <i>22</i>		PROVINCIA: <i>Benguela</i>

CLASSES	ALUNOS MATRICULADOS		APROVADOS		REPROVADOS		DESISTIDOS		TRANSFERIDOS			
	SEXO		SEXO		SEXO		SEXO		EXPEDIDOS		RECEBIDOS	
	MF	F	MF	F	MF	F	MF	F	MF	F	MF	F
7ª CLASSE	863	422	470	246	381	167	12	9	—	—	—	—
8ª CLASSE	951	421	628	299	314	115	9	7	—	—	—	—
9ª CLASSE	556	246	398	122	142	112	16	12	—	—	—	—
TOTAL	2370	1089	1496	667	837	394	37	28	—	—	—	—

Definições: Alunos Matriculados: matrícula inicial + novos alunos (matriculados com atraso ou transferidos vindos duma outra escola). Aprovados alunos matriculados no final do ano que aprovam. Reprovados: alunos reprovados por falta de sucesso (por não aproveitamento)+ reprovados por falta de presença ao exame (não se deve incluir os desistidos). Transferidos: alunos transferidos para outra escola. Desistidos: alunos que abandonam a escola e saem do sistema educativo.

RESPONSÁVEL PELO PREENCHIMENTO DA FICHA: *deu lírio da Silva*

LOCAL E DATA DO PREENCHIMENTO: *Luanda, 30.01.2015*

O DIRECTOR DA INSTITUIÇÃO
[Assinatura]
Assinatura e Carimbo
[Carimbo circular]